

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Instituto de Ciências Humanas**  
**Programa de Pós-Graduação em História**



Dissertação de Mestrado

**O CAMPEONATO BRASILEIRO DE FUTEBOL DE 1985: MEMÓRIAS DO GRÊMIO  
ESPORTIVO BRASIL DE PELOTAS**

**Juan Sampaio Neitzke**

Pelotas, 2020

**Juan Sampaio Neitzke**

**O CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1985: MEMÓRIAS DO GRÊMIO ESPORTIVO  
BRASIL DE PELOTAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dalila Müller

Pelotas, 2020

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

N417c Neitzke, Juan Sampaio

O campeonato brasileiro de 1985 : memórias do Grêmio Esportivo Brasil de Pelotas / Juan Sampaio Neitzke ; Dalila Müller, orientadora. — Pelotas, 2020.

159 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2020.

1. Futebol. 2. Memória. 3. História oral. 4. Pelotas/RS. 5. Grêmio Esportivo Brasil. I. Müller, Dalila, orient. II. Título.

CDD : 796.33409

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

## JUAN SAMPAIO NEITZKE

O Campeonato Brasileiro de 1985: Memórias do Grêmio Esportivo Brasil de Pelotas

Dissertação aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pelotas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa:

Banca examinadora:

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Dalila Müller (Orientadora)  
Doutora em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Prof<sup>o</sup>. Dr. João Manuel Casquinha Malaia Santos  
Doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo

Prof<sup>o</sup>. Dr. Jonas Moreira Vargas  
Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lorena Almeida Gill  
Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, não poderia deixar de agradecer a minha orientadora, a Professora Doutora Dalila Müller. Sou grato por todo profissionalismo, empenho acadêmico e, também, pela sensibilidade nos momentos mais difíceis com os quais me deparei durante a pós-graduação. Todas as suas críticas foram de extrema valia para a construção desta dissertação; mas não só, pois também se mostram importantes para todo o meu caminhar enquanto estudante.

Agradeço a minha pequena e valorosa família. Sou grato pelo apoio e incentivo que sempre recebi, pois, mesmo não nascendo “em berço de ouro”, vocês foram a base que possibilitaram a minha formação como bacharel, licenciado e mestre em História.

Sou grato aos amigos Alisson e Diogo, ambos historiadores e grandes seres humanos. Cada crítica que vocês fizeram após as leituras de meu texto foi importante para a construção dele.

Agradeço a banca pela disposição de ler e avaliar este estudo, colaborando, assim, para a sua melhoria. Destaco que a presença de vocês em minha banca de qualificação, em 2019, foi um ponto extremamente positivo para a construção do texto final, pois as suas considerações e sugestões emitidas naquele momento abriram novos caminhos para a minha pesquisa.

Agradeço a cada depoente que destinou seu tempo para lembrar. Sem a participação deles, a pesquisa se tornaria inviável. Antonio Munhoso, Argeu Bastos, Claudio Andrea, Hélio Vieira, Rogerio Moreira, Sergio Cabral (*in memoriam*) e Ubiraci Souza, muito obrigado.

Sou grato a Universidade Federal de Pelotas, ao Instituto de Ciências Humanas da UFPel e a CAPES. É precioso, enquanto cidadão brasileiro, ter acesso ao ensino superior de maneira gratuita, com qualidade e em um ambiente socialmente referenciado. Estimo que, no futuro, as universidades públicas recebam mais investimento e atenção, pois são instituições basilares para a construção de uma sociedade digna.

## RESUMO

NEITZKE, Juan Sampaio. **O Campeonato Brasileiro de 1985**: Memórias do Grêmio Esportivo Brasil de Pelotas. Orientadora: Dalila Müller. 2020. 159 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

O estudo intitulado “O Campeonato Brasileiro de 1985: Memórias do Grêmio Esportivo Brasil de Pelotas” é uma pesquisa desenvolvida através da análise de diferentes fontes, como entrevistas e periódicos, que tratam da participação do Brasil de Pelotas no Campeonato Brasileiro de Futebol de 1985, ano em que terminou na terceira colocação dentre 44 equipes participantes. A fonte em História Oral foi produzida após a gravação e transcrição de um total de nove entrevistas com oito diferentes depoentes, durante os anos de 2018, 2019 e 2020. Os periódicos foram analisados nos anos de 1985, 2000, 2005 e 2020 – estes anos foram escolhidos tendo por base os acontecimentos durante a participação do Brasil de Pelotas no Campeonato Brasileiro e suas posteriores narrativas. Em 1985, o Brasil de Pelotas disputou o seu quarto e último Campeonato Brasileiro de Futebol da primeira divisão. Anteriormente, participou das edições de 1978, 1979 e 1984. As memórias acerca desta participação em uma competição esportiva foram sendo construídas por diferentes suportes de memórias, sendo a oralidade e a imprensa dois promotores de narrativas sobre o passado. Observou-se no decorrer do estudo, as características presentes em um fenômeno de memória coletiva – vivida pelos ex-atletas, ex-dirigentes e torcedores envolvidos *in loco* durante a participação do clube no Campeonato Brasileiro de 1985. As narrativas dos entrevistados comentam sobre o seu envolvimento com o clube, inclusive antes do ano que aqui se tem por foco, porém, assim como os jornais, com o passar do tempo reverberam uma narrativa construída, sendo presente aspectos em comum nas falas dos diferentes depoentes e o conteúdo nos periódicos durante os 35 anos que afastam o presente do período rememorado.

Palavras-Chave: Futebol. Memória. História Oral. Pelotas. Grêmio Esportivo Brasil.

## ABSTRACT

The study entitled “O Campeonato Brasileiro de 1985: Memórias do Grêmio Esportivo Brasil de Pelotas”, is a research developed through the analysis of different sources, such as interviews and periodicals, which deal with the participation of Brasil de Pelotas in the Brazilian Football Championship of 1985, year in which the club finished in third place among 44 participating teams. The source in Oral History was produced after the recording and transcription of a total of nine interviews with eight different deponents, during the years 2018, 2019 and 2020. The newspapers were analyzed in the years 1985, 2000, 2005 and 2020 - these years were chosen based on the events during the participation of Brasil de Pelotas in the Brazilian Championship and their subsequent narratives. In 1985, Brasil de Pelotas disputed your fourth and last Brazilian Championship of Football of the first division. Previously, participated in the editions of 1978, 1979 and 1984. The memories about the participation in a sport competition were being built by different supports of memories, orality and the press being two promoters of narratives about the past. During the study, the characteristics present a phenomenon of collective memory - experienced by ex-athletes, ex-managers and supporters that followed *in loco* during the participation of the club in the 1985 Brazilian Championship were observed. The narratives of the interviewees comment on the their involvement with the club, even before the year that is focused on here, however, like the newspapers, over time, a constructed narrative reverberates, with common aspects present in the speeches of the different interviewees and the content in the periodicals during the 35 years that take the present away from the remembered period.

Keywords: Football. Memory. Oral History. Pelotas City. Grêmio Esportivo Brasil.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Prédio da Cervejaria Haertel, local onde surgiu o Grêmio Esportivo Brasil. ....	54
Figura 2: Equipe do Grêmio Esportivo Brasil, 1919. ....	57
Figura 3: Jogador Nestor Pedroso - Fruto. ....	57
Figura 4: O primeiro pavilhão do Grêmio Esportivo Brasil de Pelotas. ....	60
Figura 5: Faixa colocada na arquibancada, com denominação que virou apelido/símbolo da Torcida Xavante. Datada dos anos 1960. ....	62
Figura 6: Jornal Correio do Povo, de Porto Alegre, comenta a conquista do Brasil de Pelotas do primeiro Campeonato Gaúcho de Futebol. ....	63
Figura 7: Elenco do Brasil de Pelotas (foto identificada como datando do final da década de 1920/início da década de 1930). ....	64
Figura 8: Equipe dos “filhotes” do Brasil de Pelotas e dirigentes do clube em um clássico Bra-Pel do ano de 1929. Nomes não identificados. ....	64
Figura 9: Equipe do Brasil de Pelotas em 1930. ....	65
Figura 10: Equipe do Brasil de Pelotas em 1932. ....	65
Figura 11: Estádio Bento Freitas no dia de sua inauguração. ....	67
Figura 12: Seleção Uruguaia 1 x 2 Grêmio Esportivo Brasil: 19/03/1950. Estádio Centenário, Montevideu. ....	69
Figura 13: Equipe do Brasil de Pelotas campeã do Torneio Seletivo de 1977. ....	91
Figura 14: Público presente na partida entre Brasil de Pelotas x Grêmio, valida pelo Campeonato Brasileiro de 1979. ....	93
Figura 15: Brigada Militar contem o público junto ao alambrado do Estádio Bento Freitas durante a partida entre Brasil de Pelotas e Grêmio. ....	93
Figura 16: Equipe do Brasil de Pelotas em 1984. ....	95

Figura 17: Capa do jornal pelotense Diário Popular um dia após o jogo Brasil 2 x 0 Flamengo. ....	101
Figura 18: Jornal de Porto Alegre, Zero Hora, comenta a vitória do Brasil contra o Flamengo. ....	101
Figura 19: Brasil de Pelotas no Maracanã (1985). ....	104
Figura 20: Camisa lançada em comemoração aos 35 anos da partida entre Brasil de Pelotas e Flamengo. ....	109
Figura 21: Estádio Bento Freitas no final da década de 1970 e quadro em comemoração ao Torneio Seletivo de 1977. ....	116
Figura 22: Argeu Bastos expõe camisa do Brasil de Pelotas, ofertada em sua homenagem. ....	120
Figura 23: Argeu Bastos expõe camisa da Seleção Brasileira utilizada pelo seu filho. ....	120
Figura 24: Troféu ofertado à Claudio Andrea em homenagem a campanha do Brasil de Pelotas em 1985. ....	121
Figura 25: Cartela referente ao sorteio de um televisor, promovido pelo clube. ....	130
Figura 26: Prêmio sendo entregue ao ganhador de um sorteio de televisor promovido pelo clube. ....	130
Figura 27: Reportagem do ano de 2000 no jornal Diário Popular. ....	135
Figura 28: Capa do jornal Diário Popular em 2005. ....	136
Figura 29: Matéria jornalística de 2020 sobre o jogo entre Brasil x Flamengo. ....	140

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Clubes de futebol fundados em Pelotas entre as décadas de 1910 e 1940. ....	49
Quadro 2: Campeões Gaúchos entre os anos 1919 e 2019. ....	67
Quadro 3: Campões e vice-campeões da Taça Brasil de Futebol (1959-1968) e do Torneio Roberto Gomes Pedrosa (1967-1970). ....	81
Quadro 4: Campeões e vice-campeões do Campeonato Brasileiro de Futebol de 1971 a 1985 e suas cidades sedes. ....	84
Quadro 5: Jogos do Brasil de Pelotas válidos pelo primeiro turno da primeira fase do Campeonato Brasileiro de 1985. ....	97
Quadro 6: Jogos do Brasil de Pelotas válidos pelo segundo turno da primeira fase do Campeonato Brasileiro de 1985. ....	98
Quadro 7: Jogos do Brasil de Pelotas válidos pela fase final do Campeonato Brasileiro de 1985. ....	99

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1: O FUTEBOL EM PELOTAS E O GRÊMIO ESPORTIVO BRASIL. ....</b>	<b>37</b>
<b>CAPÍTULO 2: O CAMPEONATO BRASILEIRO DE FUTEBOL E O GRÊMIO ESPORTIVO BRASIL.....</b>	<b>72</b>
<b>CAPÍTULO 3: MEMÓRIA XAVANTE: O CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1985. ....</b>	<b>105</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>143</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>146</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>153</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>154</b>

## INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, estudo as memórias sobre a trajetória do Grêmio Esportivo Brasil, time da cidade do interior gaúcho, no Campeonato Brasileiro de 1985. Um momento específico e, talvez, peculiar do futebol brasileiro, no qual um feito atípico ocorreu no Campeonato Brasileiro de 1985, quando o Grêmio Esportivo Brasil, da cidade de Pelotas, alcançou o posto de 3º colocado ao final da disputa. Nesta edição duas outras equipes que ocuparam o topo da classificação não eram favoritas a uma boa campanha, sendo estas o Coritiba Foot Ball Club, da capital paranaense, que se sagrou campeão, e o Bangu Atlético Club, equipe do subúrbio carioca, sendo o vice-campeão.

Deste modo, o trabalho aborda as memórias de um evento esportivo nacional que envolve a conquista das melhores colocações por clubes que, à época, não figuravam entre os favoritos. Sendo dois desses – Brasil e Coritiba – de cidades fora de grandes centros esportivos brasileiros e tendo, também, o Bangu, clube do subúrbio da cidade do Rio de Janeiro. Vale destacar que, tanto o Brasil de Pelotas, como o Coritiba e o Bangu, anteriormente ao ano de 1985 eram instituições esportivas com tradição em suas cidades e respectivas regiões, porém, não no Campeonato Brasileiro.

A ruptura com a lógica futebolística ocorreu neste ano, pois, em edições anteriores, apenas equipes do eixo Rio-São Paulo e de outros centros desportivos como Porto Alegre (Sport Club Internacional, campeão em 1975, 1976 e 1979) e Belo Horizonte (Clube Atlético Mineiro, campeão em 1971) tinham conquistado este título. Acerca deste momento de ruptura<sup>1</sup>, Daniel Vinicius Ferreira (2013), em sua dissertação intitulada “*Visões de um jogo e o jogo das visões: as condicionantes para vitória do Coritiba foot ball club no campeonato brasileiro de futebol de 1985*”, comenta:

O Campeonato Brasileiro de 1985 conheceu um campeão que interrompeu a série de vitórias exclusivas dos clubes do eixo Rio-São Paulo. O Coritiba

---

<sup>1</sup> Quanto ao aspecto de ruptura, algo similar ocorreu em 1987, quando o Sport Club do Recife foi o Campeão Brasileiro (título ainda envolto em polêmicas junto ao Clube de Regatas do Flamengo); em 1988, quando o Esporte Clube Bahia, de Salvador foi campeão e, também, no ano de 2001, quando o Clube Atlético Paranaense conquistou o campeonato. (FERREIRA, 2013).

Foot Ball Club, o campeão daquele ano, não correspondia a uma lógica que pode ser constatada historicamente no torneio até então: o predomínio maciço de clubes campeões, provenientes do eixo Rio-São Paulo. Este predomínio regionalizado no torneio é facilmente verificado quando se considera que nos 41 anos de disputa (1971-2012), a proveniência dos campeões corresponde 13 deles para o Rio de Janeiro e 18 são advindos de São Paulo. Portanto, praticamente 75% dos títulos do Campeonato Brasileiro foram conquistados pelo eixo Rio/São Paulo. (FERREIRA, 2013, p.10)

A partir de 2013 até os dias atuais a situação não mudou, ocorrendo predominância de equipes de Rio de Janeiro e São Paulo nas conquistas de Campeonatos Brasileiros, conforme pode se ver no site da Confederação Brasileira de Futebol<sup>2</sup>. Das sete edições disputadas entre 2013 e 2019, por cinco vezes os clubes campeões foram do eixo Rio-São Paulo, ou seja, mantendo-se com mais de 70% dos títulos conquistados.

O presente estudo tem por foco a análise da memória de atores sociais envolvidos com o Grêmio Esportivo Brasil no campeonato nacional de futebol profissional, momento esportivo em que houve uma mudança/ruptura histórica entre os clubes que ocuparam as fases finais da competição – a se destacar o Bangu e o Brasil de Pelotas, pois o Coritiba havia sido terceiro colocado na mesma competição em 1979 e quarto colocado no ano de 1980. Além disso, destaca-se que ao estudar a memória de pessoas envolvidas com o Brasil de Pelotas em 1985 e sua trajetória no Campeonato Brasileiro desse ano, essa dissertação valoriza uma experiência local (sul do interior gaúcho) em uma competição de nível nacional.

Me dedico ao estudo da história do futebol desde minha primeira graduação em história licenciatura, na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), onde realizei trabalho de conclusão de curso sobre as torcidas organizadas do Grêmio Esportivo Brasil de Pelotas existentes no ano de 2016. Além de artigos sobre este esporte, realizei, em minha segunda graduação, em história bacharelado, também na UFPel, um estudo sobre a história de vida do senhor Guilherme Silva Dias, mais conhecido como Trem, que é considerado o torcedor símbolo do Grêmio Atlético Farroupilha, outro clube pelotense. Para além da produção acadêmica, é válido citar que desde

---

<sup>2</sup> Em 2013 e 2014 o Campeão do Campeonato Brasileiro de futebol foi o Cruzeiro Esporte Clube, de Belo Horizonte. Após estas duas edições, apenas clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo foram vencedores, como o Sport Club Corinthians Paulista em 2015 e 2017, a Sociedade Esportiva Palmeiras em 2016 e 2018, e, por fim, o Clube de Regatas Flamengo, em 2019. (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL, 2020).

muito jovem estou envolvido no meio futebolístico, sendo um entusiasta do futebol de modo geral – desde criança acompanho jogos de diferentes equipes do Brasil e do estrangeiro, de diferentes divisões, sempre que possível indo acompanhá-las *in loco*, dentro ou fora de minha cidade, Pelotas. Em minha adolescência, tive a experiência de atuar como goleiro em categorias de base de clubes profissionais como o Esporte Clube Pelotas e o próprio Brasil de Pelotas. Por fim, cabe salientar que sou torcedor Xavante<sup>3</sup>.

Apesar de uma presença massiva no cotidiano da população brasileira – seja no rádio, na televisão ou na conversa em mesa de bar – foi no final dos anos 1970, com a influência da Nova História, que novos temas se tornaram aceitos como possíveis objetos de investigação histórica. A partir dessa data é que, efetivamente, o futebol será alvo de pesquisas acadêmicas. Abre-se, assim, um novo horizonte para a pesquisa da história do futebol no Brasil.

Textos produzidos no Brasil datam do início do século XX. Eram cartilhas que contavam com uma escrita técnica, produzidas para servir como forma de divulgar as regras do esporte inglês, que ainda engatinhava em nosso país. Além da divulgação das regras em cartilhas, outro estilo de escrita que marcou o início do futebol no Brasil foram os folhetins e revistas. Essas últimas se dedicavam à abordagem do meio social que cercava o futebol praticado em clubes frequentados pela elite. Além disso, procuravam retratar o estilo de vida dos jogadores, que eram mostrados como personagens saudáveis e elegantes. Logo após os anos iniciais do futebol no Brasil, aliado a popularização do esporte, o material escrito era principalmente jornalístico, havendo aqui e acolá um olhar acadêmico.

Conforme João Santos e Maurício Drumond (2012), ao tratarem de maneira cronológica as produções sobre o futebol no Brasil no artigo “*A construção de histórias do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões*”, pode-se dividir a produção acerca do futebol no Brasil em quatro gerações, divididas entre 1922 e 2000. Os autores destacam que no ano de 1922 estava presente no “*Dicionário Histórico, Ethnographico e Geographico do Brasil*”, organizado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), o verbete “desporto” – não tratava apenas do futebol –,

---

<sup>3</sup> Xavante é o termo que, popularmente, designa o torcedor e o time do Grêmio Esportivo Brasil de Pelotas.

em que o autor do primeiro texto do verbete, Roberto Trampowski, comentou acerca da mudança de hábito necessária entre os jovens com a “introdução do foot-ball”. Em um segundo texto sobre o verbete tratado, o autor Francisco Calmon expõe os nomes das ligas filiadas a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), fundada em 1914, além de exaltar a CBD e o papel de clubes dirigidos por membros da elite.

No ano de 1933 é produzido o livro *Grandezas e misérias do futebol brasileiro*, do ex-jogador Floriano Peixoto Correa que denunciava as condições em que atletas atuavam no Rio de Janeiro e em São Paulo. Segundo Santos e Drumond (2012, p. 23), a obra “deu ao esporte a direção das discussões política e social mais amplas em curso na sociedade brasileira, tratando-se de uma obra fundamental”.

Um marco para a segunda geração foi a produção, em 1947, do livro *O negro no futebol brasileiro* de Mario Filho, em que o autor ia de acordo às teses de Gilberto Freyre sobre uma miscigenação benéfica entre negros e brancos no Brasil, sendo que esta era produtora de uma forma específica do brasileiro jogar futebol. Na véspera da Copa do Mundo de Futebol disputada no Brasil em 1950, o também jornalista Thómas Mazzoni produz *História do futebol no Brasil, 1894-1950*, em que defende a tese do surgimento do futebol no país através de Charles Miller.

Não apenas no Brasil que, academicamente, a temática da história do esporte remonta à década de 1970. Susan Cahn (1994), argumenta que a produção acadêmica, em oposição às escritas factuais e celebrativas sobre o assunto, nasce nesse período também nos Estados Unidos, devido as aberturas de temas proporcionados pela Nova História Cultural e Social. Segundo a autora:

História do Esporte tem sido o último florescimento entre os subcampos da história dos Estados Unidos, desenvolvendo-se nas últimas duas décadas ao lado e como parte da nova história social e cultural. Como eles se esforçaram para separar seu trabalho de histórias "populares" anteriores do esporte, escritas por jornalistas ou outros historiadores não acadêmicos. Histórias de esportes populares, que continuam a ser mais numerosas e amplamente lidas do que estudos acadêmicos, apresentam apresentação empírica e cronológica de "fatos" esportivos, como resultados de jogos e registros de vitórias e derrotas ou, alternativamente, evocam seu tema de forma romântica e reverente, e tons de celebração. Diante da atitude de que os esportes são notados como matéria de história séria, historiadores profissionais do esporte têm tentado se diferenciar dos amadores enfatizando sua abordagem mais analítica e estrutural: eles procuram o esporte para entender a política urbana e a geografia, as origens de classe

e mobilidade, racial conflito, modernismo e simbolismo cultural. (CAHN, 1994. p 594)<sup>4</sup> [Tradução livre do autor].

Um pouco mais consolidado o futebol como objeto científico, em 1981, é publicado o livro *História política do futebol brasileiro*, do historiador Joel Rufino dos Santos. A obra traz um panorama sobre a história do futebol brasileiro e é escrita em linguagem de fácil entendimento, destinada ao público não acadêmico, mostrando, assim, o caráter ainda inicial dos estudos sobre futebol no país. Logo após, em 1982, outra obra embrionária, nas Ciências Humanas, para o estudo do futebol brasileiro é escrita, sendo essa o *Universo do Futebol*, organizada pelo antropólogo Roberto DaMatta, em que constam também textos de Baêta Neves, Simoni Lahud Guedes e Arno Vogel. Nessa obra, por meio de uma análise antropológica, a temática principal se desenvolve em torno da identidade e dos significados que o futebol adquiriu em nosso país.

Ao final da década de 1990 e início dos anos 2000, destacam-se os trabalhos do antropólogo social Luiz Henrique de Toledo que, em 1994, estuda as torcidas organizadas em seu livro *Torcidas organizadas de futebol*. Nessa obra o autor analisa as formas de torcer no Brasil, descrevendo o cotidiano das torcidas organizadas da capital paulista e suas relações de conflito e amizade. O mesmo autor, no ano 2000, produz *No país do Futebol*, em que discorre sobre o futebol brasileiro desde sua formação, analisando táticas e estratégias de jogo e também o mundo do futebol externo ao campo.

Santos e Drumond (2012) demarcam a década de 1970 como o início da terceira geração, momento este em que a academia brasileira começou a discutir o futebol. Em 1977, é defendida a dissertação de Simoni Lahud Guedes, intitulada *O futebol brasileiro: instituição zero*, junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

---

<sup>4</sup> No original: Sport History has been a late bloomer among subfields of United States history, developing over the past two decades alongside and as part of the new social and cultural history. As they have taken pains to separate their work from earlier “popular” histories of sport written by journalists or other nonacademic historians. Popular sport histories, which continue to be more numerous and widely read than academic studies, have featured empirical, chronological presentation of sports “facts”, such as game scores and win-loss records or, alternately, have evoked their subject in romantic, reverential, and celebratory tones. Confronting the attitude that sports are not the stuff of serious history, professional historians of sport have tried to distinguish themselves from amateurs by emphasizing their more analytical and structural approach: they look to the sport to understand urban politics and geography, class origins and mobility, racial conflict, modernism, and cultural symbolism. (CAHN, 1994, p. 594).

Por fim, os autores compreendem os anos 1990 a 2000 como a quarta geração (SANTOS; DRUMOND, 2012, p. 29). Próximo a Copa do Mundo de Futebol de 1990 foi produzida a obra *Pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*, de Waldenyr Caldas, em que o autor fez uma pesquisa empírica com uma visão crítica da história. Já no ano de 1994, também ano de Copa do Mundo de Futebol, foi lançado o nº 22 da *Revista USP*, em que seu dossiê tratou acerca do futebol. Finalizando o panorama historiográfico realizado por Santos e Drumond, os historiadores destacam a obra *Footballmania*, de Leonardo Pereira, publicada no ano de 2000, a qual, comentam, foi produzida com base em fontes variadas como documentos policiais e peças de teatro, sendo que “a contribuição e o estímulo causados com a publicação da obra fizeram com que ela pudesse ser considerada uma das mais importantes da historiografia recente” (SANTOS; DRUMOND, 2012, p. 30).

No artigo *A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009)* de Sérgio Settani Giglio e Enrico Spaggiari, vemos um mapeamento do que foi produzido academicamente no Brasil entre 1990 e 2009 sobre o tema futebol em nível de conclusão de mestrado e de doutorado. Os autores comentam que:

[...] a partir da década de 1990, as pesquisas, outrora contingentes, tornaram-se mais sistemáticas. Outros espaços decisivos para a consolidação dessa produção são grupos de trabalho de eventos acadêmicos nacionais e latino-americanos. (GIGLIO; SPAGGIARI, 2010, p. 297).

Esses autores, assim como Santos e Drumond (2012), marcam o ano de 1994 como importante para a produção historiográfica acerca do tema devido a fundação da *Revista USP*:

A produção de dissertações, artigos e, principalmente, livros aumentara a partir da década de 1980. [...] Assim, pode-se afirmar que a publicação do dossiê na *Revista USP* em 1994 trouxe uma decisiva visibilidade à temática futebol dentro das ciências sociais. A maioria dos artigos procurou investigar os significados do futebol para a sociedade brasileira por meio de diferentes aspectos: o desenvolvimento histórico do futebol no Brasil, aspectos e leituras artísticas do jogo, torcidas e torcedores de futebol. (GIGLIO; SPAGGIARI, 2010, p. 298).

Obra importante para a construção desta dissertação, em especial para se ter um aprofundamento da relação entre o futebol e a sociedade no Brasil, é *Entradas e*

*bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*, do geógrafo Gilmar Mascarenhas, publicado em 2014, que se dedicou a estudar as relações entre geografia e futebol, destacando-se seus estudos sobre os megaeventos esportivos realizados nos últimos anos no país.

No que diz respeito às dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre o futebol, a área de história teve 36 trabalhos publicados entre os anos 1990 e 2009, representando um total de 10,11% da produção nacional, em que a área que mais produziu sobre a temática foi a educação física, com 83 trabalhos, representando 23,31% (GIGLIO; SPAGGIARI, 2010, p. 309).

Entre os anos de 2010 e 2019, conforme busca realizada no Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES) e especificamente na “Grande Área de Conhecimento: Ciências Humanas” e “Área de Conhecimento e Área de Avaliação: História”, foram realizadas 96 pesquisas com o tema futebol<sup>5</sup>.

Com relação às produções mais recentes sobre o futebol a partir da história oral e memória, pode-se destacar a dissertação de Marcel Diego Tonini, intitulada “*Além dos gramados: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010)*”, defendida junto no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo (USP), no ano de 2011; a dissertação intitulada “*Goiânia Esporte Clube, memórias em preto e branco (1936-1974)*” de 2019, de Djalma Oliveira de Souza, defendido no Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás e, também, a dissertação de Deusdete da Rocha Barros, intitulada “*Futebol Piauiense: Entre tramas e memórias (Décadas de 1960 e 1970)*”, defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Fundação Universidade Federal do Piauí, em 2018.

Especificamente sobre o Campeonato Brasileiro de Futebol, se tem as dissertações de Sandro Luis Montanheiro Francischini, intitulada “*Campeonato Brasileiro de Futebol e a Esportificação do futebol profissional (1971-1979)*” do ano de 2006, de Daniel de Araujo dos Santos, intitulada “*Futebol e política: a criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol*”, dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais da Fundação Getúlio

---

<sup>5</sup> Consulta realizada em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses>. Acesso: 12/01/2020.

Vargas, no ano de 2012 e “*Visões de um jogo e o jogo das visões: as condicionantes para a vitória do Coritiba Foot Ball Club no Campeonato Brasileiro de 1985*” de Daniel Vinícius Ferreira, defendida em 2013.

Francischini (2006), aborda a criação do Campeonato Brasileiro de 1971 e suas conexões com a política nacional à época, bem como as influências que as diferentes esferas de poder do país contribuíram para a criação de um novo campeonato, com maior abrangência territorial.

Santos (2012) faz uma análise histórica do processo de criação do Campeonato do Brasil de 1971, tendo como pano de fundo a política nacional das décadas de 1960 e 1970, no contexto de um Brasil, conforme o autor coloca, (no) “auge do crescimento econômico e de crise do regime” (SANTOS, 2012, p. 6).

Ferreira (2013), ao estudar o Coritiba Foot Ball Club Campeão Brasileiro de 1985, o faz tendo a imprensa como fonte principal, haja vista que a sua pesquisa objetiva tratar de como jornais analisaram e descrevem a conquista do campeonato deste ano pelo clube da capital paranaense.

Esses trabalhos são importantes para se pensar o Campeonato Brasileiro de Futebol desde a sua criação, em 1971, até 1985, ano que é analisado neste trabalho, o que contribuirá para o entendimento dessa competição no país, sendo estes, referências diretas.

Nestes últimos dez anos, a instituição que mais teve teses e dissertações defendidas sobre a temática futebol foi a Universidade de São Paulo (USP), com um total de treze pesquisas. O ano em que nosso país mais se deparou com a conclusão de estudos acadêmicos em programas de pós-graduação sobre o tema foi 2014, justamente quando se realizou a segunda<sup>6</sup> Copa do Mundo de Futebol disputada no Brasil, totalizando vinte e um trabalhos defendidos.

Para além de dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre o futebol defendidas durante as últimas quatro décadas, com um aumento de produção notado após os anos 1990, seguindo até os dias de hoje, conforme dados aqui levantados e dos números presentes em Giglio e Spaggiari (2010), diversos artigos podem ser encontrados no *Portal Lupédio*<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> A primeira Copa do Mundo de Futebol disputada no Brasil ocorreu no ano de 1950.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/> Acesso em: 12/01/2020

O Portal é um site referência no Brasil acerca de estudos sobre o esporte, pois compila em sua biblioteca *on-line* artigos, textos, teses, dissertações e demais produções sobre futebol. Em nosso país, também se destaca a *Recorde: Revista de História do Esporte*<sup>8</sup>, do Programa de Pós-Graduação em História Comparada/IH/UFRJ, tendo seu primeiro volume publicado em 2008. Fora do Brasil, referencio a revista *Soccer and Society*<sup>9</sup>, que desde 2000 aceita submissões de artigos para dossiês sobre futebol, estando, hoje, em seu 21º volume. Além dessa, podemos citar a revista *The International Journal of the History of Sport*<sup>10</sup>, que teve seu primeiro volume publicado no ano de 1984 e que, até 2020, acumula um total de 37 volumes.

Dessas publicações, alguns exemplos de trabalhos que abordam a história oral/memória e esporte são “*Sporting Identity, Memory, and People with Dementia: Opportunities, Challenges, and Potential for Oral History*”<sup>11</sup> – um estudo sobre as potencialidades de se utilizar a história oral e a temática do esporte como uma forma sensível para se aproximar da identidade e histórias individuais de pessoas com problemas patológicos que afetam a memória. Outro trabalho, este indexado no portal brasileiro Ludopédio, intitulado “*Os usos da história oral no estudo do futebol: etapas metodológicas de uma experiência de pesquisa qualitativa com Torcidas Organizadas na cidade de São Paulo*” – do autor Bernardo Borges Buarque de Hollanda, com texto publicado na revista *Publicatio UEPG: Ciências Sociais Aplicadas*, em que o método da história oral é utilizada como forma de pesquisa de campo, com membros de torcidas organizadas de futebol<sup>12</sup>.

Pensando o futebol da zona sul do Rio Grande do Sul, região onde se localiza o clube de futebol em que a memória é objeto desta dissertação, um estudo a ser considerado é *Memórias de um Futebol de Fronteira*, publicada em 2004, de Luiz Carlos Rigo. Nesse trabalho, Rigo trata da chegada e do desenvolvimento do futebol no sul gaúcho, com suas influências platinas, advindas do Uruguai e da Argentina. Sobre a relação do futebol pelotense e a fronteira uruguaia, se vê na obra

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/issue/archive>. Acesso em: 12/01/2020;

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.tandfonline.com/loi/fsas20> Acesso em: 12/05/2020.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.tandfonline.com/loi/fhsp20> Acesso em: 12/05/2020.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09523367.2019.1703690?journalCode=fhsp20>. Acesso em: 28/07/2020.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/biblioteca/historia-oral-no-estudo-do-futebol/>. Acesso em: 28/07/2020.

supracitada que, em 1904, foi fundado o primeiro time de futebol de Pelotas, o Athletic Foot-ball Club, fundado por Otávio Mascarenhas, que trouxe de Montevidéu, capital do Uruguai, bola, bandeira e as regras do esporte. Aqui, vale lembrar que parte do Rio Grande do Sul viu o nascimento do futebol não a partir das influências europeias, mas, sim, das fronteiriças. Desse modo, verificamos que o segundo time mais antigo do estado, o 14 de Julho, de Santana do Livramento<sup>13</sup>, é fundado nessa data em 1902, por pessoas influenciadas pelo futebol jogado no Uruguai (RIGO, 2004). Essa influência marcará e diferenciará o futebol gaúcho em relação ao futebol do restante do país, tendo em vista que clubes de fora do Rio Grande do Sul eram fundados a partir de ligações diretas com a Europa.

Especificamente sobre a participação do Brasil de Pelotas no Campeonato Brasileiro de 1985, consta a monografia *O nosso sangue e a nossa raça: história, memória e identidade "Xavantes": (Estudo de caso da partida entre G. E. Brasil e C. R. Flamengo, Taça de Ouro 1985)* (2013), escrito por Rafael Andrioli Rasch. A monografia de Rasch é uma leitura que oportuniza pensar os laços clubísticos, tendo em vista que ele propõe estudar a memória da Torcida Xavante especificamente sobre a partida contra o Flamengo. O autor utilizou fontes jornalísticas – Jornal O Globo, Folha de São Paulo, Diário Popular –; comentários do dia posterior à partida contra o Rubro Negro Carioca feitos pelos jornalistas Paulo Sant’ana e Ruy Carlos Ostermann, ambos da RBSTV, de Porto Alegre; Revista Placar e, também, bibliografia acerca da temática futebolística.

Destaca-se que, o que foi até então produzido por outras áreas sobre a participação do Brasil de Pelotas no Campeonato Brasileiro de 1985 possui um enfoque de documentário e/ou jornalismo esportivo, conforme se pode ver em matérias de televisão e na produção de audiovisuais – a exemplo do DVD “*Xavante O Centenário Rubro Negro*” (FABIÃO; FRANTZ, 2011) – que, vez ou outra, referem-se ao assunto. Sobre este tema, o livro “*Identidade Xavante*”, de organização de Claudio Milton Cassal de Andrea (2011), publicado, também, no ano de centenário do clube, dedica um capítulo à participação do Brasil no Campeonato Brasileiro de 1985, intitulado “*Ano em que o Grêmio Esportivo Brasil, terceira força no Campeonato Brasileiro, revelou o potencial de Pelotas para o país*” (ANDREA, 2011, p. 126-135). Ou seja, estas não são produções acadêmicas, mas sim escritas

---

<sup>13</sup> Cidade geminada com a uruguaia Rivera.

factuais e/ou comemorativas, porém, é necessário pontuar que trazem consigo referências aos acervos consultados para as suas produções.

Esta dissertação objetiva analisar a memória de atores sociais sobre um momento em particular do Campeonato Brasileiro de Futebol, no qual o Grêmio Esportivo Brasil de Pelotas ficou entre os três melhores times do país no ano de 1985.

O presente trabalho pode servir como ponto de partida, ou mesmo um incentivo, para pesquisas na área de história que abordem feitos e conquistas de clubes menores e, no presente estudo, em específico, pode-se pensar as potencialidades de se analisar a história e memória de clubes afastados dos grandes centros urbanos. De forma mais ampla, busca entender de que forma um evento que se destaca pelo seu desenvolvimento e resultados fica presente na memória dos envolvidos com o mesmo. Indo além, essa pesquisa pode permitir uma compreensão de fenômenos esportivos que saem de uma perspectiva local, alcançando dimensões nacionais.

Com o estudo bibliográfico sobre o futebol, a memória, a história oral e a realização de entrevistas gravadas em áudio e transcritas, levantam-se questões pertinentes, como, por exemplo, quais aspectos da campanha são destacados pelos narradores? Quais as memórias mais significativas sobre esta campanha? Como os atores sociais (jogadores, dirigentes, torcedores e um jornalista) buscam, guardam e comentam sobre as suas memórias acerca da participação do Brasil de Pelotas no Campeonato Brasileiro de Futebol de 1985? E, objetiva analisar as conexões entre as narrativas presentes nas falas dos diferentes entrevistados, ou seja, quais memórias são ou deixam de ser compartilhadas.

Na presente dissertação, coaduno com a consideração de Martin Johnes, em seu artigo *What's the point of Sports History?*, em que versa sobre a importância de estudos históricos sobre esportes na sociedade e entendendo o esporte como uma forma possível de se visualizar historicamente uma sociedade e, também, culturas. Valendo-se de um clichê para explicar essa defesa, comenta:

É muito fácil recorrer [ao clichê que] sociedades sem memórias como sendo sem alma, perdidas e à deriva. Mas a maioria dos clichês são clichês porque contêm mais do que um grão de verdade. Compreender um lugar ou uma cultura no mundo ocidental exige um pouco de esporte. O esporte faz

parte da nossa biografia coletiva; ajudou a formar nações, cidades e comunidades. Ele desempenhou um papel central na vida dos indivíduos. (JOHNES, 2013, p. 103)<sup>14</sup> [grifos do autor] [tradução livre do autor].

A memória, conceito chave para a construção desta dissertação – através de sua relação com a história oral –, é, conforme o historiador Jacques Le Goff em sua obra *História e Memória*:

[...] a propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 2003, p. 423).

A respeito da separação de o que é história e o que é memória, o historiador Pierre Nora, em sua obra *“Entre memória e história: a problemática dos lugares”* (1993), tem o entendimento de que a história é fruto de análise e crítica – uma operação intelectual –, ao passo que a memória é baseada no que o mesmo designa como sagrado:

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. (NORA, 1993, p. 9)

Quanto à memória e sua relação com o futebol, Bernardo Borges Buarque de Hollanda em seu artigo *A voz da torcida: Biografia, história Oral e Memória nos relatos de antigas lideranças torcedoras*, comenta que:

[...] o crescimento de importância da memória futebolística nacional na sociedade brasileira, [é] efeito do investimento realizado no campo do jornalismo e do mercado editorial [...] A celebre biografia de Ruy Castro sobre o atacante Garrincha, intitulada *A estrela solitária*, foi uma das obras de maior repercussão, espécie de *best-seller*. (HOLLANDA, 2010, p.28)

Para Hollanda (2017), a história oral tem uma importância chave enquanto metodologia, pois, conforme escreve:

---

<sup>14</sup> No original: It's very easy to resort about societies without memories being soulless, lost and adrift. But most clichés are clichés because they contain more than a grain of truth. Understanding a place or a culture within the western world does require an of sport. Sport is part of our collective biography; it has helped make nations, cities and communities. It has played a central hole in individuals lives. (JOHNES, 2013, p. 103).

Uma vez aplicada, a história oral possibilita a criação de um corpus documental e vai ao encontro da constituição de um subcampo científico – a história, a antropologia e a sociologia dos esportes – que assistiu a um considerável incremento nas últimas décadas. A superação do impressionismo e do ensaísmo dos anos 1980 possibilita que a subárea vivencie hoje a consolidação de grupos de trabalho em associações de pós-graduação, encontros acadêmicos nacionais e internacionais, laboratórios regulares de estudo, centros universitários reconhecidos e uma produção sistemática de monografias, dissertações e teses consagradas à temática esportiva. (HOLLANDA, 2017, p. 2)

Sobre a relação entre história, tempo e memória, Delgado (2010) comenta que:

História, tempo e memória são processos interligados. Todavia, o tempo da memória ultrapassa o tempo de vida individual e encontra-se com tempo da História, visto que se nutre, por exemplo, de lembranças de família, músicas, filmes, tradições, histórias escutadas e registradas. A memória ativa é um recurso importante para a transmissão de experiências consolidadas ao longo de diferentes temporalidades. (DELGADO, 2010, p. 17)

Ainda sobre esta relação entre estes conceitos importantes para a produção historiográfica e para o estudo da história em geral, Paul Ricoeur, em sua obra *Tempo e narrativa*, sobre a construção da memória, comenta que:

Uma vez que entendemos por tradições as coisas ditas no passado e transmitidas até nós por uma cadeia de interpretações é preciso acrescentar uma dialética material dos conteúdos à dialética formal da distância temporal; o passado nos interroga e questiona antes que o interroguemos e os questionemos. (RICOEUR, 1997, p. 381)

No presente estudo, a referência comum dentre os entrevistados é o fato de terem vivenciado de alguma forma o Campeonato Brasileiro de Futebol de 1985, seja enquanto dirigente, jogador, torcedor ou jornalista. Assim, podemos dizer que os narradores possuem uma relação afetiva com aquele momento da história do Brasil de Pelotas.

Os narradores viveram este momento em que o Brasil de Pelotas chegou próximo do principal título nacional de futebol. Estas características possibilitam que tenham memórias sobre a participação do time no Campeonato, sendo isto, constituidor do motivo para terem sido selecionados para este trabalho. A escolha destes atores sociais foi específica para esta pesquisa, não sendo, excludente que outras pessoas sejam entrevistadas em pesquisas futuras, de temática aproximada.

Levando em conta que os narradores compartilharam momentos em um espaço de trabalho coletivo, ou seja, em um clube de futebol profissional com

funcionários, sócios, torcedores diversos e, claro, outros atletas, devemos atentar à forma como suas memórias foram construídas a partir das experiências decorrentes do Campeonato Brasileiro de 1985.

Ciro Flamarion Cardoso, em sua obra *“Um historiador fala de Teoria e Metodologia”*, escreve sobre a conexão de diferentes formas de memórias em um grupo, nesse caso, tendo o referido autor usado o exemplo de uma sociedade.

Memória individual, comum e coletiva coexistem necessariamente nas sociedades em diferentes níveis, os quais podem entrar em contradição e conflito. [...] Em muitos casos, porém, impõe-se institucionalmente uma determinada versão – pública, dominante, oficial – da memória. (CARDOSO, 2005, p. 18)

A capacidade de armazenar informações que os seres humanos possuem é biologicamente individual, mas, ainda segundo Cardoso (2005, p.18) as recordações são retomadas por instituições de vários tipos, de tal modo que a sociedade acaba por construir uma espécie de patrimônio. Com o passar do tempo, as experiências individuais acabam por, seletivamente, construir, segundo o conceito de Pierre Nora (1993), *“lugares de memória”*.

A memória, para Nora (1993), constitui lugares, podendo ser um espaço natural ou artificial. Porém, o autor pondera que só se é um local de memória se o mesmo possui ao seu entorno uma aura simbólica, sendo o local de memória um espaço de imaginação.

Pode-se, à luz do intuito da presente dissertação, entender que os espaços de práticas relacionadas ao futebol constituem verdadeiros *locais de memória*. E para assim compreendermos, basta a noção da referida “aura simbólica” presente em Nora (1993). Um estádio e uma coleção de camisetas de futebol, por exemplo, são lugares de memória no sentido material, simbólico e funcional.

Ao se compilar entrevistas gravadas em áudio e, posteriormente, transcrevê-las, cria-se uma fonte. A razão de ser dessa prática metodológica do ofício do historiador se dá, justamente, pela necessidade humana de organizar a memória.

Para Nora (1993), há, em meio ao mundo globalizado, uma obsessão por arquivar. Quanto menos se interioriza a memória, mais ela carece de suportes.

O sentimento de um desaparecimento rápido e definitivo combina-se à preocupação com o exato significado do presente e com a incerteza do

futuro para dar ao mais modesto dos vestígios, ao mais humilde testemunho a dignidade virtual do memorável. (NORA, 1993, p. 14)

Conforme citado acima, Pierre Nora, escrita no início da década de 1990, constata-se o entendimento de que a contemporaneidade promoveu uma democratização da memória, pois, os produtores de arquivos não são mais apenas a Igreja, o Estado e as grandes famílias. É viável, então, a escrita e a preservação da memória de atores sociais dos mais diversos grupos.

Acerca da construção de memórias coletivas e as experiências de vida individuais, Dalila Hallal, em sua tese de doutorado intitulada *O curso de Turismo da PUCRS: A trajetória dos seus 38 anos de existência do Bacharelado (1972) ao Tecnólogo (2010)*, comenta que:

Certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias. Nossas lembranças nos são lembranças pelos outros, mesmo que trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos e com objetos que só nós vimos. (HALLAL, 2010, p. 41)

Podendo-se entender, então, a existência da capacidade individual humana de armazenar informações, possíveis através de suas conexões cerebrais e, também, as memórias construídas coletivamente, ou seja, em polo diferente da capacidade biológica de cada pessoa. Nesse sentido, Maurice Halbwachs estudou o conceito de Memória Coletiva, em que comenta:

Quando uma pessoa diz: 'eu não creio em meus olhos', ela sente que há nela dois seres: um, o ser sensível, é como uma testemunha que vem depor sobre aquilo que viu, diante do 'eu' que não viu atualmente, mas que talvez tenha visto no passado e, talvez tenha feito uma opinião apoiando-se nos depoimentos dos outros. Se o que vemos hoje tivesse que tomar lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptariam ao conjunto de nossas percepções atuais. Tudo se passa como se confrontássemos vários depoimentos. É porque concordam no essencial, apesar de algumas divergências, que podemos reconstruir um conjunto de lembranças de modo a reconhecê-lo. (HALBWACHS, 1990, p. 25)

Vale dizer que, ao coletar as falas de depoentes, os quais, de alguma maneira, estiveram ligados a campanha do Brasil de Pelotas no Campeonato Brasileiro de 1985, procuro contribuir para a exposição de narrativas que, de outra forma, corroborariam o silêncio de um fato singular, às vezes, referido apenas como um mero enaltecimento por parte de torcedores, mas que, quando observado, revela nuances e particularidades de elementos gerais da história do futebol brasileiro. Nas palavras de Candau, em sua obra *Memória e Identidade*: "Não satisfazer o dever de

memória é expor-se ao risco do desaparecimento” (CANDAU, 2012, p.125). E, também cita que “a memória é também uma arte da narração que envolve a identidade do sujeito e cuja motivação primeira é sempre a esperança de evitar nosso inevitável declínio.” (CANDAU, 2012, p. 72-73).

Os depoimentos são importantes, pois trazem informações que não se fazem presentes em documentos. Nesse sentido, conforme assinala José Meihy e Fabiola Holanda, na obra *História Oral como fazer como pensar* (2011), a história oral “deve atuar onde os documentos convencionais não atuam, revelando segredos, detalhes, ângulos pouco ou nada preservados pelos documentos formalizados.” (MEIHY, HOLANDA 2011, p. 197). Coadunando com essa ideia, Verena Alberti, em seu capítulo intitulado *História dentro da história*, presente no livro *Fontes Oraís* (2005), considera que a história oral permite “recuperar aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza: acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais, impressões particulares.” (ALBERTI, 2005, p. 22).

A metodologia desta dissertação é a história oral e, assim, tem-se o intuito de que as narrativas façam uma ligação entre os depoimentos dos entrevistados e os elementos históricos e conceituais, extraídos da bibliografia estudada. Para tanto, serão analisados trechos selecionados, que foram explicitados pelos mesmos durante suas narrativas.

Podendo ser utilizada em várias áreas das ciências humanas, no Brasil, o método da história oral dá seus primeiros passos na academia nos anos 1970 (ALBERTI, 2005). Fruto de seu tempo, este método inserido em tempos de abertura de temáticas a serem pesquisadas com a Nova História, a história oral, então, ganhou espaço na produção historiográfica, sendo adaptada em temas diversificados, atuando com fontes produzidas através de narrativas de atores de diferentes camadas da sociedade. Uma das importâncias da história oral se destaca por possibilitar estudos realizados com camadas sociais “vindas de baixo”, já que estas estão, segundo Alberti na “obscuridade” (2005, p. 15), resultante da falta de interesse de fontes oficiais, além da “marginalização natural dos vencidos”.

Dando predileção por entrevistas com atores sociais que viveram determinado fato/momento estudado, a história oral gera fontes de consulta através das transcrições de falas, criando-se, então, documentos. Conforme Alberti:

A entrevista adquiriu estatuto de documento, mas isso não quer dizer que a história oral tenha se ajustado aos ditames da história “positivista”. Ao contrário: trata-se de tomar a entrevista produzida como documento, sim, mas deslocando o objeto documentado: não mais o passado “tal como efetivamente ocorreu”, e sim as formas como foi e é apreendido e interpretado. A entrevista de história oral – seu registro gravado e transcrito – documenta uma versão do passado. (ALBERTI, 2005, p.19).

Quanto à metodologia da história oral, considero adequado para tal tema de dissertação a História Oral Temática, tendo em vista que, através das entrevistas, busco a memória de agentes envolvidos em um evento comum, ou seja, na participação do Brasil de Pelotas no Campeonato Brasileiro de Futebol de 1985. Dado o recorte temporal da pesquisa estar inserido no ano de 1985 e em um evento esportivo regido por um calendário, escrevo em consonância com a citação de Alberti (2005), que comenta:

Decidir entre um ou outro tipo de entrevista a ser adotado ao longo da pesquisa depende dos objetivos do trabalho. Em geral, a escolha de entrevistas temáticas é adequada para o caso de temas que tem estatuto relativamente definido na trajetória de vida dos depoentes, como, por exemplo, um período determinado cronologicamente, uma função desempenhada ou o envolvimento e a experiência em acontecimentos ou conjunturas específicos. (ALBERTI, 2005, p. 38)

É importante ressaltar que as entrevistas compõem um estudo sobre a memória acerca do Campeonato Brasileiro de 1985 e a participação do Brasil de Pelotas no certame. Para Alberti (2005), opta-se pelo uso da história oral de vida ou pela história oral temática conforme as necessidades da pesquisa.

Na presente dissertação, levando em consideração o problema e os objetivos da pesquisa, é utilizada a história oral temática, sendo realizadas entrevistas com um grupo de pessoas que participaram de um mesmo momento histórico, convivendo uns com os outros, mesmo que representando setores diferentes de um clube de futebol profissional.

Os atores sociais aqui entrevistados formam um grupo que é composto por pessoas que já concederam outras entrevistas para outros fins - jornalísticos, por exemplo -, justamente por sua posição social reconhecida através da prática futebolística. O futebol em suas práticas diversas – jogar, torcer, narrar, etc., - eleva pessoas a um status de reconhecimento público na sociedade brasileira, quão maior pode ser este reconhecimento quando o indivíduo em questão é atrelado a um clube de futebol profissional haja vista a popularidade do esporte em nosso país.

Em uma entrevista, o depoente aciona o seu campo memorável e, no caso desta dissertação, os entrevistados são pessoas que não tiveram aqui a sua primeira experiência de realizarem uma entrevista, visto que são pessoas públicas, ainda reconhecidas na cidade de Pelotas e que, no passado, fizeram parte da elite do futebol nacional. Para Delgado:

A memória, principal fonte de depoimentos orais, é um cabedal infinito, onde múltiplas variáveis – temporais, topográficas, individuais, coletivas – dialogam entre si, muitas vezes revelando lembranças, algumas vezes, de forma explícita, outras vezes de forma velada, chegando em alguns casos em ocultá-las pela camada protetora que o próprio ser humano cria ao supor, inconscientemente, que assim está se protegendo das dores, dos traumas e das emoções que marcaram sua vida. (DELGADO, 2010, p. 16)

Os depoentes exercitaram a rememoração de um momento e fato demarcado, vale ressaltar que em um período não muito recuado, haja vista que, dentre o grupo de atletas atuantes em 1985, poucos não estão mais vivos. Em relação a este aspecto, Norberto Bobbio, em seu livro *O tempo da memória* afirma que:

Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos. [...] Se o futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçarmos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade. (BOBBIO, 1997, p. 30-31)

Para Candau (2012), esta relação não é necessariamente rigorosa – não é passiva ao registro do passado e nem a manutenção das tradições. Sobre estas associações, Celia Lucena, em sua obra *Artes de lembrar e de inventar*, afirma que:

[...] a história oral representa a realidade com as respectivas diferenças, explora as relações entre memória e história, coloca em evidencia a construção dos atores de sua própria identidade, reconhece que as lembranças são as artes do indivíduo e redimensiona as relações entre passado e presente, ao perceber que o passado é construído segundo as necessidades do presente, chamando a atenção para os usos políticos do passado. (LUCENA, 1999, p. 24)

Conforme Paul Thompson, em sua obra *A voz do passado*: “a história oral oferece, quanto à sua natureza, uma fonte bastante semelhante à autobiografia publicada, mas de muito maior alcance” (THOMPSON, 1992, p. 25). O autor aponta ainda que, ao se fazer a entrevista em história oral, pode-se escolher “[...] a quem entrevistar e a respeito do que perguntar. A entrevista proporcionará, também, um

meio de descobrir documentos escritos e fotografias que, de outro modo, não teriam sido localizados” (THOMPSON, 1992, p. 08-09).

Com a realização de entrevistas e posterior transcrição, existe a possibilidade de se utilizar a metodologia da história oral, interpretando-as através das falas dos depoentes e também pelo que não será dito. Conforme Valeska Oliveira (2005), no que se refere ao ofício do historiador e a metodologia da história oral:

O trabalho meticoloso do pesquisador reside, também, em traduzir todo esse quebra-cabeça, categorizando e tratando as peças a partir dos aportes teóricos escolhidos. Essa é uma etapa da pesquisa, no qual o qualitativo estará sendo garantido pelo trabalho criativo e consistente do pesquisador em tecer articulações entre as fontes empíricas e as fontes teóricas, entre o particular e o geral, entre o específico e o momento histórico a partir do qual as falas estão sendo produzidas. (OLIVEIRA, 2005, p. 95).

Considerando os entrevistados, à luz do objetivo da pesquisa, foram escolhidas pessoas que vivenciaram de alguma forma aquele campeonato, seja enquanto dirigente, jogador, torcedor ou jornalista. Não sendo pautado por critérios quantitativos, mas qualitativos, os nomes dos entrevistados que surgiram no decorrer da pesquisa se deve às suas experiências vividas junto ao clube de futebol e no contexto da disputa do campeonato nacional do ano assinalado. A partir desta perspectiva quanto a escolha de quem deve depor:

O processo de seleção de entrevistado em uma pesquisa de história oral se aproxima, assim, da escolha de “informantes” em antropologia, tomados não como unidades estatísticas, e sim como unidades qualitativas – em função de sua relação com o tema estudado –, seu papel estratégico, sua posição no grupo etc.. (ALBERTI, 2005, p. 32)

Contar histórias, este foi o exercício feito pelos depoentes que auxiliaram na produção desta dissertação e, dar uma entrevista, é justamente exercitar a memória, é rememorar. Sobre a relação memória e história oral presente nesta dissertação, Nogueira (2013) comenta que:

Ao buscarmos a inter-relação entre memória, história oral e narrativa, partimos da compreensão de que a narrativa ressignifica a história, por meio da memória, contada de forma oral ou escrita. Portanto, a narrativa está presente no simples ato do viver, agir e refletir, no contar histórias, tendo em vista que nós seres humanos somos contadores de história, e de forma individual e social relatamos nossa forma de viver, em nosso cotidiano. (NOGUEIRA, 2013, p. 01-02)

Cada um dos depoentes, ao serem entrevistados, faz referência ao seu passado e projeta “[...] *imagens, numa relação imbricada com a consciência de si mesmas, ou daquilo que elas próprias aspiram ser na realidade social*” (DELGADO, 2010, p. 43).

Foi selecionado um total de oito depoentes: dois dirigentes e três jogadores da época do Campeonato Brasileiro de 1985, dois torcedores e um jornalista. Os critérios para a escolha destes foi a sua participação *in loco*, próxima ao clube no ano de 1985 – dentro e fora de campo – e sua relação ainda existente com o Brasil, além de observarmos que apenas um dos entrevistados, o ex-jogador Hélio Vieira não reside atualmente em Pelotas, em função de sua profissão como treinador de futebol.

As entrevistas realizadas e transcritas datam de 2018, 2019 e 2020. Gravadas em áudio e posteriormente transcritas, foram agendadas via contato telefônico, inicialmente com o ex-jogador de futebol Ubiraci Souza de Souza (Bira), sendo que ele forneceu o contato de outros entrevistados como o do jornalista Sergio Cabral, do ex-jogador Hélio Vieira, do dirigente Claudio Andrea e do presidente do clube em 1985, Rogério Moreira. O ex-jogador Bastos foi encontrado após contato via mensagem com um familiar. O torcedor Nilton Pinheiro foi contato via mensagem em um grupo de debate sobre o clube. A exceção foi o torcedor Antonio Luiz Munhoso – pois este já era conhecido do autor devido ao seu blog<sup>15</sup>.

As entrevistas foram estruturadas a partir de perguntas temáticas (Apêndice 1), abordando, inicialmente os dados pessoais de cada narrador e sua relação com o Grêmio Esportivo Brasil e, posteriormente, as memórias em relação a sua trajetória relacionada ao futebol, ao clube e ao Campeonato Brasileiro de 1985. As sessões de uso das entrevistas foram realizadas em áudio, no início de cada entrevista, sendo perguntado ao narrador se sua fala poderia ser utilizada para este estudo e para trabalhos acadêmicos posteriores. Além do registro em áudio, as concessões foram transcritas.

Acerca dos questionários/roteiros de entrevistas em história oral, segundo Lorena Gill e Eduarda da Silva (2016), em artigo intitulado “*Perspectivas para a História Oral*”, existem diferentes questionários para diversos objetivos de pesquisa, a saber: história oral de vida e história oral temática. Conforme as autoras, os roteiros de entrevistas devem:

[...] possibilitar perguntas amplas através das quais o narrador possa abordar diferentes aspectos, evitando a possibilidade de respostas simplistas como sim ou não. No caso da história oral temática (HOT) as

---

<sup>15</sup> O blog do torcedor refere-se a: <http://xavantemunhoso.blogspot.com/>.

perguntas são mais diretas que na história oral de vida (HOV), mas ambos os roteiros precisam ser flexíveis, permitindo diferentes formas de rememorar e contar histórias, visto que, quem significa suas rememorações, em primeira instância, é o narrador. Então, se ele decide contar uma história, mesmo que fuja do tema, o entrevistador deve ouvir, ainda que depois precise retomar a questão anterior. As entrevistas, preferencialmente, devem começar pelas pessoas mais idosas ou por aquelas que são mais representativas do grupo. (GILL; SILVA, 2016, p. 2)

Antecedendo as perguntas do roteiro de entrevistas e a apresentação do pesquisador – em que foi expresso o motivo da entrevista, qual o curso do pesquisador e como se chegou até o depoente –, foi pedido aos narradores a cessão para usos da entrevista, devidamente gravada em áudio, com posterior transcrição, para serem utilizadas em estudos acadêmicos – todos os depoentes autorizaram a utilização de suas falas na íntegra, além de não apresentarem nenhuma restrição as perguntas feitas. Todas as cessões estão registradas em arquivo digital junto ao pesquisador. Foi também falado aos depoentes quais seriam os usos das entrevistas, ou seja, em princípio, a dissertação de mestrado de quem o entrevistou – deixando claro a possibilidade de estudos acadêmicos futuros, vinculados à Universidade Federal de Pelotas ou não.

Os entrevistados selecionados foram, Ubiraci Souza de Souza, conhecido pelo apelido “Bira” – este foi o primeiro contato. Bira, atualmente é morador de Pelotas, o ex-atacante jogou nos anos 1980 nas categorias de base do Brasil de Pelotas e, também, profissionalizou-se no clube. Bira foi o primeiro contato realizado pelo pesquisador, pois já se sabia onde encontrá-lo, tendo em vista que seu local de trabalho se localiza próximo ao Instituto de Ciências Humanas da UFPel. A partir de seu contato, foi possível localizar novos nomes a serem entrevistados, potenciais depoentes e, posteriormente, manter uma rede de contato entre o pesquisador e narradores de diferentes estratos.

Outro ex-jogador entrevistado foi o lateral esquerdo do time do Brasil de Pelotas de 1985 - Argeu Bastos, que foi jogador do clube entre 1982 e 1986. Atualmente mora em Pelotas e é aposentado. Entre os ex-jogadores contatados, também está presente o nome de Hélio Vieira, que foi zagueiro da equipe Xavante no ano de 1985. Vieira mantém um longo vínculo com o clube, pois jogou no final da década de 1970 nas categorias de base do Brasil de Pelotas – clube em que, assim como Bira, tornou-se atleta profissional. Além de jogador, também foi treinador, somando, ao todo, mais de 10 anos de envolvimento profissional com o Brasil. À

época da entrevista, estava em Pelotas, exercendo em 2020 a função de treinador de futebol.

Dentre os nomes de dirigentes entrevistados, o primeiro que narrou suas memórias sobre o Campeonato Brasileiro de 1985 foi Claudio Andrea. Com um envolvimento de mais de 50 anos com o clube, Andrea atualmente trabalha em seu consultório odontológico no centro da cidade – local onde a entrevista foi realizada. Foi também organizador do livro *“Identidade Xavante”* (2011), que será posteriormente referenciado. O outro dirigente que depôs para este estudo foi Rogério Moreira, que no ano de 1985 foi Presidente do Brasil de Pelotas. Moreira é outro indivíduo com um envolvimento antigo no clube, pois desde a década de 1970 esteve nos bastidores do Brasil. O Presidente Xavante de 1985, em princípio, havia entregado, em junho de 2019, duas pastas com fotos, documentos e recortes de jornais referentes ao clube e sua trajetória no Brasil. Durante o ano de 2020, ambas as pastas retornaram ao seu proprietário conforme sua solicitação e, em julho de mesmo ano, voltaram aos mãos do pesquisador.

Conforme citado anteriormente por Thompson (2012, p. 8-9), a entrevista possibilita ao historiador o acesso a fotografias e documentos que, de outra maneira, não seriam encontrados. Vale salientar que, do montante de mais de 300 itens que constam nas pastas, serão utilizados nessa pesquisa recortes de jornais, documentos e imagens, estas últimas terão por finalidade ilustrar durante a construção do texto, tendo em vista que não é intuito dessa dissertação uma análise imagética de maior profundidade.

Ao organizar as pastas com documentos, fotos, recortes de jornais, Rogério Moreira busca acumular seus vestígios e os vestígios do Brasil de Pelotas, com interesse em preservar a memória da sua carreira como dirigente esportivo, bem como a trajetória do Grêmio esportivo Brasil de Pelotas durante o período de sua gestão. Acerva dessa “necessidade” de compilar vestígios, Nora (1993) comenta que “Nós nos sentimos obrigados a acumular vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis de como foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova em não se sabe que tribunal da história.” (NORA, 1993, p. 15).

Outro estrato selecionado, o de torcedores que acompanharam no estádio a campanha do Brasil de Pelotas no Campeonato Brasileiro de 1985, contem os

nomes de Antonio Luiz Munhoso, atualmente morador de Pelotas, aposentado, foi entrevistado no estádio do Brasil de Pelotas, conforme solicitado por ele em ligação telefônica. Também entre os torcedores aparece o nome de Nilton Pinheiro, o último torcedor entrevistado, atualmente reside em Pelotas e, assim como Munhoso, acompanha o clube desde a década de 1970.

Através de entrevistas, busca-se, também, uma visão externa ao vestiário do clube – além do “território” dos atletas e dirigentes – e, então, a opção de ter um jornalista como depoente foi posta. Sendo possível, por ética da profissão, um sujeito não necessariamente impregnado pela paixão torcedora. Sobre esta relação entre clube de futebol e jornalista, Filipe Ferreira Gamba (2013), cita que há uma relação entre “[...] o clube – com seus princípios, seus valores, seus interesses e suas “blindagens” [...] e a imprensa – com a necessidade de desempenhar o seu papel primordial: informar”. (GAMBA, 2013, p. 3). Conforme Victor Andrade de Melo, em seu texto intitulado *Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX* (2012), já é identificado um papel importante para a imprensa e o futebol no seu início no Brasil, em que os jornalistas atuavam como reguladores entre agremiações esportivas e o público, para além das publicações das regras e etiquetas sociais presentes em textos referentes ao futebol dessa época.

Escolhido como representante da imprensa que, *in loco*, acompanhou o clube no ano de 1985, Sergio Cabral, falecido em novembro de 2020, foi jornalista na cidade de Pelotas em rádio e mídia impressa, também promove eventos de premiações para nomes envolvidos com o esporte na cidade de Pelotas. Com Cabral vale destacar que a entrevista foi realizada em abril de 2020, via ligação telefônica gravada em viva voz e transcrita, conforme sugestão do narrador que estava de repouso em casa, devido à um processo de recuperação de um problema de saúde. Com relação aos oito depoentes selecionados, capítulo 3 que traz suas memórias transcritas, conta, também, com mais informações pessoais acerca dos mesmos.

Tendo em vista a idade dos depoentes, alguns passando dos 60 anos, se tem neste aspecto etário um diferencial, pois conforme Bosi (2012), através das lembranças de pessoas idosas:

[...] sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade. (BOSI, 2012, p. 60)

Além da História Oral, será utilizada a mídia impressa da cidade de Pelotas e de Porto Alegre, sendo consultados exemplares do Jornal Diário Popular e Diário da Manhã do ano de 1985 e de anos posteriores, verificando a existência de referências à campanha do Brasil de Pelotas no Campeonato Brasileiro de 1985 e, também, as páginas do caderno de esportes da Zero Hora do ano de 1985. Como marco temporal, foram selecionados jornais dos anos de 1985, 2000, 2005, 2015 e 2020; ou seja, três décadas após a disputa do Campeonato.

Ao se utilizar o jornal impresso como fonte histórica, deve-se considerá-lo um espaço de reprodução de ideias, com discursos diferentes que remetem a objetivos diferentes.

Conforme Lynn Hunt (2001), em relação aos documentos:

[...] os documentos que descrevem ações simbólicas do passado não são textos inocentes e transparentes; foram escritos por autores com diferentes intenções e estratégias para lê-los. Os historiadores sempre foram críticos com relação a seus documentos – e nisso residem os fundamentos do método histórico. (HUNT, 2001, p. 18)

Conforme Tania Regina de Luca (2005), a aceitação dos jornais como fonte é algo relativamente recente, pois, apenas com a história nova a valoração do jornal como fonte ganhou maior prestígio. Na primeira metade do século passado o jornal era visto como:

[...] pouco adequado para a recuperação do passado, uma vez que essas “enciclopédias do cotidiano” continham registros fragmentários do presente, realizado sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez de captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas. (DE LUCA, 2005, p. 112) [Grifo da autora]

A posição assumida na presente pesquisa é que o jornal pode, sim, servir como fonte histórica valiosa ao ofício do historiador, tendo em vista, inclusive, que a máxima de “recuperar o passado” e a também muito citada “reconstruir o passado” hoje é objeto de crítica não só dos historiadores, pois, seguramente, é impossível reconstruí-lo. O jornal impresso, assim como qualquer outra fonte – material ou não -, deve passar pela crítica do historiador. No caso dos jornais impressos, fenômeno

que, no Brasil, não está situado em período tão recuado, existem motivos como os já citados: discursos, reprodução de ideias diferentes, objetivos distintos e, claro, posicionamentos políticos dos mais variados campos.

O jornal impresso serve como um suporte para que o historiador possa escrever possíveis versões do passado. Não é de hoje que estamos em tempos de renovações metodológicas – onde o jornal é incluso, após a história nova – e renovações temáticas. Parece que em tempos de possibilidades infundas e permeada por uma pressão das subjetividades, uma das grandes preocupações do ofício do historiador seja a busca de uma escrita coerente e verossimilhante, o respeito a fonte e, por fim, o entendimento da impossibilidade da construção de uma globalização do passado.

Com a escolha metodológica de utilizar jornais em um estudo que preza pela utilização da história oral, pode-se considerar o uso de uma história oral híbrida, ou seja, uma história construída a partir do diálogo entre os depoimentos coletados e outras fontes, como neste caso, os jornais impressos de Pelotas e de Porto Alegre.

A presente dissertação está estruturada em três capítulos, em que o primeiro “O Futebol em Pelotas e o Grêmio Esportivo Brasil”, trata do início das práticas futebolísticas na cidade, além da sua ampliação entre diferentes camadas sociais durante as duas primeiras décadas do século XX; *en passant*, também, disserta sobre o futebol na região sul do Rio Grande do Sul e a conjuntura sociocultural da época. Nesse primeiro capítulo, é também tratado a história do Grêmio Esportivo Brasil de Pelotas, com seus anos iniciais após a fundação em 1911, percorrendo uma linha temporal até o final dos anos 1960.

O segundo capítulo, intitulado “O Campeonato Brasileiro de Futebol e o Grêmio Esportivo Brasil”, versa sobre a história dessa competição, sendo embasado por uma bibliografia de historiadores e outros cientistas da área de humanidades, além de se fazer presente, também, a contribuição de escritos realizados por jornalistas esportivos. Neste capítulo, também, trata-se das quatro participações do Brasil de Pelotas nos Campeonatos Brasileiros de futebol da primeira divisão – 1978, 1979, 1984 e 1985

O terceiro e último capítulo, de nome “Memória Xavante: O Campeonato Brasileiro de Futebol de 1985”, é o espaço onde as entrevistas realizadas serão

analisadas, sob o prisma das considerações teóricas e metodológicas da História Oral e sua relação com a memória. Aqui, também, os jornais impressos que trataram da campanha do Brasil de Pelotas nesta edição do Campeonato Brasileiro de Futebol serão abordados e discutidos juntos com as narrativas dos depoentes.

## CAPÍTULO 1: O FUTEBOL EM PELOTAS E O GRÊMIO ESPORTIVO BRASIL

No Rio Grande do Sul, Estado onde se situa o clube ao qual os agentes sociais envolvidos com ele terão suas memórias analisadas, o futebol surgiu a partir de descendentes de alemães, através da fundação, em 19 de julho de 1900<sup>16</sup>, do Sport Club Rio Grande, da cidade homônima vizinha de Pelotas. Esse clube é reconhecido pela Confederação Brasileira de Futebol como o clube de futebol mais antigo em atividade no Brasil, nascido em torno de meio século após o surgimento do esporte na Inglaterra. Outros clubes brasileiros como o Clube de Regatas do Flamengo e o Clube de Regatas Vasco da Gama, ambos do Rio de Janeiro, surgidos em 1895 e 1898, respectivamente, começaram como clubes de regatas<sup>17</sup>, só tendo inaugurado os seus departamentos de futebol posteriormente ao clube rio grandino.

Tratando-se do nascimento desse esporte na Inglaterra, conforme consta na obra *Futebol e sociedade*, de Heloisa Helena Baldy dos Reis e de Thiago de Aragão Escher, é exposto que o futebol, assim como outros esportes, entre eles o *rugby*, as corridas de cavalo, o boxe e o tênis, surgiu na Inglaterra, na segunda metade do século XIX (REIS; ESCHER, 2006). O futebol, em seu início, fazia parte do processo civilizador em que a Inglaterra se encontrava, com a diminuição da violência, aumento do autocontrole, possibilitando a capacidade de sublimação<sup>18</sup>, além de uma regulamentação desportiva, o que impulsionou a mudança de sensibilidade para uma prática esportiva menos violenta. Os autores atestam também que a profissionalização das forças armadas influenciou este processo, abandonando-se jogos marciais, como arco e flecha e a caça, tidos como preparatórios para a guerra, por outros.

Segundo Rubim Santos Leão de Aquino, em seu livro *Futebol, uma paixão nacional* (2002), o estabelecimento de regras do futebol começou em partidas realizadas em escolas, locais em que além dos filhos da nobreza, começaram a ser frequentados, também, pelos filhos dos burgueses em ascensão. Configurando-se,

---

<sup>16</sup> A data de aniversário do Sport Club Rio Grande tornou-se o Dia Nacional do Futebol Brasileiro.

<sup>17</sup> A regata é uma competição esportiva de velocidade, ou uma corrida entre barcos. O termo é usado em ambas as competições à vela e barcos a remo, esse último esporte era, em anos finais do século XIX e iniciais do XX, muito popular em nosso país.

<sup>18</sup> Sublimação, conforme Sigmund Freud, é um mecanismo de defesa do ego que desloca a energia da libido para atividades intelectuais ou lúdicas.

dessa forma, a prática esportiva com regras como uma maneira de disciplinar a juventude em idade escolar.

Em um contexto da região ao qual o presente estudo busca analisar, o Sport Club Rio Grande foi um clube que teve papel de agente formador/regrador do futebol gaúcho em seus anos iniciais, não apenas na divulgação das regras do futebol na sua cidade, mas, como se observará, em cidades como Porto Alegre, Pelotas e cidades fronteiriças ao Uruguai.

Conforme Luiz Carlos Rigo, em sua obra intitulada *Memórias de um Futebol de Fronteira* (2004), no início do século XX, Rio Grande era, como ainda é atualmente, uma cidade portuária movimentada, o que facilitava a importação dos apetrechos ligados ao futebol. Este ambiente portuário e de trocas proporcionava partidas com os marinheiros dos navios que atracavam no porto. Havia ligações ferroviárias e fluviais com outras cidades do estado, como Pelotas, Bagé e Porto Alegre. Foi a partir de excursões do Sport Club Rio Grande que o futebol foi se espalhando por todo o Estado.

Uma excursão do Sport Club Rio Grande para Pelotas no dia seis de outubro de 1901 deu início ao primeiro jogo de futebol registrado<sup>19</sup> na cidade. Esta partida de exibição<sup>20</sup> foi realizada em função das comemorações da posse da nova diretoria da Associação União Gaúcha<sup>21</sup>. Sobre a presença da matéria dessa partida no Jornal Diário Popular, Rigo (2004) comenta que:

Pelo espaço que recebeu nos jornais da cidade – longas matérias que apresentavam inclusive a programação preparada para o dia —, a comemoração da União Gaúcha foi um evento de significativa relevância para a cidade. Já o futebol, ou melhor, “a partida de bola”, apesar de prestigiada por alguns convidados, não demonstrava ser nenhum acontecimento merecedor de atenção especial. Não passava de mais uma, entre tantas outras atrações programadas. (RIGO, 2004, p. 60)

Sobre esta mesma partida, o Jornal Correio Mercantil, dois dias após a matéria presente no Diário Popular, escreveu:

O apreciável gênero de esporte consiste no seguinte, conforme explicação que era dada em avulso: A bola só está em jogo dentro da cancha marcada pelas bandeiras e nenhum dos jogadores poderá tocar nela com as mãos exceto os dois porteiros. O jogo é, passar a bola pela porteira do lado

---

<sup>19</sup> O Jornal Diário Popular do dia 05/10/1901 refere-se a partida que seria foi realizada na Associação União Gaúcha, localizada na Zona Norte de Pelotas, como uma “partida de bola”.

<sup>20</sup> Jogo de futebol amistoso. Uma partida para promover a prática do esporte ao público presente.

<sup>21</sup> A União Gaúcha é uma entidade tradicionalista. A sua data de fundação é 20 de setembro de 1899. Nesta mesma data é comemorada no estado do Rio Grande do Sul a Revolução Farroupilha.

adversário e conta-se um gol (isto é, um ponto). Cada porteira é defendida por um grupo de 11 jogadores e cada um dos mesmos tem o seu lugar respectivo; o fim principal é a combinação entre os jogadores dos respectivos grupos. Eram capitães dos dois grupos, azul e branco do Sport Club os srs. Arthur Lawson e Stuart. A partida ocorreu com muita animação e perfeitamente, e melhor ainda seria, se não se conservasse um pouco úmido o sítio escolhido. Para a maioria dos que o acompanhavam, constituía uma novidade, numa educação útil e necessária de força muscular, revelando os jogadores a sua destreza e habilidade. (CORREIO MERCANTIL, 07/10/1901, p. 2)

A partir da matéria presente no jornal Correio Mercantil sobre a primeira partida de futebol realizada em Pelotas pode ser destacado alguns aspectos, como: a partida enquanto demonstração de um novo esporte, haja vista que foi um amistoso disputado entre atletas do mesmo clube; a atenção que o jornal dedicou para as regras básicas deste esporte até então desconhecido/não disputado na cidade e, por fim, a valorização dada à época para o caráter regulamentador do corpo provocado a partir da prática esportiva.

O jornal A Opinião Pública também escreveu sobre a primeira partida disputada na cidade, um dia após o evento, comentou:

Estava já preparado, do outro lado do jardim, em pleno campo, que fica nos fundos do Prado, o local para o jogo de bola, a cargo dos membros do Sport Club do Rio Grande. Para ali se dirigiram às famílias e os membros da União Gaúcha, todos interessados em ver a partida que se ia iniciar. Os Jogadores da Bola apresentaram-se vistosamente trajados e deram imediatamente principio ao belo divertimento, diante de grande número de pessoas. A partida correu animadamente, tendo alguns associados se manifestados exímios jogadores, recebendo aplausos incondicionais. (A OPINIÃO PÚBLICA, 07/10/1901, n.p. Apud: RIGO, 2004, p.61-62)

Na matéria presente em A Opinião Pública nota-se uma ênfase ao evento em celebração da nova diretoria da União Gaúcha, não focando nas regras do novo esporte, mas, sim, em descrever o ambiente no qual o jogo transcorria, dando atenção às vestimentas dos jogadores e ao comportamento do público presente ao momento classificado como um “belo divertimento”.

Conforme observado nas matérias jornalísticas acima, a partida de futebol registrada em Pelotas no final do ano de 1901, demonstra a relação que o esporte e o lazer trazem consigo – seja na prática “divertida” para os jogadores em campo, bem como o momento de festejos ao qual o “jogo de bola” estava envolvido.

Uma hipótese presente em Rigo (2004) é que esta partida pode não ter sido de fato a primeira realizada em Pelotas, porém, pode ter sido a primeira a ser destacada pela imprensa, pois, como fazia parte de uma festa mais ampla, teve participação de público e a imprensa se fazia presente.

Não se tem certeza se essa foi a primeira exibição do futebol moderno na cidade de Pelotas. Semelhante ao que alguns registros apontam para outras cidades portuárias, também aqui é provável que tenham ocorrido outros jogos de futebol anteriores a esses. (RIGO, 2004, p. 62)

Além de Pelotas, o Sport Club Rio Grande fazia excursões para outras cidades do Rio Grande do Sul, de trem, como Bagé ou de navio, como Porto Alegre. A excursão do Sport Club Rio Grande, para Porto Alegre, em 1903, gerou a oportunidade para fundação do Grêmio de Foot-ball Porto-Alegrense, que aparece a partir de um grupo de desportistas alemães, que haviam convidado o Sport Club Rio Grande para uma partida. Acerca desta excursão e o nascimento do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense, em entrevista presente no livro intitulado *História do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense. Passado e presente de um grande clube*, de Edison Pires, Dennis Lawson narrou que:

O clube fez uma visita a um grupo de Pelotas, levou traves no trem. Em 1901, 1902, levavam no trem [...] Mais adiante o pessoal de Bagé pediu ao S. C. Rio Grande que fizesse uma demonstração do futebol em Bagé. Também foram de trem a Bagé e foram recebidos debaixo de banda de música, foguetes, aquela coisa toda, churrasco, festa [...] Em 1903 tinha um grupo alemão que se chamava Fussball em Porto Alegre que também pediu a visita do S. C. Rio Grande, que foi de navio, esperado no cais com banda de música e tudo. E tinha uma centena de pessoas. Então o clube deu uma demonstração de futebol que foi um verdadeiro sucesso. Aí então resolveram fundar o Grêmio. (PIRES, 1996 apud RIGO, 2004, p. 63)

Tendo em vista a metodologia da história oral utilizada nesta dissertação, a narrativa acima é um exemplo da possibilidade do seu uso metodológico no estudo da história do futebol e, neste caso em específico, sobre a história do Grêmio e também do Rio Grande – considerando que o narrador faz parte da família Lawson, que nomeia o estádio do clube riograndino como Estádio Arthur Lawson, em homenagem prestada à um dos fundadores do Sport Club Rio Grande.

Deve-se considerar que essas excursões seguiam a seguinte lógica: o grupo de uma determinada cidade, na qual havia pessoas interessadas em futebol ou que o praticavam de forma desorganizada, convidava o Sport Club Rio Grande e, a partir disso, desenvolvia-se todo um processo de mobilização que, finalmente, redundava na fundação de um time. Em geral, os integrantes pertenciam à elite local<sup>22</sup> e

---

<sup>22</sup> O conceito de elite local aqui empregado pode ser definido como pessoas envolvidas em círculos sociais com poder de decisão, influência; além de terem a possibilidade de acessar bens de consumo distante das classes mais pobres (HEINZ, 2006). Essa elite local era constituída por pessoas que podiam frequentar teatros e sociedades de cultura como meio de lazer e sociabilidade, enfim, constituem-se enquanto grupo de pessoas que, além do trabalho, possuíam tempo e dinheiro para

pagavam do seu bolso a viagem, levavam o material, inclusive as traves e jogavam na cidade anfitriã. Após o jogo, realizavam-se banquetes em homenagem ao Sport Club Rio Grande. Seus integrantes explicavam as regras do jogo e às vezes doavam algum material para o adversário.

Tratando destas excursões realizadas pelo Sport Club Rio Grande, Rigo (2004) comenta que:

Inicialmente os rapazes, descendentes de estrangeiros – na maioria alemães e ingleses –, fundadores do S. C. Rio Grande, concentraram-se em jogar o futebol entre si, realizando jogos demonstrativos e tentando fazer das partidas um novo episódio cultural para a cidade. (RIGO, 2004, p. 58)

Nestas primeiras partidas de futebol disputadas no sul do Rio Grande do Sul, assim como nos exemplos estudados pela historiografia ao tratar do público presente nas praças esportivas de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, existiam as confraternizações que eram frequentadas por espectadores próximos dos membros dos times e diretorias.

Sobre o início do futebol nas metrópoles Rio de Janeiro e São Paulo, Aquino (2002) comenta que a data de 14 de abril de 1895 é citada para a primeira partida de futebol jogada no Brasil, no campo da Companhia Paulista de Viação, entre as equipes de trabalhadores do *The Team Gaz* e do *The São Paulo Railway*. Foi também em São Paulo, em 1898, que se fundou o primeiro clube brasileiro dedicado exclusivamente ao futebol, a Associação *Mackenzie College*. No caso do Rio de Janeiro, foi um brasileiro descendente de ingleses, Oscar Cox (1880-1931), quem popularizou o futebol. Após voltar de seus estudos na Suíça, trouxe uma bola ao chegar no Rio de Janeiro e associou-se ao *Payssandu Cricket Club*, conseguindo ali organizar um grupo de jogadores. E, em 1º de agosto de 1901, estes jogadores enfrentaram um time de atletas ingleses, no campo do *Rio Cricket Athletic Association*, em Niterói. O time de Cox era formado, assim como ele, por jovens de origem europeia. Batizado de “Rio Team”, em outubro de 1901 eles excursionaram a São Paulo e ali enfrentaram um selecionado paulista, o São Paulo Scratch Team. Porém, somente após duas tentativas fracassadas é que se fundou um clube de futebol no Rio de Janeiro, o Fluminense Foot-ball Club, em 21 de julho de 1902, por Cox e seus amigos.

Aproximadamente trinta anos antes da fundação do Sport Club Rio Grande, podemos observar, conforme Beatriz Ana Loner (1998), em sua tese, intitulada *Classe Operária: Mobilização e Organização em Pelotas: 1888-1937*, que Pelotas e Rio Grande e Porto Alegre formavam os dois principais polos industriais gaúchos. O Rio Grande do Sul, às vésperas do início do século XX, contava, então com duas zonas econômicas e socialmente diferentes. A aproximação entre a zona Pelotas/Rio Grande com a capital gaúcha ocorreria somente anos depois. Para Loner (1999, p. 53) “a integração entre ambas ocorreu durante a República Velha, especialmente com o desenvolvimento dos sistemas de transportes”. Na região sul do Rio Grande do Sul, por exemplo, a estrada de ferro de Rio Grande a Bagé começou sua construção a 27 de Novembro de 1881. No dia 2 de Dezembro de 1884 foi entregue toda a linha, do litoral a Bagé, ao tráfego, com o desenvolvimento de 283 quilômetros (GIESBRECHT, 2020).

O desenvolvimento de uma malha ferroviária já na metade do século XIX é que foi, também, um dos fatores de expansão do futebol em seu surgimento na Inglaterra, porém, conforme veremos mais detalhadamente no Capítulo 2 dessa dissertação, na ilha britânica o processo de integração entre clubes ocorreu de maneira nacionalizada, enquanto no Brasil, constata-se o oposto – muito em função do território e estruturação tardia de vias nacionais, sejam elas ferrovias ou estradas.

Ainda sobre o contexto econômico e social ao qual a cidade de Pelotas estava inserida no início do século XX, época em que o futebol chega à cidade, Loner (1999) ao parafrasear Pedro Bandeira, em seu trabalho intitulado *As raízes históricas do declínio da Região Sul* (1994), comenta que:

Os seguintes fatores como fundamentais para a diferenciação no desenvolvimento industrial de Porto Alegre e o Polo de Pelotas – Rio Grande: número de empresas maior e com ramos mais diversificados em Porto Alegre; mercado interno da região sul incapaz de absorver a produção local, impedindo uma reorientação da produção para seu próprio mercado; mercado de trabalho menos sofisticado e com relativa escassez na região sul, em comparação ao norte do Estado; estrutura de rede de transportes, favorecendo à localização de empresas em Porto Alegre, além de a capital oferecer maior infraestrutura urbana para a expansão industrial. (LONER, 1999, p. 54-55).

Nos primeiros anos do século XX, durante os anos de surgimento e expansão do futebol em Pelotas, a cidade enfrentava os reflexos da crise do charque no Pós-Abolição. Conforme Loner (1999), ao citar a obra de Sandra Pesavento, intitulada *República velha gaúcha – Charqueadas – Frigoríficos – Criadores* (1991), os

primeiros frigoríficos que chegaram na região sul do Rio Grande do Sul datam do final da década de 1910. Ora, com a chegada de um novo método de conservação da carne produzida na região de Pelotas, os então beneficiários do modelo de conservação não refrigerada, que eram membros da elite dirigente da cidade, entraram em crise. Acerca desse momento, Loner (1999) comenta que:

Pecuaristas e charqueadores, e em que pese sua precoce organização, não conseguiram manter um bom nível de capitalização, o que se evidenciou nas diversas tentativas de formação de um frigorífico nacional, como forma de contrapor-se à exploração dos frigoríficos estrangeiros. A única tentativa realmente concretizada, ocorrida na cidade de Pelotas, durou pouco mais de um ano, sendo posteriormente, o frigorífico nacional ali localizado, vendido a uma empresa estrangeira. Dessa forma, os frigoríficos não solucionaram os problemas da região. Pelo contrário, através de manobras baixistas, mantiveram a pecuária em permanente crise, ao mesmo tempo que levaram à falência das charqueadas. (LONER, 1999, p. 56)

Algumas alternativas após a crise do charque foram o plantio de arroz – datado de 1903 – aliado à criação de gado. Para a cidade de Pelotas, o ano de 1906 é marcante economicamente e, também, futebolisticamente (como veremos a seguir). Neste ano foi criado o Banco Pelotense, uma verdadeira demonstração de poderio econômico, pois concentrava os recursos das atividades urbanas, além do setor pecuarista da região sul do estado.

Em que pese a crise financeira causada pela falência das charqueadas, Pelotas ainda se mantinha entre as principais cidades brasileiras em quantidade de arrecadação. Possuía, em 1920, mais rendas municipais que cidades como Campinas, Juiz de Fora e Santos (LONER, 1999).

Já nos anos 1930, Pelotas precisou, mais uma vez, se adequar na sua produção econômica, enquanto a cidade vizinha de Rio Grande soube reagir melhor ao momento, conforme Loner:

[...] a falência do Banco Pelotense e o fim das charqueadas abriram um período de redefinição e readaptação econômica, baseado na indústria da alimentação, desenvolvimento da agricultura do arroz e conservas. Rio Grande, graças as suas empresas, ao porto e a sua posição na malha ferroviária do Estado, acusou menos o golpe e teve uma recuperação mais rápida [...]. (LONER, 1999, p. 58).

No começo do século XX, na cidade Pelotas, mesmo que em um contexto de crise da indústria saladeiril, a população envolvia-se em atividades associativas, fossem elas de lazer ou desportivas, a destacar as envolvidas com a prática do remo, esporte com aceitação dentre os pelotenses e rio grandinos. Conforme Dalila

Müller (2012), Pelotas e Rio Grande possuíam uma relação de trocas que ia para além da economia, conforme a autora cita:

Analisando as fontes documentais é possível dizer que as primeiras viagens de recreio eram realizadas por vapor e tinham por origem e destino somente Pelotas e Rio Grande, em função da facilidade de acesso através dos vapores que ligavam as duas cidades pela lagoa dos Patos. No início da segunda metade do século XIX, cinco vapores faziam o transporte de passageiros entre Pelotas e Rio Grande: Especulação, Rio Grande, Charrua, Mauá e Trapuá, sendo três da companhia União, um da companhia Mauá e um da companhia Guaíba. (MÜLLER, 2012, p. 149-150.)

No começo da República Brasileira (1889), eram poucas as associações esportivas presentes em Pelotas. Conforme Loner, as poucas que existiam eram as fundadas por alemães “normalmente de tiro, ginástica e regatas, além do ciclismo, que também incluía elementos da elite nativa” (LONER, 1999, p. 141). O tiro esportivo, por exemplo, teve uma popularidade acentuada à época, devido à possibilidade de se prestar o serviço militar obrigatório nessas sociedades.

Os esportes náuticos rapidamente conquistaram as elites locais, enquanto os clubes de ginástica ficaram praticamente restritos aos alemães, bem como os Clubes de Atiradores, com a função de sociedade de conagraçamento da nacionalidade, em que inclusive mulheres participavam. Clubes de ciclistas se fizeram presentes, mas de forma inconstante. Basquete, hipismo e corrida de cavalos foram outros esportes praticados, agregando-se, na década de 20, o tênis de mesa. (LONER, 1999, p. 141).

O remo foi um exemplo de esporte que teve seu período de popularidade em Pelotas no início do século XX. Conforme Cunha (2008, p. 56), em 1914 foi fundado o Clube de Regatas Pelotense e, segundo comenta, a imprensa local divulgava as práticas náuticas às relacionando a saúde, em que, por exemplo, o remo era um esporte considerado uma estratégia para combater a tuberculose. Outro exemplo foi a natação, considerada como uma forma de treinar o corpo contra esta doença comum nas primeiras décadas do século passado em nosso país.

Esporte que, em Pelotas, ganhou destaque durante o início do século passado foi o turfe. O “Grande Prêmio Princesa do Sul” é um dos símbolos desse período, sendo ainda hoje realizado no Hipódromo da Tablada. Aline Nunes da Cunha, ao estudar o futebol pelotense entre os anos 1930 a 1960, em sua dissertação de mestrado intitulada *Futebol, memória e identidade operária: uma análise sobre a prática futebolística em Pelotas nas décadas de 1930 a 1960* (2008), atrela o desenvolvimento do turfe em Pelotas à sua realidade econômica, que era principalmente de origem agrária, conforme comenta:

O turfe praticado aqui no Rio Grande do Sul conquistou muito destaque. Os governos municipais aplicaram grandes investimentos na criação de espaços de sociabilidade, incentivando a construção de hipódromos, e, assim, propiciaram a disputa de importantes provas. Essa prática esteve intimamente ligada às características da região, voltada ao setor agrário, que tinha no campo a sua principal fonte de renda. (CUNHA, 2008, p. 27)

Em contrapartida aos esportes praticados por elites, como os referenciados acima, existia, também, práticas populares como corridas de cavalo em canchas, também conhecidas como corrida de carreira e rinhas de galo.

Uma das hipóteses para a popularização do futebol pode ser pensada a partir da estrutura necessária para sua prática amadora ou considerando o futebol como exercício recreativo, brincadeira, etc., poderia, assim como pode ainda hoje, ser praticado com uma bola improvisada jogada em um campo irregular em que a meta pode ser demarcada com paus ou simplesmente com chinelos.

Assim como Loner (1999, p. 142), é, também, verificado por Rigo (2004) que em 1906 há o que ambos consideram uma consolidação do futebol em Pelotas, devido a fundação de três clubes, o Club Sportivo Internacional, o Clube Esportivo e o Foot-ball Club. O primeiro time citado tinha as suas instalações no Prado Pelotense, por meio de aluguel. Já no mesmo ano de fundação terá mais de 200 sócios. Também conseguira ter um campo suplementar, situado no mesmo Prado Pelotense.

Conforme observa-se em matérias presentes no jornal Diário Popular do ano de 1906, constatamos a realização de excursões com fins futebolísticos e de lazer, promovida por um clube de futebol pelotense. Na primeira matéria, citada abaixo, o Foot-Ball Club, fundado nesse ano, realiza uma excursão ao Capão do Leão<sup>23</sup> – região localizada à época, na zona rural da cidade de Pelotas.

Excursão – Realizou-se, domingo, a excursão do Foot-ball club ao Capão do Leão. Os teams desta sociedade jogaram ali uma partida, que foi muito apreciada. Moradores do lugar cercaram de carinhosas gentilezas os distintos excursionistas. Foram queimados foguetes á chegada do trem. O dia passou alegre e descuidosamente, deixando em todos gratas impressões. (DIÁRIO POPULAR, 13.11.1906, p. 2).

A partir da observação da matéria jornalística acima, vemos o enfoque em uma partida de futebol amistosa disputada entre jogadores do próprio clube,

---

<sup>23</sup> Hoje, Capão do Leão é uma cidade emancipada, que faz fronteira com os municípios de Pelotas, Arroio Grande, Morro Redondo, Rio Grande, Cerrito e Pedro Osório, sendo desanexada da cidade de Pelotas no ano de 1982.

dividindo-se em campo para formar duas equipes. Para além do jogo em campo, notamos o espaço que o jornal proporciona ao caráter festivo, de lazer, realizado pelos moradores locais ao receberem os atletas que chegaram à localidade através da via férrea. Ou seja, uma prática similar às excursões do Sport Club Rio Grande que já foram referenciadas.

Há, também, do mesmo ano, matéria que anuncia a realização de “exercícios de futebol” no Prado de Pelotas. Assim como a matéria anterior, também trata da mesma instituição, o Foot-Ball Club, porém, dessa vez, diz respeito à equipe veterana<sup>24</sup> do clube:

No Prado Pelotense haverá, como de costume, á tarde, exercícios de foot ball, pelos veteranos e principiantes. Às 2 horas sairá da Praça da Republica um Bond especial, conduzindo os associados. (DIÁRIO POPULAR, 12.08.1906, p. 2).

Como já citado nesta dissertação, o Prado Pelotense – atual Hipódromo da Tablada<sup>25</sup> –, era espaço não apenas das corridas de cavalos e apostas desportivas nas mesmas, mas, também, um local de lazer e treinamentos de futebol, além de, como já citado, ter sido o local que registrou a primeira partida de futebol na cidade de Pelotas, promovida após uma excursão do Sport Club Rio Grande, em outubro do ano de 1901.

As matérias demonstram que o futebol estava se tornando uma prática que vinha ganhando espaço entre a população pelotense, pois como se observa na matéria jornalística acima, constam os termos “como de costume” – o que denota uma atividade corriqueira – e “uma partida, que foi muito apreciada”, o que nos faz refletir sobre a inserção deste esporte no gosto popular local.

Em 1907 – um ano após o marco temporal referenciado por Loner (1999) e Rigo (2004) -, é fundada a Liga Pelotense de Futebol (ainda existente, promovendo campeonatos em nível amador, com clubes dos mais diversos bairros da cidade integrando as competições citadinas).

Além dos clubes anteriormente citados, surgiram o Sport Club Pelotense, o Sport Club Brasileiro e o Sport Club União. O último fazia seus exercícios de futebol

---

<sup>24</sup>Termo utilizado ainda hoje para definir jogadores de futebol que não são jovens. Na cidade de Pelotas, atualmente, são realizados campeonatos por equipes veteranas de diversos clubes amadores – da várzea e do futebol colonial (nome dado ao futebol disputado na região do interior Pelotense). Ou seja, um mesmo clube possui a divisão entre equipes principal, formada por seus melhores jogadores, a equipe veterana, além de times femininos, reservas e juvenis.

<sup>25</sup> Atualmente localizado na Avenida Zeferino Costa, 140, Bairro Três Vendas, Pelotas.

em um terreno em frente à Estação Férrea – a parceria entre ferrovias e futebol irá se repetir junto ao Grêmio Esportivo Brasil, como veremos –, enquanto o Clube Esportivo fazia o seu treinamento em um campo localizado na atual rua Benjamin Constant. Já o Foot-Ball Club jogava em frente ao Parque Pelotense. Acerca da fundação e características deste parque, Rasch (2013) comenta:

[fundado] em 1883 do Parque Pelotense, um espaço de sociabilização das elites, onde se poderia aproveitar o tempo ocioso com aquilo que o mundo civilizado melhor poderia proporcionar como agradáveis passeios, conversas, um belo jardim, exposições, etc. (RASCH, 2013, p. 14)

Ou seja, com essa citação, podemos observar que, em Pelotas, mesmo em anos finais do escravagismo, a elite local criava espaços para seu lazer e fruição estética em locais que a cidade poderia lhe oferecer. O futebol não ficou alheio a essas estruturas durante os anos iniciais do século XX, tendo em vista que as usava como praças esportivas para seus treinos e jogos.

Os clubes pelotenses do início do século XX, além da prática esportiva, constituíam-se como espaços de sociabilidade. Estes limitavam o acesso do público que poderia usufruir de suas benesses, como festas e jogos. Em suma, as possibilidades de lazer promovidas nas e pelas estruturas físicas e as formas de relações interpessoais que estes clubes possuíam eram restritas às pessoas que podiam pagar joias<sup>26</sup>. Acerca desta forma de organização, Loner (2017) comenta:

[...] tinham como critério básico de entrada não mais a nacionalidade ou profissão, mas sim a posição social, em geral utilizando-se como critério de inclusão/exclusão o custo da mensalidade e da joia de entrada, ao lado de outras regras, como roupa e conduta, embora continuasse havendo a discriminação pela cor da pele, ou seja, clubes exclusivos para brancos e para negros. Entre os últimos, predominaram os clubes carnavalescos, tendo maior limitação no número de atividades de lazer oferecidas devido à questão econômica. Na cidade, era comum as famílias se associarem a mais de um clube e acompanharem a temporada de festas e atividades sociais mais ou menos intensa destes, pois os clubes não serviam só para o lazer, mas principalmente para o convívio de pessoas de certa classe ou setor social entre si, o que depois podia redundar em negócios, empregos, parcerias e até casamentos. Devido a isso, eram também muito procurados por famílias com filhas em idade núbil. (LONER, 2017, p. 83).

Nascido em uma elite abastada, tendo em vista o custo das práticas embrionárias do futebol praticadas em clubes sociais de nosso país – com bolas de

---

<sup>26</sup> Determinada quantia doada em dinheiro.

couro costuradas, outros materiais necessários importados – o futebol, rapidamente, inseriu-se entre as camadas populares, exemplo disso é que no ano de 1909, a cidade de Pelotas já contava com o Clube Aliança dos Operários, que tinha em sua primeira diretoria dois membros negros em posição de destaque<sup>27</sup>.

Em Pelotas, no início do século XX, uma estratégia para manter o elitismo – ou seja, manter o desporto praticado entre pessoas abastadas – eram os clubes mais tradicionais jogarem apenas entre si, não aceitando convites de clubes não pertencentes à sua liga, sendo escolhidos por seu *status* (RIGO, 2004). Um exemplo de tal estratégia, foi o fato ocorrido em Pelotas, em 1908, quando o Club Sportivo Internacional recusou convite de jogo formulado pelo Sport Club Esperança, alegando que só jogava com os integrantes da liga, da qual o Esperança não fazia parte. Contudo, isso não impediu o surgimento de outros clubes, tais como o Sport Club Cruzeiro do Sul, de funcionários da Cervejaria Haertel. Uma resposta popular frente ao elitismo do futebol em Pelotas foi a criação da Liga José do Patrocínio<sup>28</sup>, em 1914, paralela à “primeira liga”<sup>29</sup>.

Conforme consta no Quadro 1, observa-se a diversidade de origens de clubes de futebol fundados em Pelotas. Este levantamento foi possível a partir dos anexos presentes em Loner (1999).

---

<sup>27</sup>Jornal Alvorada 17/10/1909, apud Loner (1999).

<sup>28</sup> Em Rio Grande, a título de informação, surgiu a Liga Esportiva Rio Branco e em Porto Alegre, a Liga da Canela Preta. Ambas com o intuito de promover a prática desportiva dentre a população negra destas cidades.

<sup>29</sup> A Liga José do Patrocínio foi fundada em 10/06/1919, congregando times negros da cidade de Pelotas e mantendo sua existência pelas próximas duas décadas. Faziam parte dela os clubes Juvenil, América do Sul, Universal, Vencedor, União Democrata e Luzitano. (LONER, 1999).

Quadro 1: Clubes de futebol fundados em Pelotas entre as décadas de 1910 e 1940.

<b>NOME DO CLUBE</b>	<b>ORIGEM</b>
G. A. Vasco da Gama	Operários
C. E. dos Operários	Operários
S. C. Aliança dos Operários	Operários
Cruzeiro do Sul <sup>30</sup>	Operários da Cervejaria Haertel
G. S. Vencedor	Negros
G. S. União Democrata	Negros
S. C. Universal	Negros
S. C. Juvenil	Negros
S. C. Monteiro Lopes	Negros
G. S. Luzitanos	Negros
S. C. América do Sul	Negros do Bairro Areal
S. C. Guarany	Elite
S. C. Rio Branco	Elite
S. C. Pelotas <sup>31</sup>	Elite
Foot Ball Club	Elite
G. S. Ideal	Elite
G. S. Internacional	Elite
S. C. Tiro 31	Militares
S. C. União Militar	Militares
G. A. 9º Regimento de Infantaria <sup>32</sup>	Militares
G. S. Assis Brasil	Estudantes
C. Atlético	Estudantes
G. Acadêmico Tamandaré	Estudantes de Direito e Odontologia
Santa Tecla F. C.	Distrito Capão do Leão
G. E. Democrata	Distrito Capão do Leão
S. C. Monte Bonito	Distrito Monte Bonito
S. C. Três Vendas	Bairro Três Vendas
São Pedro F. C.	Bairro Fragata
União F. C. Fragatense	Bairro Fragata
S. C. Planalto	Bairro Areal
G. S. Arealense	Bairro Areal
G. P. Desportos	Comerciantes Portugueses
G. Português de Desportos	Comerciantes Portugueses
G. S. Libanês	Sírios
G. S. Polaco – Brasileiro	Poloneses
S. C. União	Imigrantes
S. C. Democrata	Imigrantes

Fonte: Loner (1999)

A partir do quadro acima, podemos verificar uma diversidade de origem baseada em bairros, origens sociais, origens étnicas e atividades laborais e estudantis variadas nas primeiras quatro décadas do século XX em Pelotas.

<sup>30</sup> Clube que, após cisão, deu origem ao Grêmio Esportivo Brasil

<sup>31</sup> Atual Esporte Clube Pelotas.

<sup>32</sup> Atual Grêmio Atlético Farroupilha.

Para além das diferentes origens verificadas por Loner (1999), podemos observar que estas eram o que diferenciavam as primeiras ligas de futebol organizadas em Pelotas umas das outras. Pode-se notar, também, que prova da crescente popularização do futebol na cidade é que, no ano de 1922, coexistiam quatro ligas de futebol na cidade, sendo elas, além da Liga José do Patrocínio, a Liga Pelotense de Foot-Ball, a Liga Cassiano do Nascimento e a Liga Acadêmica (RIGO, 2017, p. 144).

A liga José do Patrocínio é compreendida por Loner (1999) como uma liga de características operárias. Além dos times presentes nessa liga, a autora comenta que:

[...] muitos outros times de trabalhadores foram encontrados na cidade. Entre eles, os mais evidentes, mas não únicos, foram: o Aliança dos Operários; Cruzeiro do Sul, de 1910 [...]; S. C dos Operários (1913); São Gonçalo (1914); Guanabara (comércio); Monteiro Lopes (1913 – negros); S. B. Esportiva dos Empregados da Livraria do Globo (1928); Proletários (1929); R. C. R. F. Clube (funcionários da Bromberg – 1929); Benfica (1915). (LONER, 1999, p. 145).

Os clubes organizados e frequentados por negros na cidade de Pelotas eram, para além da prática esportiva e festiva, espaços de resistência aos malefícios advindos da escravidão. No pós-abolição, a população afrodescendente compunha um terço do número de habitantes da área urbana da cidade. Conforme Censo em 1900, Pelotas possuía um total de 44.881 habitantes e em 1920, a população pelotense era de 82.000 habitantes (45.000 na zona urbana e 37.000 na zona rural) (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA, 1981).

A população afrodescendente, permanecendo em solo pelotense, criou sociedades mutualistas<sup>33</sup>, onde congregavam seu grupo étnico. Nos anos que seguem, Loner (2017), ainda comenta que:

Por volta do início dos anos 1920, as entidades mutualistas desapareceram, substituídas pelas entidades recreativas, devendo-se destacar os clubes carnavalescos, alguns dos quais ainda existem. No início da República, eles

---

<sup>33</sup> Também conhecidas como sociedades de socorros mútuos. “Tal fenômeno possui maior força no cenário brasileiro principalmente ao longo do Segundo Reinado e da Primeira República. Dentre estes grupos, encontramos mutuais organizadas por interesses mais diretamente recreativos, étnicos e profissionais. Frequentemente seus objetivos estavam ligados ao auxílio em casos de doença, invalidez ou morte de sócios e/ou familiares, porém em alguns casos a mutualidade possuía como principal objetivo explicitado em seus estatutos, angariar forças para realizar atividades culturais, organizar grupos teatrais e bandas de música, etc.”. (MACIEL, 2010, p.1).

também foram responsáveis pela fundação de alguns jornais negros, entre os quais O Ethiópico, que talvez seja o primeiro do Rio Grande do Sul, pois teve seu número único distribuído em 1886. No início do século XX foram lançados A Cruzada (1905) e A Vanguarda (1908), mas o principal jornal negro do Estado foi o A Alvorada, surgido em maio de 1907 e que durou mais de 50 anos, tendo dupla inserção, como jornal negro e operário. (LONER, 2017, p. 202)

Cunha (2008), ao comentar sobre a relação entre o carnaval<sup>34</sup> e o futebol, cita que:

De certa forma o futebol e o carnaval partilham muitas coisas em comum. Ao se observar o ritual da celebração envolvendo esses acontecimentos, percebe-se que ambos rompem com a rotina diária e, por um tempo, os problemas cedem lugar ao sentimento. No caso do carnaval, o prestígio é tanto que faz parar por três dias todas as outras atividades no país, e ainda consegue reunir, na rua, um espaço, que no dia a dia é extremamente vigiado, uma multidão para realizar e contemplar o desfile. É semelhante a alegria proporcionada pelo futebol, pois, este, apesar de ter uma duração menor, também mexe com as emoções, reunindo torcidas organizadas entregues ao prazer de assistir a exibição de seus craques. A participação de indivíduos anônimos na torcida toma grande proporção, criando as multidões incontroláveis visto também eles acabarem sendo os responsáveis pelo sucesso do evento, improvisando hinos, enfeitando o estádio e fazendo a festa para seus times. (CUNHA, 2008, p. 26-27)

Ao dedicar seu estudo ao movimento operário na cidade de Pelotas, Loner (1999), a partir do trabalho de Hardman (1984), afirma a existência da relação de proximidade entre os clubes de futebol e o movimento operário brasileiro, demonstrado a partir de exemplos de confraternizações de operários em que haviam disputados jogos de futebol.

Sobre o futebol inglês, Loner (1999) cita as diferenças do processo de identificação de classe e profissionalização do esporte em relação à realidade brasileira dos primeiros anos do século XX:

[...] a transformação do esporte proletário na Inglaterra, ocorreu paralelamente à profissionalização dos jogadores e à disputa de campeonatos nacionais, enquanto que, no Brasil, essa transformação iniciou ainda nos times de várzea e nas disputas amigáveis, pois os principais campeonatos foram, por muito tempo, controlados pela elite. (LONER, 1999, p. 143)

O futebol jogado nas ruas de Pelotas nos anos de 1910 a 1930, conforme consta no jornal pelotense *Opinião Pública* - citado por Cunha (2008), era alvo de críticas, sendo visto como uma prática desordeira.

---

<sup>34</sup> “Começa a se organizar em Pelotas, em meados de 1882, através de alguns escravos libertos, os clubes carnavalescos Nagô e Congo, que serviram como um instrumento de luta para a abolição da escravatura”. (SILVA, 2011, p. 1551).

De acordo com as matérias enviadas ao jornal *Opinião Pública*, nos primeiros anos na década de 1930, eram muitas as denúncias sobre a realização de jogos em praças e em vias públicas, alertando para o desrespeito aos transeuntes que deveriam esquivar-se para não serem atingidos. Mas esse não era o único motivo causador de incômodo para uma parcela da população. Era, principalmente a imagem do não-trabalho, da satisfação e do prazer proporcionados por tal prática esportiva copiada das elites, realizada sem nenhum controle e fator desencadeante de desconforto. (CUNHA, 2008, p. 31)

Conforme consta no estudo da autora citada, criou-se a imagem de que os jogos de futebol em vias públicas era coisa de “malandro”, gerando ojeriza por parte da população que via neste esporte uma prática não civilizada. Nota-se isso, inclusive, em uma matéria datada do ano de 1933 – ano em que, oficialmente, ocorreu a profissionalização do futebol – do jornal *Opinião Pública*:

Um dos aspectos que muito depõem contra os foros que gozamos de cidade civilizada é a prática do futebol em plena rua. Como todos sabem, é comum, mesmo nos pontos mais centrais, verem-se grupos de menores e até de barbados, empenhados na disputa de partidas de futebol, transformando os passeios em campos de desporto. As consequências disso são fáceis de imaginar. Além da interrupção do trânsito, são os transeuntes frequentemente atingidos não só pelas bolas, em geral sujas, como também pelos jogadores, que, como é natural, no calor da disputa, não procuram desviar-se de quem passa. Essa prática, além de depor contra os foros de civilização da nossa cidade, como acima dissemos, dão, também, uma péssima ideia do nosso policiamento. Urge, portanto, que a subprefeitura tome as medidas que o caso exige para que não continuem dizendo que não há polícia nesta terra. (A OPINIÃO PÚBLICA, 05/09/1933 apud CUNHA, 2008, p. 32).

Nota-se, a partir dessas matérias jornalísticas a presença do futebol no cotidiano, demonstrando uma universalização do esporte em meio ao gosto das classes não abastadas. Nesse período (1930), vale destacar, ocorreu a Primeira Copa do Mundo de Futebol no Uruguai – país vizinho do Rio Grande do Sul.

Outro debate em voga durante o estabelecimento da popularização do futebol no país, destacadamente entre o meio operário, foi a relação entre a prática futebolística e a suposta passividade frente aos problemas de classe – ou seja, um entendimento do futebol como ópio. Em desacordo a esta primeira corrente de pensamento, o futebol pode ser compreendido como uma prática de lazer entre os operários e, indo mais além, uma propaganda para as empresas, visto que as mesmas por vezes davam nomes aos clubes de futebol criados na cidade. Acerca da relação patrões/ operários jogadores de futebol, Cunha (2008), comenta que:

A mobilização dos funcionários de algumas fábricas com vistas à criação de espaços de lazer no próprio local de trabalho [...] apontam uma grande possibilidade de ter sido pensada não somente para ver atendida uma das

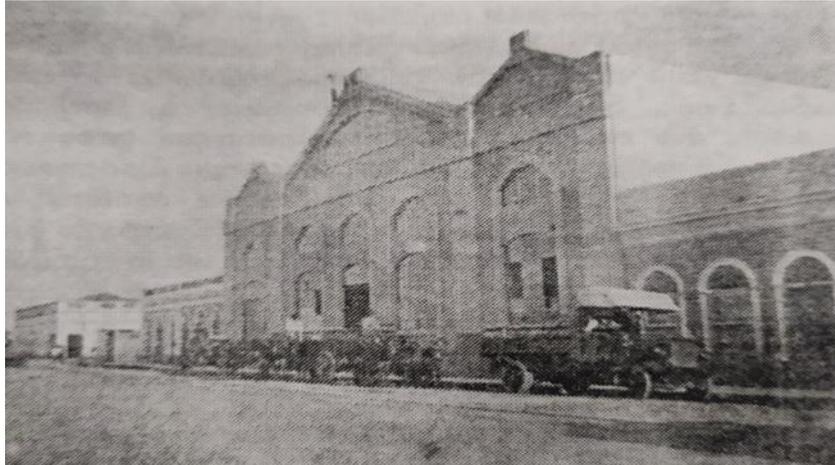
necessidades reivindicadas: a do direito de aproveitar o tempo livre com uma atividade geradora de satisfação prazerosa e salutar para o corpo, mas também para que a entrega ao jogo pudesse ser realizada de forma a não sofrer perseguições. Por sua vez, é provável que os empresários tenham compreendido que, ao acatar o pedido dos trabalhadores, obteriam uma série de vantagens, pois além de ser um meio de satisfazer anseios dos trabalhadores poderiam divulgar a empresa e seus produtos, e por esse motivo, investiram em clubes esportivos. (CUNHA, 2008, p. 31)

Cunha (2008) identificou clubes com as mais variadas características sociais, como, por exemplo, times ligados ao movimento anarquista e comunista; aos pequenos comércios e, também, à Igreja Católica, além de “clubes empresas”, termo usado pela autora devido ao fato dos clubes em questão levarem o nome destas empresas, como nos casos fábricas de sapatos, confeitarias, livrarias, laboratórios e cafés.

Ao tratar do futebol em Pelotas no começo do século XX, Loner (1999) problematiza a ideia de que determinados clubes eram, necessariamente, clubes ligados à determinada classe no que diz respeito às suas torcidas. Um ponto de identificação dos clubes com seus torcedores seria justamente a localização na cidade de Pelotas, sendo que clubes de bairros diferentes tinham em suas fileiras torcedoras membros de diferentes classes sociais, ligados por laços de territorialidade. “Como esporte, ele [o futebol] atraía os operários, mas sua prática, no campo e na torcida, não necessariamente contemplava a delimitação de classe como fator essencial” (LONER, 1999, p. 147) [grifos do autor].

Dentre os clubes ligados às empresas, fábricas e comércio, encontra-se o exemplo do Grêmio Esportivo Brasil de Pelotas, pois a sua criação foi atrelada à cisão do Sport Club Cruzeiro do Sul, clube fundado em 1910, sendo dirigido por funcionários da Cervejaria Haertel (Figura 1), localizada no Bairro Porto. O novo clube foi fundado na Rua Santa Cruz, nº 56 em Pelotas, à época residência de José Moreira de Brito, pai do atleta Salustiano Brito - um dos atletas que romperam com o Sport Club Cruzeiro do Sul -, além de outros fundadores como Manoel Aires, Dário Feijó, Francisco Nunes e Raimundo Pinto Rego (Anexo 1).

Figura 1: Prédio da Cervejaria Haertel, local onde surgiu o Grêmio Esportivo Brasil.



Fonte: Revista Almanaque de Pelotas (1915, p. 219 apud RIGO, 2004, p. 129).

Devido à data de fundação – 7 de setembro de 1911 – inicialmente as cores do Brasil de Pelotas seriam verde e amarelo, em referência à independência de nosso país, porém, seria similar ao jogo de uniformes do rival Esporte Clube Pelotas - de cores azul e amarelo. Em sua fundação, o Esporte Clube Pelotas escolheu as cores do Clube Caixeiral. Em oposição ao E. C Pelotas, ficou decidido que o Brasil de Pelotas receberia as cores do Clube Diamantinos<sup>35</sup> – vermelho e preto (PEREIRA, 2017).

Sobre a temática das cores, um documento, datado de 7 de setembro de 1961 – data do cinquentenário do Grêmio Esportivo Brasil –, enviado pela diretoria do Brasil de Pelotas à Rádio Pelotense intitulado *O passado do G. S. Brasil*, traz a seguinte informação:

[...] adotando naquela ocasião as cores verde e amarelo, mais tarde, por sugestão do Presidente seguinte, pois o primeiro foi o Snr. Dário Feijó, o saudoso Manoel Aires Jr. sugestionado pela cores “Diamantinas” foi o rubro-negro adotado e que tantas glórias tem colhido neste meio século de existência. (GREMIO SPORTIVO BRASIL, 1961, n.p. In: Acervo Rogerio Moreira)

O porto-alegrense Jornal do Dia, em ocasião do cinquentenário do clube realizou uma matéria intitulada *Resumo histórico do Grêmio Esportivo Brasil*, em que cita a sua origem a partir da cisão já referendada, e comenta que seus fundadores que já tiveram seus nomes descritos, estavam “[...] animados de muita fôrça de

---

<sup>35</sup> Assim como o Clube Caixeiral, o Clube Diamantinos é um clube social da cidade de Pelotas, ficando localizado na Rua Gonçalves Chaves, nº 956.

vontade e cheios de entusiasmo pelo foot-ball association.” (JORNAL DO DIA, 13.09.1961, n.p).

Nas duas fontes acima vemos uma diferença de nomenclatura. O escrito pela diretoria do Brasil de Pelotas se refere ao clube como “Grêmio Sportivo”, em seu turno, afastado apenas por seis dias de diferença, o jornal da capital gaúcha utiliza o nome que hoje é o oficial “Grêmio Esportivo Brasil”. Nota-se, ainda, que a fonte jornalística utiliza o termo inglês foot-ball association para nomear o esporte.

Sobre os primeiros jogadores a comporem o elenco do clube, observa-se os seguintes nomes: Franck, Nunes, Brito, Gervasio, Mario Bozon, Jacinto, Darwin, Ignacio, Diogo e Müller (Anexo 01).

Dois meses após a fundação do clube, foi realizada a primeira partida, contra o time do Sete de Setembro, também da cidade de Pelotas:

O primeiro jogo do Grêmio Esportivo Brasil (na época *Grêmio Sportivo Brasil*) realizou-se no dia 11 de outubro de 1911, tendo por adversário o time do Clube Sete de Setembro, do município de Pelotas, RS. A partida, com o placar de 2x2, foi disputada em campo aberto, no final do bairro Fragata, onde o Sete de Setembro *mandava* seus jogos. (ANDREA, 2011, p. 22)

No acervo do Grêmio Esportivo Brasil de Pelotas não consta a ata de fundação do clube<sup>36</sup>, conforme consultado pelo pesquisador. Conforme Claudio Andrea (2019), um dos entrevistados que serão destacados no capítulo 3 dessa dissertação, muitos documentos foram se perdendo no decorrer do tempo. Um dos motivos para perdas, extravios e possíveis descartes seria as mudanças de sede administrativa que o clube passou nos seus mais de 100 anos de história. No livro oficial<sup>37</sup> do centenário do clube, por exemplo, não há registro de ata de fundação do Brasil de Pelotas, por outro lado, no mesmo livro, constam diversas imagens de todas as décadas de existência do clube até a sua escrita, em que fotografias percorrem os anos finais da década de 1910 até o ano de 2011.

O Xavante abriu o seu quadro aos operários, uma vez que se originou justamente de um clube composto por funcionários de uma cervejaria local. Para Rigo (2004), isto já demonstra uma diferença em relação a uma parte dos clubes de

---

<sup>36</sup> Além da informação do depoente, também foram estudados outros trabalhos sobre o clube e, nesses, da mesma forma, não foi possível localizar documento de fundação do Grêmio Esportivo Brasil.

<sup>37</sup> Termo utilizado na apresentação do livro “Identidade Xavante”, do organizador Claudio Andrea, 2011.

futebol de Pelotas, elitistas e que não se abriam para as demais classes sociais da cidade.

O Rubro-Negro Pelotense logo conseguiu sucesso, conquistando um tricampeonato citadino em 1917, 1918 e 1919. O seu maior título, até os dias atuais, foi o do Campeonato Gaúcho de 1919, sendo esta a primeira edição do estadual realizado. Nesta ocasião, o Brasil enfrentou em partida única o Grêmio de Porto Alegre, campeão da região metropolitana, e o derrotou por 5x1. O título contribuiu para a consolidação do clube, tornando-o conhecido em todo o Estado, e até mesmo fora dele, ao ser convidado para o Triangular de Campeões, disputado no Rio de Janeiro – como será visto no segundo capítulo.

No início da década de 1920, o Grêmio Esportivo Brasil quase encerrou suas atividades, pois não havia diretoria:

Em 1922 ou 23, sem Diretoria capaz de dirigi-lo, e já se falava em sua dissolução, tivemos em Mario Manfrim e Waldomiro Victoria (Babá), em reunião no prédio em que está hoje a “Cimer” a decisão destes abnegados, de continuar o gremio na sua trilha vitoriosa. Também em 1926, seus jogadores, tiveram de “roubar” o fardamento, para jogar o torneio de encerramento, pois os poucos membros da Diretoria, nada queriam com a continuação do gremio rubro-negro. Foi nesta ocasião que o denotado e saudoso Dr. Manoel L. Rocha Osorio, organizou Diretoria e quadro e já em 1927, consagrávamos novamente “Campeão Pelotense”. (GREMIO SPORTIVO BRASIL, 1961, n.p. In: Acervo Rogerio Moreira)

Acima, observa-se a situação de crise do clube no início dos anos 1920, sendo o ano de 1923 o demarcado no documento analisado. Desse modo, é possível partir da premissa de uma crise no contexto da Revolução<sup>38</sup> deste ano, em que inclusive a cidade de Pelotas sofreu um cerco. Outro ponto a ser observado é a participação de uma pessoa que foi jogador do clube em anos anteriores, nesta ocasião atuando fora do campo para a manter a existência do clube, além disso, nota-se a debilidade material/financeira do Brasil de Pelotas nos anos relatados no documento, quando faltava, inclusive, fardamento para disputar as partidas. Porém, apesar do momento de crise enfrentado na década de 1920 conforme consta em documentação, o clube manteve suas atividades.

Uma característica do Brasil de Pelotas foi a sua abertura precoce para a participação de atletas negros. No time campeão de 1919 aparece Valdomiro Victoria, o “Babá” (Figura 2), sendo que este atleta já fazia parte do clube em 1917

---

<sup>38</sup> Movimento Revolucionário que ocorreu no Rio Grande do Sul no ano de 1923, motivado pela quinta reeleição do Governador do Estado, Antônio Borges de Medeiros. Foi uma guerra civil que durou de janeiro até dezembro.

(RIGO, 2017). Em 1925 aparecem os jogadores negros Gradim e Ivo, e no ano de 1929, Fruto (Figura 3), que até hoje é tido como um jogador símbolo do clube (ANDREA, 2011). Contando com estes, e com Alvim, como jogadores negros titulares, conquista-se o campeonato citadino de 1931. O jogador Nestor Pedroso, de apelido “Fruto”, além de ter jogado no Brasil de Pelotas, também atuou pelo Flamengo do Rio de Janeiro e pelo Rio Grande.

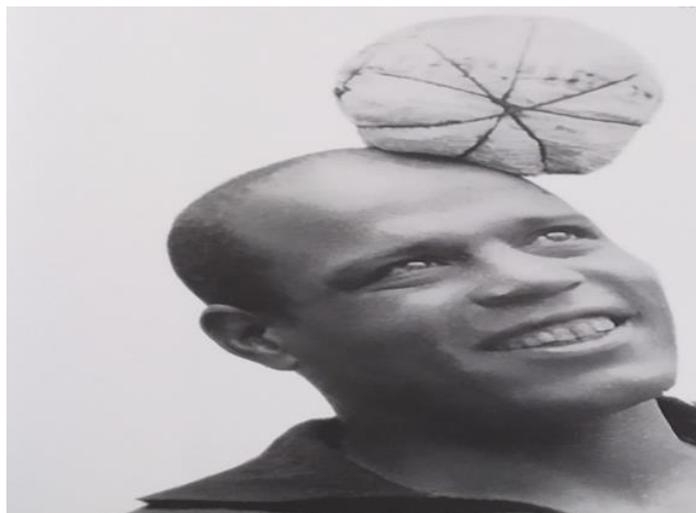
Figura 2: Equipe do Grêmio Esportivo Brasil, 1919.



Atletas: da esquerda para a direita: Floriano, Alvariza , Alberto, Farias, Proença, Rossel, Babá, Gerlach, Ary, Nunes e Oswaldo Franck (goleiro).

Fonte: Acervo do Grêmio Esportivo Brasil (Restauração Andrea Bachettini) (ANDREA, 2011, p. 35).

Figura 3: Jogador Nestor Pedroso - Fruto.



Fonte: Acervo do Grêmio Esportivo Brasil. (ANDREA, 2011, p. 39).

Para Rigo (2004), o Grêmio Esportivo Brasil, dentre os clubes que jogavam a Liga Pelotense de Foot-Ball, rapidamente se tornou o clube mais popular, pois foi o

primeiro da liga que aceitou jogadores negros. Sobre a memória popular que se tem na cidade sobre o Brasil enquanto um clube popular, o autor comenta que:

O ritmo veloz com que o G. E. Brasil popularizou-se e o fato de ter sido o primeiro clube da Liga Pelotense de Foot-Ball a aceitar jogadores negros criaram na memória futebolística da cidade a imagem de um clube que já nascera popular. Para quem torceu e jogou no futebol da cidade, na época o G. E. Brasil mestiço e popular, essa é a lembrança deixada pelo clube. (RIGO, 2004, p. 153)

Por outro lado, na mesma cidade, o Esporte Clube Pelotas, formado após a fusão de três clubes (Club Sportivo Internacional, Club Esportivo e Foot-Ball Club), era o clube pelotense que, desde seu começo, possuía recursos materiais que o destacava (Ver Quadro 1). Um exemplo disso é a criação do Estádio Boca do Lobo<sup>39</sup>, localizado em zona nobre e central da cidade, na Avenida Bento Gonçalves. O Pelotas também trouxe o jogador Tufy, goleiro paulista considerado uns dos melhores do país durante os anos finais da década de 1910 (RIGO, 2004, p. 134).

Nota-se, nesse exemplo de transferência de um jogador de outro Estado e com renome, uma forma diferenciada do amadorismo até então visto na cidade, mas também não é prova de um profissionalismo local existente. Sobre essa questão, Rigo (2004) comenta:

Indícios empíricos como esses anunciam a presença do germe do profissionalismo em diferentes regiões do país, bem antes de 1933, inclusive em locais pouco estudados e não somente no Rio de Janeiro, São Paulo ou outros grandes centros. (RIGO, 2004, p. 135)

Além da vinda de um jogador de destaque oriundo do estado de São Paulo para a cidade de Pelotas, o Esporte Clube Pelotas, também em seus anos iniciais, trazia jogadores uruguaios para atuar pela equipe. Essa era uma prática comum aos times da fronteira com o Uruguai, como o 14 de Julho, de Santana do Livramento e o Guarany, de Bagé. Ainda sobre o Esporte Clube Pelotas, há registro de amistosos contra equipes da Argentina como o Club Atlético Estudiantes já no ano de 1910 – onde presenciou-se público de aproximadamente 4.000 pessoas (ALVES, 1984).

Somando-se a Grêmio Esportivo Brasil e Esporte Clube Pelotas, a cidade, na década de 1920 passou a contar com o Grêmio Atlético Farroupilha, sendo estes três os clubes pelotenses que atualmente jogam profissionalmente. Acerca deste

---

<sup>39</sup> Fundado em 1908, o Estádio Boca do Lobo, pertencente ao Esporte Clube Pelotas, é o estádio mais antigo ainda em uso no país. Conforme Alves (1984), em partida de inauguração de seu estádio, contra o Sport Club Rio Grande, o público presente foi de 3.000 pessoas. Esse número é expressivo, pois a cidade de Pelotas, conforme censo de 1900 – já citado -, possuía um total de 44.881 habitantes.

último clube, no estudo monográfico de Luciano Zschornack, intitulado *Grêmio Atlético Farroupilha: Memórias de um time imbatível* (2005), o autor comenta que o clube foi fundado em 26 de abril de 1926, com o antigo nome de Grêmio Atlético 9º Regimento de Infantaria e foi uma criação de quatorze oficiais de baixas patentes e dois soldados do 9º Regimento de Infantaria do Exército Brasileiro (ZSCHORNACK, 2005). Desde sua fundação, o clube preserva suas cores originais: verde, amarelo e vermelho e, por isso, é reconhecido como tricolor, assim como tantos outros do país que tradicionalmente usam camisas com listras em três cores distintas. Mudança ocorreu com o nome de seu estádio, apesar de se manter no mesmo local desde a fundação do clube. O hoje Estádio General Nicolau Fico chamava-se Estádio das Laranjas, devido a suposta aparência com o Estádio das Laranjeiras, do Fluminense Football Club, do Rio de Janeiro. O estádio do Tricolor Carioca foi um dos principais estádios do país durante os anos iniciais da popularização do futebol no Brasil e, inclusive, sediou o Campeonato Sul Americano de Seleções que ocorreu sete anos antes da fundação do Tricolor do Fragata. A mudança de nome do clube para Grêmio Atlético Farroupilha ocorreu devido à portaria do Ministério do Exército, datada em 13 de dezembro de 1941 que decidia que unidades militares não podiam mais ceder seu nome para entidades esportivas. O novo nome do clube faz referência ao título do Campeonato Gaúcho de Futebol disputado em 1935, após 100 anos do início da Revolução Farroupilha.

No Farroupilha, a presença de negros não era motivo de exclusão, pois o que prevalecia eram os vínculos militares do clube à época chamado Grêmio Atlético 9º Regimento de Infantaria (RIGO, 2004).

Dentre todos os clubes fundados na cidade de Pelotas na primeira metade do século XX - alguns deles expostos no Quadro 1 - pode-se constatar que se mantiveram até os dias de hoje apenas três, o Esporte Clube Pelotas (1908), o Grêmio Atlético Farroupilha (1926) e o Grêmio Esportivo Brasil (1911).

O primeiro campo onde o Brasil de Pelotas mandava seus jogos e realizava seus treinamentos foi em um gramado próximo a Estação Férrea de Pelotas, no Bairro Simões Lopes. À época, esse bairro era parte de uma área desvalorizada da cidade, afastado do centro de Pelotas. Devido à localização próxima dos trilhos do trem e por sua característica de aceitar jogadores negros nos seus primeiros anos de existência, o Brasil de Pelotas recebeu um primeiro apelido de “Negrinhos da Estação”, em contrapartida, o seu rival, o Esporte Clube Pelotas, era chamado de

“Fidalgos da Avenida”.

Em 1916, no mesmo bairro, o Brasil de Pelotas inaugurou uma arquibancada/pavilhão para 2.000 pessoas (Figura 4). Esse local, depois de inauguração do Bento Freitas (1943), foi adquirido pelo Clube Atlético Bancário, equipe pelotense fundada em 1925, inativa atualmente. Sobre o primeiro pavilhão construído pelo clube, consta no site oficial do Brasil de Pelotas:

[...] o Brasil não possuía um local para chamar de ‘casa’. Porém, apenas cinco anos após a fundação, em 1916, o clube inaugurou um vasto pavilhão social, que também era chamado, naquele tempo, de ‘Praça de Esportes’. A tal sede, localizada no bairro Simões Lopes, foi construída toda em pedra de granito e madeira, e tinha capacidade para acomodar dois mil torcedores, um número muito significativo naquele tempo. Além das arquibancadas, o primeiro estádio do Brasil comportava copa, secretaria, sala para o departamento médico, rouparia e vestiários. (ESTÁDIO BENTO FREITAS, 2020, *on line*).

Figura 4: O primeiro pavilhão do Grêmio Esportivo Brasil de Pelotas.



Fonte: Acervo Vera Gaspar Martinez (ANDREA, 2011).

Na imagem acima se observa uma variação do nome do clube: está impresso na foto Brazil, nomenclatura não verificada em nenhuma outra fonte. A fotografia está datada do aniversário de cinco anos do Grêmio Esportivo Brasil, que ocorre em mesma data que o feriado da independência do país.

O termo “Negrinhos da Estação” para se referir ao Brasil de Pelotas e sua torcida, teve, de certa forma, seu lugar tomado pelo uso do apelido “Xavante”, que hoje em dia é o mais popular para se referir ao clube.

No ano de 1946 surge o apelido “Xavante” para designar o clube e a sua torcida. Tal fato, segundo o site oficial do Brasil de Pelotas e Andrea (2011), surgiu

após um Clássico Bra-Pel disputado no Estádio Boca do Lobo, em partida válida pela final do Campeonato Citadino de 1946, no dia 28 de julho.

Em uma vitória com virada no placar para 5x3, a torcida do Brasil, de visitante no estádio de seu rival, invadiu o gramado para comemorar junto aos jogadores. Sobre esse episódio, consta no site oficial do clube:

Após o apito final, a torcida vencedora não se aguentou nas arquibancadas, atropelou o alambrado e invadiu o campo para comemorar. Vendo toda aquela euforia, quase que descontrolada, um dirigente áureo-cerúleo comparou a festa em vermelho e preto ao filme “Invasão dos Xavantes” (em cartaz naquela época), dizendo: “eles foram uns bárbaros ao final do jogo, pareciam uns Xavantes”. (SÍMBOLOS, 2020, *on line*).

Acerca da origem do apelido estar atrelada a um suposto filme em cartaz nos cinemas, foi impossível afirmar com precisão a veracidade da informação para fins dessa dissertação. O título do filme pode ser parte de “história popular”, ou engano de algum cronista esportivo da época, pois, conforme pesquisa realizada no site Internet Movie Database<sup>40</sup>, dentre os 1.254 filmes realizados no ano de 1946 que estão registrados no site, nenhum possui o nome “Invasão dos Xavantes”, sendo utilizado a língua portuguesa, o inglês e o espanhol nos filtros de busca. De mesma forma, tal filme não foi encontrado no jornal Diário Popular.

Além desses apelidos dados à torcida do Brasil de Pelotas que já foram referenciados, é na década de 1960 (Figura 5) que surge outro apelido que a torcida carrega até os dias de hoje: “A maior e mais fiel torcida do interior”, essa frase, aliás, é pintada na arquibancada do Estádio Bento Freitas.

---

<sup>40</sup> O site [www.imdb.com](http://www.imdb.com) é uma base de dados de mídia, além de filmes, é agregado música, jogos de vídeo-game e comerciais.

Figura 5: Faixa colocada na arquibancada, com denominação que virou apelido/símbolo da Torcida Xavante. Datada dos anos 1960.



Fonte: Acervo de Claudio Andrea.

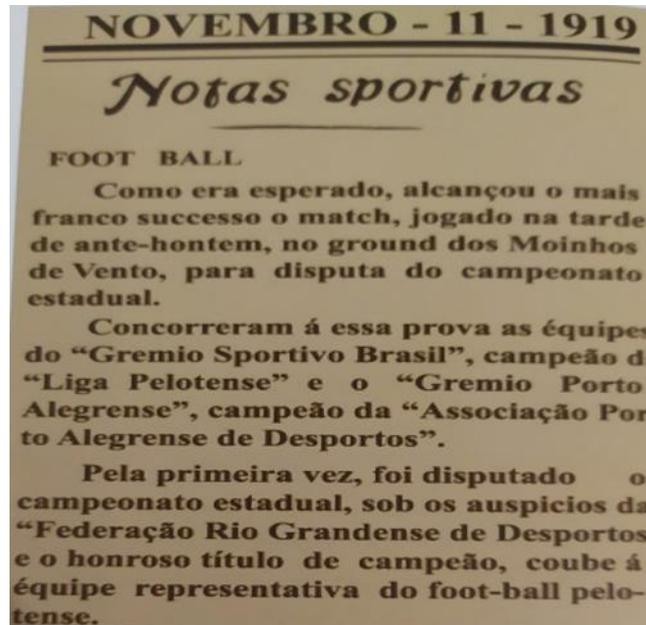
Ainda em seus primeiros anos, o Brasil de Pelotas foi o campeão do primeiro Campeonato Gaúcho, disputado em 1919, que apresentava uma característica distante à de hoje, quanto a sua organização. Era um campeonato regionalizado, com o Brasil de Pelotas conquistando a vaga por ser Campeão Regional de Pelotas no mesmo ano. Além do Xavante e do Grêmio – representante da região de Porto Alegre –, outras equipes deveriam disputar a competição, porém, não realizaram sua inscrição a tempo junto à Federação Gaúcha de Futebol, sendo estas: Nacional (de São Leopoldo), o Guarany (de Bagé)<sup>41</sup>, 14 de Julho (de Santana do Livramento), o Cruz Alta (cidade homônima) e o Uruguaiana (cidade homônima). O Brasil conquistou sua vaga no primeiro Campeonato Gaúcho graças ao título da Liga Pelotense de Foot-Ball, conforme (Figura 6).

A final do Campeonato Gaúcho de 1919 foi disputada no dia 9 de novembro – domingo, às 16h, no Campo do Moinhos de Vento, conhecido como “Fortim da Baixada”, pertencente ao Grêmio, em Porto Alegre. Conforme consta no livro *Identidade Xavante*, organizado por Claudio Andrea (2011):

Diante das providências tomadas pela Federação [Gaúcha de Futebol], até mesmo os sócios tricolores tiveram que pagar para assistir ao *match*, porém com preferência para ocupar o pavilhão. Os ingressos foram disponibilizados ao preço de 2\$00 e 3\$00 réis, segundo informações do jornal *Correio do Povo*, e deveriam ser adquiridos na rua dos Andradas, 375. De quebra, cada cavalheiro poderia fazer-se acompanhar “duas senhoritas” ou de “dois cavalheiros” para assistir ao jogo. (ANDREA, 2011, p. 34) [grifos do autor].

<sup>41</sup> O Guarany de Bagé é, ainda, a equipe com mais títulos gaúchos após Internacional e Grêmio. Ao todo, a equipe da região da campanha ganhou o Gauchão em duas ocasiões, em 1920 e em 1938.

Figura 6: Jornal Correio do Povo, de Porto Alegre, comenta a conquista do Brasil de Pelotas do primeiro Campeonato Gaúcho de Futebol.



Fonte: Jornal Correio do Povo, 11/11/1919. In: (ANDREA, 2011, p. 34)

Após conquistar o Tricampeonato Citadino de 1917, 1918 e 1919; em 1921 foi campeão disputando um total de nove jogos, sendo a final contra o Esporte Clube Pelotas (4x1) – no Estádio Boca do Lobo. Em 1926, novamente disputando nove jogos, foi Campeão Citadino de maneira invicta, já em 1927, foi campeão disputando um total de 10 partidas (ANDREA, 2011).

A década de 1930, para o Brasil de Pelotas, marcou o clube como sendo de caráter popular (RIGO, 2004) se pensarmos a hipótese disso acontecer a partir da inclusão de mais jogadores negros em suas equipes (Figuras 7, 8, 9 e 10). Vê-se inúmeros exemplos de clubes profissionais de futebol que se autointitulam como times do povo, prova disso é, por exemplo, a expressão "O Clube do Povo"<sup>42</sup> estar presente em marcas de materiais desportivos, sites, murais em estádios e, também, em faixas e bandeiras de torcedores, membros de torcidas organizadas ou não. Acerca dessa temática, o autor comenta que:

Se a presença isolada do mulato Babá na equipe de 1919 pode ser vista apenas como mais uma exceção à regra, o mesmo não se pode dizer das equipes que o clube formou um pouco mais tarde. [...] Esse processo de incorporação de atletas negros, além de ter sido uma estratégia que

<sup>42</sup> No estado do Rio Grande do Sul, o Sport Club Internacional de Porto Alegre é conhecido como O Clube do Povo. Essa marca consta em seu hino, presente na segunda estrofe: "Vibra o Brasil inteiro Com o clube do povo do Rio Grande do Sul".

qualificava significativamente as equipes do Brasil, acabou por fortalecer o veio popular do clube. Ao longo de toda a década de 30, a presença de jogadores negros se fortaleceu, tornou-se uma constante e virou uma espécie de emblema. Em 1931 o Brasil tornou-se mais uma vez Campeão Pelotense, com um grupo no qual eram titulares vários jogadores negros como: Alvim, Grandim, Fruto e Ivo. A partir daquele ano, consolidou-se a marca do jogador negro no G. E. Brasil. (RIGO, 2004, p. 152)

Figura 7: Elenco do Brasil de Pelotas (foto identificada como datando do final da década de 1920/início da década de 1930).



Fonte: Acervo do Grêmio Esportivo Brasil. (ANDREA, 2011, p. 39)

Figura 8 Equipe dos “filhotes”<sup>43</sup> do Brasil de Pelotas e dirigentes do clube em um clássico Bra-Pel do ano de 1929. Nomes não identificados.



Fonte: Acervo do Grêmio Esportivo Brasil. In: ANDREA, 2011, p. 39)

<sup>43</sup>Termo da época equivalente aos atuais “times de juniores”, parte das categorias de base de um time de futebol.

Figura 9: Equipe do Brasil de Pelotas em 1930.



Da esquerda para direita: Ivo, Mortosa, Italiano, Barbosa, Nalerio, Gradim, Solferino, Teotônio, Fruto, Cruz e Osório.

Fonte: Acervo do Grêmio Esportivo Brasil. (ANDREA, 2011, p. 40).

Figura 10: Equipe do Brasil de Pelotas em 1932.



Da esquerda para direita, em pé: Pacheco, Gradim, Mortosa, Osório (goleiro), Barbosa, Botão, Solferino e Fruto. Agachados: Eugênio, Teotônio, Dirceu e Balbuena.

Fonte: Acervo do Grêmio Esportivo Brasil de Pelotas. (ANDREA, 2011, p. 40).

A partir das imagens acima, nota-se a presença de atletas negros como uma constante – se considerar as três diferentes décadas: 1910, 1920 e 1930. Na Figura 2, de 1919, vemos um atleta negro; nas figuras 6, 7, 8 e 9, percebe-se uma maior participação de jogadores negros, sendo que, na Figura 8, observa-se duas particularidades em relação às outras imagens: vemos jogadores do que hoje chama-se de categorias de base – dentre eles jovens atletas negros – e também a presença de pessoas posadas para a fotografia com vestimenta distinta dos jogadores, possivelmente membros da diretoria do clube, como a segunda pessoa desta imagem, da esquerda para a direita, um homem negro vestindo terno e gravata.

A década de 1940 para o Brasil de Pelotas pode ser pontuada, em especial, por dois momentos: 1943 foi o ano de construção do Estádio Bento Freitas (Figura 11) e, em 1946, após disputado do Campeonato Citadino, nasce o apelido mais popular do clube: Xavante, como já citado.

No dia 23 de maio de 1943, o estádio que leva o nome em homenagem à Bento Mendes de Freitas – presidente do clube em 1939 e 1941 – foi inaugurado em uma partida disputada entre Brasil de Pelotas e Força e Luz, equipe de Porto Alegre (Figura 11). O resultado final foi uma derrota, 3x2 para a equipe porto-alegrense. Na (Figura 4) se vê a antiga praça esportiva/pavilhão do Xavante, sendo o primeiro estádio do clube, estrutura fundada em 1916 e com a capacidade para 2.000 pessoas. Este pavilhão tinha em sua construção um “coreto”, que é uma estrutura coberta em espaço livre, utilizado para festas e discursos ao ar livre. Sobre a estrutura e os usos da mesma, o site oficial do clube atrela a existência de um coreto ao ato de sua torcida festejar com bandas musicais no estádio:

A Praça de Esportes do Brasil, que depois virou ‘Campo do Bancário’ e por último ganhou o nome de ‘CT Rubro-negro’, também tinha uma peculiaridade muito interessante: um Coreto. Uma construção com piso a altura de aproximadamente um metro do chão, de forma arredondada ou oitavada. Enfim, era uma espécie de palco, que recebia os grupos musicais responsáveis pelo entretenimento do público antes de a partida começar. A utilização do Coreto é uma prova mais do irrefutável de que o Brasil sempre foi um clube do povo, com uma torcida capaz de transformar um simples jogo de futebol em um grande espetáculo. O mais impressionante é que, mesmo com o passar dos anos, essa tradição de festa nas arquibancadas ainda faz parte do folclore rubro-negro. (ESTÁDIO BENTO FREITAS, 2020, *on line*).

O Campo do Bancário e o CT Rubro-Negro ao qual o site cita, foram dois destinos que o antigo estádio do Brasil de Pelotas teve após a inauguração do Estádio Bento Freitas. O primeiro caso, faz referência ao Clube Atlético Bancário, equipe fundada em 1925 e que deixou de existir na década de 1970. O estádio hoje chamado de CT Rubro-Negro, localizado na Avenida Brasil, no Bairro Simões Lopes, é onde o Progresso Futebol Clube<sup>44</sup> manda seus jogos, quando estes não são disputados em sua sede na Rua Luís de Camões, no Bairro Três Vendas.

---

<sup>44</sup> Clube de futebol fundado em 1943. Hoje é ativo apenas com suas categorias de base.

Figura 11: Estádio Bento Freitas no dia de sua inauguração.



Fonte: Laboratório de Acervo Digital – CPDOC Nelson Nobre Magalhães – Universidade Católica de Pelotas

A década de 1940, em nível estadual, é marcada por uma mudança: os clubes do interior não revezavam mais com Internacional e Grêmio os títulos do Campeonato Gaúcho. Nesse momento, a Dupla Gre-Nal passa a dominar o certame, conforme dados do Quadro 2.

Quadro 2: Campeões Gaúchos entre os anos 1919 e 2019.

<b>ANO</b>	<b>CLUBE CAMPEÃO</b>	<b>CIDADE DO CLUBE CAMPEÃO</b>
<b>1919</b>	Grêmio Esportivo Brasil	Pelotas
<b>1920</b>	Guarany Futebol Clube	Bagé
<b>1921 e 1922</b>	Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense	Porto Alegre
<b>1923 e 1924</b>	Não Houve devido à Revolução de 1923	
<b>1925</b>	Grêmio Esportivo Bagé	Bagé
<b>1926</b>	Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense	Porto Alegre
<b>1927</b>	Sport Club Internacional	Porto Alegre
<b>1928</b>	Sport Club Americano	Porto Alegre
<b>1929</b>	Esporte Clube Cruzeiro	Porto Alegre
<b>1930</b>	Esporte Clube Pelotas	Pelotas
<b>1931 e 1932</b>	Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense	Porto Alegre
<b>1933</b>	Sport Club São Paulo	Rio Grande
<b>1934</b>	Sport Club Internacional	Porto Alegre
<b>1935</b>	9º Regimento da Infantaria	Pelotas
<b>1936</b>	Sport Club Rio Grande	Rio Grande
<b>1937</b>	Grêmio Foot-Ball Santanense	Santana do Livramento
<b>1938</b>	Guarany Futebol Clube	Bagé
<b>1939</b>	Football Club Rio-Grandense	Rio Grande
<b>1940 a 1945</b>	Sport Club Internacional	Porto Alegre
<b>1946</b>	Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense	Porto Alegre
<b>1947</b>	Sport Club Internacional	Porto Alegre
<b>1948</b>	Sport Club Internacional	Porto Alegre
<b>1949</b>	Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense	Porto Alegre
<b>1950 a 1953</b>	Sport Club Internacional	Porto Alegre
<b>1954</b>	Grêmio Esportivo Renner	Porto Alegre
<b>1955</b>	Sport Club Internacional	Porto Alegre

<b>1956 a 1960</b>	Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense	Porto Alegre
<b>1961</b>	Sport Club Internacional	Porto Alegre
<b>1962 a 1968</b>	Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense	Porto Alegre
<b>1969 a 1976</b>	Sport Club Internacional	Porto Alegre
<b>1977</b>	Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense	Porto Alegre
<b>1978</b>	Sport Club Internacional	Porto Alegre
<b>1979</b>	Sport Club Internacional	Porto Alegre
<b>1980</b>	Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense	Porto Alegre
<b>1981 a 1984</b>	Sport Club Internacional	Porto Alegre
<b>1985 a 1990</b>	Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense	Porto Alegre
<b>1991</b>	Sport Club Internacional	Porto Alegre
<b>1992</b>	Sport Club Internacional	Porto Alegre
<b>1993</b>	Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense	Porto Alegre
<b>1994</b>	Sport Club Internacional	Porto Alegre
<b>1995</b>	Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense	Porto Alegre
<b>1996</b>	Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense	Porto Alegre
<b>1997</b>	Sport Club Internacional	Porto Alegre
<b>1998</b>	Esporte Clube Juventude	Caxias do Sul
<b>1999</b>	Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense	Porto Alegre
<b>2000</b>	Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul	Caxias do Sul
<b>2001</b>	Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense	Porto Alegre
<b>2002 a 2005</b>	Sport Club Internacional	Porto Alegre
<b>2006</b>	Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense	Porto Alegre
<b>2007</b>	Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense	Porto Alegre
<b>2008</b>	Sport Club Internacional	Porto Alegre
<b>2009</b>	Sport Club Internacional	Porto Alegre
<b>2010</b>	Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense	Porto Alegre
<b>2011 a 2016</b>	Sport Club Internacional	Porto Alegre
<b>2017</b>	Esporte Clube Novo Hamburgo	Novo Hamburgo
<b>2018</b>	Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense	Porto Alegre
<b>2019</b>	Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense	Porto Alegre

Fonte: Arquivo Digital Rec.Sport.Soccer Statistics Foundation (RSSS)

Conforme observado no quadro acima, entre os anos 1919 e 1940, o título de campeão gaúcho pertenceu à clubes de cinco cidades diferentes: Pelotas, Bagé, Porto Alegre, Rio Grande e Santana do Livramento. A partir de 1940, surge o domínio de Internacional e Grêmio, ambos da capital gaúcha, sendo interrompido, esporadicamente, como nos anos de 1954, em que o campeão foi o Renner, de Porto Alegre; 1998, com o Juventude de Caxias do Sul sendo o campeão; 2000 a Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul e, em 2017, com o Novo Hamburgo – de cidade homônima – levando o título. Conforme Andrea (2011), entre as décadas de 1920 e 1940, o Brasil de Pelotas teve destaque com os postos de 3º colocado em 1921, 4º em 1931, 1942 e 1949.

No Campeonato Gaúcho da década de 1950, o Brasil de Pelotas foi vice-campeão em três oportunidades, nas edições de 1953, 1954 e 1955. Após esta década, somente voltou a ser vice-campeão gaúcho em 1983 e 2018.

E 1956, o Brasil de Pelotas realiza uma excursão de mais de 100 dias ao exterior, viajando pela América do Sul e Central. O clube disputou amistosos nas cidades de Assunção (Paraguai), Cochabamba e La Paz (Bolívia), Arequipa, Ica, Chiclayo e Lima (Peru), Guayaquil e Quito (Equador), Cali, Medellín, Barranquilla e Santa Marta (Colômbia), Cidade do Panamá (Panamá), San José (Costa Rica), Tegucigalpa e São Pedro Zula (Honduras) e San Salvador (El Salvador). Sobre a volta do clube à Pelotas, consta no jornal *Opinião Pública*:

Torcedores, familiares e desportistas estiveram aguardando, ansiosos, até as 17 horas e 30 minutos, o retorno de seus parentes, amigos e ídolos, depois de 104 dias de ausência. Milhares de pessoas aplaudiram, gritaram e choraram de emoção diante dos craques que regressavam – Impressionante manifestação de carinho popular. (OPINIÃO PÚBLICA, 25/07/1956, n.p)

Durante essa excursão, o Xavante contabilizou um total de 28 jogos – 16 vitórias, 6 empates e 6 derrotas; 75 gols em seu favor e 50 gols contra (ANDREA, 2011).

Destaca-se que esta não foi a primeira experiência do Brasil de Pelotas no exterior, haja vista que, em 1950, o clube venceu a Seleção Uruguaia no Estádio Centenário, em Montevideu, pelo placar de 2x1 (Figura 12), durante amistoso preparatório da equipe uruguaia para a Copa do Mundo de 1950, disputada no Brasil, na qual sagrou-se campeão.

Figura 12: Seleção Uruguaia 1 x 2 Grêmio Esportivo Brasil: 19/03/1950. Estádio Centenário, Montevideu.



Fonte: Acervo Vera Gaspar Martinez. (ANDREA, 2011, p. 59).

Os anos 60 foram marcados pelo cinquentenário do Brasil de Pelotas e, além disso, pelo título gaúcho da Divisão de Acesso de 1961 e o tetra Campeonato Citadino entre os anos de 1961 e 1964. A partir do ano de 1961, o Campeonato Gaúcho não foi disputado de maneira regionalizada – como era desde 1919 –, sendo assim, o clube foi a primeira equipe campeã da segunda divisão estadual, conforme consta em Andrea (2011), o motivo para o Brasil de Pelotas não ter disputado a divisão de elite do Campeonato Gaúcho de 1961 foi uma decisão da diretoria, enquanto o Farroupilha e o Pelotas disputaram a elite do Campeonato. É citado que *“Por Decisão dos dirigentes do Clube, no ano do “Cinquentenário” o G. E. Brasil não entraria pela “porta dos fundos” em qualquer campeonato”* (ANDREA, 2011, p. 88). A principal mudança estrutural que marcou o ano de 1961 no futebol estadual foi a criação do sistema de acesso e descenso – uma pirâmide hierárquica do futebol gaúcho; neste novo modelo de campeonato os clubes participantes disputavam partidas em turno e retorno, ou seja, enfrentavam duas vezes o mesmo adversário, com uma partida com seu mando de campo e outra partida com mando de campo do rival. Na primeira edição com essa fórmula, 12 equipes disputaram a primeira divisão e o Campeão de 1961, foi o Sport Club Internacional.

No ano de 1963, estando de volta a primeira divisão do Campeonato Gaúcho, o Brasil de Pelotas sagrou-se Campeão do Interior, título concedido a equipe do interior que alcançou a melhor colocação ao término do campeonato. Nesta edição, o Xavante ficou em terceiro colocado, enquanto os clubes da capital – Internacional e Grêmio -, foram campeão e vice-campeão, respectivamente. O Brasil de Pelotas também conquistou o título de Campeão do Interior Gaúcho em 1968 – sendo o quarto colocado, atrás de Grêmio, Internacional e Cruzeiro, de Porto Alegre, respectivamente.

Nos anos de 1983 e 1984 mais uma vez foi campeão do interior, sendo Vice-Campeão Gaúcho em 1983, ano em que o Internacional sagrou-se campeão e, em 1984, o Brasil de Pelotas alcançou o terceiro lugar, atrás de Internacional e Grêmio, respectivamente (ANDREA, 2011). O Xavante voltou a ser Campeão do Interior Gaúcho nos anos de 2014 e 2015, ficando em terceiro lugar, atrás de Internacional e Grêmio, respectivamente nas duas edições e, em 2018, o Brasil de Pelotas foi Vice-Campeão Gaúcho, ano em que o Grêmio conquistou o título.

Antes de entrar na disputa de campeonatos brasileiros na década de 1970, conforme será visto no capítulo a seguir, o clube fundou departamentos de esportes

como o xadrez, basquete e de futebol de salão (ANDREA, 2011). Nesse último esporte, o clube foi Campeão Gaúcho em cinco oportunidades (1963, 1966, 1967, 1968 e em 1969). O capítulo que segue versará sobre as participações do Brasil de Pelotas em campeonatos brasileiros, a começar pela década de 1970 e findando no ano de 1985; também é neste capítulo que tratar-se-á da história do Campeonato Brasileiro de Futebol.

## **CAPÍTULO 2:**

### **O CAMPEONATO BRASILEIRO DE FUTEBOL E O GRÊMIO ESPORTIVO BRASIL**

No presente capítulo será abordado, inicialmente, as tentativas de constituição de um Campeonato Brasileiro<sup>45</sup>, de como foi formulado este campeonato e seu desenvolvimento até 1985, bem como a participação do Grêmio Esportivo Brasil nesta competição. Além da literatura relevante para a construção desta discussão, serão apresentadas algumas imagens do Grêmio Esportivo Brasil, no sentido de trazer para a análise elementos que possam auxiliar na percepção do ambiente social da época, assim como a estrutura do clube.

Neste sentido, a criação do Campeonato Brasileiro de Futebol, no ano de 1971, é o resultado de um processo de busca por uma maior integração entre os clubes de diferentes estados do país, visando a organização de uma competição com o caráter nacional. Antes da década de 1970, existiram tentativas de criar uma competição em nível nacional, podendo, inclusive, datarmos na década de 1920, poucos anos após a criação da Confederação Brasileira de Desportos (CBD)<sup>46</sup>, que nasce em 21 de junho de 1916.

O Campeonato Brasileiro e sua estruturação ao longo do tempo são elementos que serão abordados mais à frente no texto. Inicialmente serão apresentadas algumas questões relativas ao Grêmio Esportivo Brasil e a sua primeira participação em um torneio futebolístico nacional, que ocorreu no país no início da década de 1920.

O Rubro Negro pelotense já estava envolvido em competições nacionais, pois no ano de 1920 disputou o Triangular de Campeões, promovido pelo Fluminense Foot-ball Club e ocorrido em março do mesmo ano, na cidade do Rio de Janeiro (UNZELTE, 2002). Ainda, segundo este autor, esta disputa, um torneio de caráter não estadual, envolveu clubes que foram campeões estaduais no ano de 1919. Assim sendo, os participantes foram: Grêmio Esportivo Brasil de Pelotas, campeão do Campeonato Gaúcho (RS), Fluminense Football Club (RJ) e Club Athletico

---

<sup>45</sup> Um campeonato difere-se de outras competições desportivas como uma “Copa”, pois requer jogos entre clubes em dois turnos, em que jogam um jogo em seus domínios e outro na casa do adversário. Por outro lado, uma copa é disputada em forma eliminatória, também conhecida como uma disputa em “mata-mata”.

<sup>46</sup> Em 24 de setembro de 1979 foi criada a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), que atualmente organiza o Campeonato Brasileiro de Futebol e outras competições interestaduais.

Paulistano (SP). Este último, time paulista que se sagrou campeão e foi reconhecido pela CBD, atual Confederação Brasileira de Futebol (CBF), como o primeiro Campeão do Brasil. Esta experiência demonstra a dificuldade em aproximar federações que já possuíam seus campeonatos estaduais<sup>4748</sup>, tendo em vista que apenas três estados tiveram representantes envolvidos, dos 16 estados que disputaram campeonatos estaduais em 1919. Neste ano, o Rio Grande do Sul, dentre os 16 estados que tiveram uma disputa de campeonato estadual, foi o que realizou sua primeira edição, haja vista que outros estados tiveram seus primeiros estaduais realizados anteriormente. Nesse sentido, para ilustrar o quão o Triangular dos Campeões de 1920 não era uma competição que representava o futebol brasileiro como um todo, ou seja, contemplando clubes campeões estaduais das mais diferentes regiões do Brasil, vejamos a relação de federações e clubes campeões estaduais no ano de 1919: Grêmio Esportivo Brasil, Rio Grande do Sul; Britânia Sport Club, Paraná; Fluminense Atlético Clube, de Niterói, Rio de Janeiro; Fluminense Football Club, Rio de Janeiro/Distrito Federal; Club Athletico Paulistano, São Paulo; América Futebol Clube, Minas Gerais; Rio Branco Atlético Clube, Espírito Santo; Botafogo Sport Club, Bahia; Palmeiras Sport Club, Paraíba; América Futebol Clube, Pernambuco; Theresinense Foot-Ball Club, Piauí; Sport Club Luso Brasileiro, Maranhão; Ceará Sporting Club, Ceará; Nacional Futebol Clube, Amazonas; Clube do Remo, Pará e América Futebol Clube, Rio Grande do Norte

Sobre os campeonatos estaduais acima listados, se deve compreender que o termo “estadual” não necessariamente reflete o quanto de território estadual é de fato abrangido. O Campeonato Mineiro, por exemplo, era disputado apenas por equipes da capital Belo Horizonte em seu início, tendo em vista o tamanho dos estados brasileiros, como Minas Gerais, por exemplo, foi necessária uma ampliação para fora das capitais, tornando uma disputa menos citadina e mais estadual, levando em conta as cidades fora das capitais que compõem os estados, sobre essa forma de concentração de equipes de uma mesma cidade vê-se que:

Os primeiros campeonatos de futebol no Brasil ocorreram no início do século XX, em São Paulo (1902), Bahia (1904) e Rio de Janeiro (1906), e, embora fossem competições reunindo clubes de uma única cidade, autodenominavam-se eventualmente “campeonatos estaduais”. No ano de

---

<sup>47</sup> Sobre esta temática, ver mais: Unzelte (2002), p. 434-502.

<sup>48</sup> Campeonatos estaduais de Minas Gerais, Paraná e Ceará já eram disputados desde 1915; o Campeonato Paraense desde 1908, por exemplo. Ver mais: [http://www.bolanaarea.com/gal\\_estaduais.html](http://www.bolanaarea.com/gal_estaduais.html).

1920, a maioria dos estados brasileiros já possuía um campeonato de futebol, mas quase sempre concentrado na capital estadual. O que podemos chamar de processo de “estadualização” dos certames, isto é, sua expansão para o conjunto do território estadual, será lento e gradual e com grande variação entre as unidades da Federação. (MASCARENHAS, 2014, p. 147)

O estado gaúcho, após a realização do primeiro Campeonato Gaúcho de Futebol (1919), disputado apenas entre clubes de duas cidades – Pelotas e Porto Alegre – era para, na realidade, ter sido disputado por equipes representando “quatro regiões” definidas pela Federação Gaúcha de Futebol, porém apenas Brasil e Grêmio se inscreveram no prazo determinado pela federação. O ano seguinte mostra que o Rio Grande do Sul foi uma exceção<sup>49</sup> - durante os primeiros anos - aos estados com competições concentradas em suas capitais, pois em 1920 a federação do estado definiu quatro regiões com as seguintes equipes representando-as: 1ª Região: Grêmio (Porto Alegre), Nacional (São Leopoldo) e Juventude (Caxias do Sul); 2ª Região: Ideal (Pelotas), São Paulo (Rio Grande) e Guarany (Bagé); 3ª Região: O único representante - Guarany de Cruz Alta não respondeu ao convite; 4ª Região: Uruguiana (Uruguiana) e 14 de Julho (Santana do Livramento). (CAMPEONATO GAÚCHO 1920, 2003). O campeão desta edição foi o Guarany de Bagé, da região da fronteira com o Uruguai. Este breve apanhado sobre os dois primeiros Campeonatos Gaúchos de futebol pode servir para se pensar o quão espalhado o futebol era no interior do estado, tendo em vista o número de clubes representantes de fora de Porto Alegre.

Vários autores que estudaram o futebol brasileiro, como Santos (2011; 2013) e Mascarenhas (2014)<sup>50</sup>, destacam dois fatores essenciais para que, somente após mais de 70 anos da criação do primeiro clube de futebol no Brasil, nascesse o Campeonato Brasileiro de Futebol, a saber: a dimensão territorial do país e a estruturação da malha ferroviária e rodoviária durante as primeiras décadas do século XX.

---

<sup>49</sup> Para ver mais sobre esta questão: A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul. Tese de Gilmar Mascarenhas, 2001.

<sup>50</sup> Acerca desta temática, ver mais em: Campeonato Brasileiro de Seleções: economia de um projeto nacional (1922-1932) (2011) e O monopólio nos esportes: uma comparação da organização dos esportes comercializáveis nos Estados Unidos, na Inglaterra e no Brasil (1870-1920) (2013), ambos textos do historiador João Malaia Santos. E, também, Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol (2014), do geógrafo Gilmar Mascarenhas.

O Brasil, de acordo com o IBGE<sup>51</sup> é um país com uma área total de 8.516.000 km<sup>2</sup>, sendo o quinto maior do planeta. Partindo desta análise territorial, verifica-se que o fator de integração espacial fez com que o Brasil estabelecesse seu campeonato nacional apenas no ano de 1971, diferentemente de outros países onde o futebol já era muito popular. À título de exemplo, no Uruguai, o primeiro campeonato nacional ocorreu no ano de 1900 (ALVARO, 2001) Na Argentina o primeiro ocorreu em 1891 (SOUTO, 2019). Já a Inglaterra teve seu primeiro campeonato nacional ocorrido em 1888-1889 – como citado anteriormente. No caso platino, os campeonatos nacionais eram disputados basicamente por equipes das capitais, enquanto a Inglaterra, ilha de dimensões reduzidas em comparação ao Brasil, tinha em sua malha ferroviária um fator que favorecia o transporte de equipes nas disputas nacionais.

Devido ao caráter acima exposto, as primeiras competições de futebol no Brasil, em sua maioria, ocorreram apenas em âmbito citadino e regional. Estas disputas regionalizadas que ocorreram desde o início do século XX promoveram rivalidades que perduram na atualidade como, por exemplo, o Gre-Nal – clássico entre Sport Club Internacional e Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, equipes de Porto Alegre; o Re-Pa, clássico entre Clube do Remo e Paysandu Sport Club, equipes de Belém e o Bra-Pel, que envolve o próprio Grêmio Esportivo Brasil de Pelotas e seu rival Esporte Clube Pelotas, clube também centenário da cidade.

A organização de Campeonatos Metropolitanos fora a alternativa viável para que clubes de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro mantivessem disputas desportivas regulares, conforme comenta Santos (2012):

Ao invés de torneios nacionais, os dirigentes dos clubes organizavam campeonatos metropolitanos e, posteriormente, estaduais, como alternativa à produção de jogos com regularidade visando atender à crescente demanda do mercado por eventos esportivos em algumas grandes cidades do país. Dessa maneira, aproveitavam ao máximo a proximidade dos clubes, a possibilidade de contar com torcedores de diferentes agremiações nos diversos estádios da cidade e o alto grau de desenvolvimento esportivo de algumas praças como Rio de Janeiro e São Paulo. Essas duas cidades apresentavam um crescimento populacional impressionante nos primeiros anos do século XX e assistiram ao florescimento de inúmeras ligas metropolitanas e de muitos clubes capazes de atrair um número elevado de espectadores aos estádios. (SANTOS, 2012, p. 68)

---

<sup>51</sup> Ver mais em: <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/territorio/dados-geograficos.html> Acesso: 02/07/2019.

A cidade do Rio de Janeiro possuía elementos necessários para a disputa de campeonatos locais, tais como público, praças esportivas e meio de transporte ferroviário, porém, ao comparar a ligação ferroviária entre as duas metrópoles brasileiras como São Paulo e Rio de Janeiro, vemos que, mesmo divididas por 440 quilômetros, estando relativamente próximas, tendo em vista a distância entre outras capitais estaduais com tradição no esporte à época como Porto Alegre. Ainda assim, a realidade territorial e ferroviária era um empecilho para a produção de um campeonato de futebol regular entre as duas metrópoles, haja vista que, por exemplo:

Em 1907, o meio mais rápido de integrar as duas maiores cidades do país, Rio de Janeiro e São Paulo, distantes 440 quilômetros, era o transporte ferroviário. A viagem pela Estrada de Ferro Central do Brasil durava aproximadamente 11 horas. Enquanto ainda no século XIX, no ano de 1884, os trens ingleses circulavam com velocidade média de 66,5 km/h, os trens pelo Brasil, mais de vinte anos depois, circulavam a 35 ou 40 km/h. (FERREIRA, 2012, p. 67).

Vemos que, parte em função de sua tecnologia de transportes, a Inglaterra pode realizar uma copa, a *The Football Association Cup*, datando de 1871. Já no ano de 1888, surge a *Football League*, a partir da reunião de representantes de clubes como o Aston Villa, Blackburn Rovers, Burnley, Notts County, Stoke, West Bromwich Albion, Wolverhampton Wanderers, Accrington, Bolton Wanderers, Derby County, Everton e Preston North End – sendo este último clube o primeiro campeão do Campeonato Inglês. (THE FOOTBALL ASSOCIATION, [s.d])

No Brasil, a experiência do Triangular de Campeões de 1920 foi em forma de torneio, competição de curta duração, com partidas entre os clubes envolvidos. Isto é, a formulação era distinta da de um campeonato, tampouco, de um campeonato nacional para a realidade espacial e socioeconômica brasileira. Neste formato, as equipes permaneciam numa única cidade por um curto espaço de tempo, economizando recursos como hospedagem, alimentação, transporte e, também, o tempo de trabalho dos atletas e dirigentes envolvidos, haja vista que o profissionalismo ainda não estava institucionalizado no Brasil.

Já no ano de 1922 é organizado, pela primeira vez, o Campeonato Brasileiro de Seleções, sendo disputado por selecionados estaduais e não por clubes. Esse

campeonato ocorreu, não de maneira constante, até o ano de 1987. Conforme Santos (2011):

A motivação, para além da tentativa de criar através do esporte um projeto de integração nacional, para a formação desse campeonato foi a de fazer-se uma seletiva de jogadores visando a formação da seleção brasileira de futebol, organizada pela Confederação Brasileira de Desportos, órgão filiado à FIFA, que defenderia o Brasil nos Jogos Sul-Americanos de 1922. A análise dos campeonatos brasileiros mostra uma tentativa de ampliação e do controle do futebol praticado pelo país. A cada ano, há um esforço por se colocarem mais estados na disputa, que passava a gerar lucros enormes para os cofres da CBD. (SANTOS, 2011, p. 38)

Este campeonato<sup>52</sup> chegou a contar com 15 seleções estaduais diferentes no ano de 1927, enquanto a primeira edição contou com um total de sete seleções (Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Distrito Federal – à época, separados, Minas Gerais, Bahia e, inclusive, a Seleção Estadual do Rio Grande do Sul) (NAPOLEÃO; ASSAF, 2006). Na seleção do Rio Grande do Sul<sup>53</sup> de 1922 o futebol pelotense estava representado na convocação de Xingo, Quincas e Barros – três jogadores do Esporte Clube Pelotas. (ALMEIDA, 2020).

Como citado, um dos motivos para a criação do campeonato foi a disputa dos Jogos Sul-Americanos que ocorreria em 1922, ou seja, gerado por uma necessidade externa que era a escolha de jogadores para a Seleção Brasileira de Futebol que iria participar deste torneio continental.

No que diz respeito às competições interestaduais, em 1933, ano da profissionalização do futebol no estado de São Paulo (AQUINO, 2002), foi disputado o primeiro Torneio Rio-São Paulo. Conforme Unzelte (2002), o torneio disputado naquele ano foi o embrião do Campeonato Brasileiro. Essa competição, que envolvia clubes do estado do Rio de Janeiro e de São Paulo, teve como seu primeiro campeão o Palestra Itália, atual Sociedade Esportiva Palmeiras. O torneio que nasceu em 1933 voltaria a ser realizado em 1940, sete anos após o primeiro Rio-São Paulo, mas este não foi finalizado por problemas financeiros. Tornou-se disputado anualmente entre 1950 e 1966. Ferreira (2018) também aponta o Torneio

---

<sup>52</sup> Para ver mais sobre o Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais, consulte *Campeonato Brasileiro de Seleções: economia de um projeto nacional (19.22-1932)*, do historiador João Malaia Santos (2011).

<sup>53</sup> O elenco era composto por Eurico Lara (Grêmio), Presser (S.C. Ruy Barbosa) e Neco (Grêmio); Alfredo (S.C. Ruy Barbosa), Xingo (Pelotas) e Quincas (Pelotas); Leon (S.C. Ruy Barbosa), Lagarto (Grêmio), Willy (Riograndense, de Santa Maria), Mosquito (Riograndense, de Santa Maria) e Barros (Pelotas). (ALMEIDA, 2020).

Rio-São Paulo como uma das tentativas de integração entre estados, antes do Campeonato Brasileiro de 1971:

Desde o início da prática do futebol no país, houve tentativas de se organizar disputas interestaduais entre clubes, anteriores ao Campeonato Brasileiro. Entretanto, geralmente de caráter esporádico, nenhuma delas se consolidou efetivamente. Uma das mais destacadas certamente foi o chamado Torneio Rio-São Paulo – disputado de 1933 a 1966 – que foi a primeira experiência duradoura de um campeonato interestadual entre clubes. Nessa linha, podemos citar também o Campeonato Brasileiro das Seleções Estaduais, instituído em 1922 através da Confederação Brasileira de Desportos (CBD). (FERREIRA, 2018, p. 80).

Ainda, segundo Unzelte (2002), em 1936, a extinta Federação Brasileira de Futebol promoveu o Torneio de Campeões do Sudeste, em que o Clube Atlético Mineiro se sagrou vencedor. O torneio contou com o clube mineiro, além de equipes de São Paulo (Portuguesa de Desportos), do Rio de Janeiro (Fluminense) e do Espírito Santo (Rio Branco).

No contexto do Estado Novo (1937-1945), durante a Era Vargas, a integração brasileira proposta pelo então governo acomete o futebol. Segundo Mascarenhas (2014):

A partir do Estado Novo, a tutela política sobre o futebol estabelecerá um formato organizativo centralizador em nível nacional e completamente enquadrado pela malha política federativa. As velhas ligas cidadinas terão de se submeter às federações estaduais, e estas ao Conselho Nacional de Desportos. Mas no plano empírico prevalecem ainda a dinâmica espacial da rede urbana e a configuração do território como elementos condicionantes da evolução de cada campeonato. (MASCARENHAS, 2014, p.149)

Já em 1950, ano em que o Brasil foi sede da primeira Copa do Mundo de Futebol disputada após a Segunda Guerra Mundial (a última edição Pré Segunda Guerra havia ocorrido na França, em 1938, com a Itália tornando-se Bicampeã Mundial), volta a ser disputado o Torneio Rio-São Paulo. Mascarenhas (2014) sustenta o argumento de que a realização de tal torneio – agora com regularidade e disputados pelos maiores clubes dos dois estados – foi possível devido à rivalidade estabelecida entre as duas metrópoles, antes mesmo de o futebol chegar ao Brasil. Enquanto isso, fora do Eixo Rio-São Paulo, o futebol ainda era disputado de maneira estadual.

A Copa do Mundo de 1950 era reflexo do posto que o futebol havia alcançado no país como a principal modalidade esportiva. Mas, ao se analisar as cidades

sedes desta copa<sup>54</sup>, identificamos uma concentração na costa brasileira, haja vista que as sedes foram as cidades de Porto Alegre (Estádio dos Eucaliptos), Curitiba (Estádio Durival Britto e Silva – Vila Capanema), São Paulo (Estádio Paulo Machado de Carvalho – Pacaembu), Rio de Janeiro (em que o Estádio Maracanã, à época com o nome de Estádio Municipal – que foi palco da final da competição), Recife (Estádio Ademar da Costa Carvalho – Ilha do Retiro) e Belo Horizonte. Minas Gerais foi o único estado não costeiro a fazer parte do grupo de cidades sedes da Copa do Mundo de 1950, sendo os jogos realizados no Estádio Raimundo Sampaio (Estádio Independência) (MASCARENHAS, 2014).

A demora de mais de meio século após a chegada do futebol no Brasil para a criação de uma competição nacional de maior alcance territorial se deve aos muitos obstáculos originados no contexto do Brasil Colônia, conforme Mascarenhas (2014) explica:

É também espelho de nossa maritimidade, herança do passado colonial agroexportador: Belo Horizonte, a sede mais “interiorizada” da Copa, distante menos de quinhentos quilômetros do Oceano Atlântico, algo irrelevante para as dimensões continentais do país. Em outras palavras, o almejado campeonato nacional de clubes, já consolidado em diversos países (Inglaterra, França, Argentina, Uruguai, Itália, Espanha, Alemanha etc.), teria ainda muitos obstáculos “geográficos” para se efetivar no Brasil. (MASCARENHAS, 2014, p. 136)

Com abrangência nacional, nove anos passados após a primeira Copa do Mundo realizada no Brasil, foi criada a competição denominada Taça Brasil, que teve o Bahia como primeiro campeão. Este campeonato disputado em sistema eliminatório/mata-mata por 16 equipes, foi criado com o intuito de definir qual clube seria o representante brasileiro na Taça Libertadores da América de 1960<sup>55</sup> – primeira edição do campeonato continental.

A primeira edição da Taça Brasil (1959) teve a participação de Campeões Estaduais do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Rio de Janeiro,

---

<sup>54</sup> Essas mesmas cidades foram sedes da segunda Copa do Mundo de Futebol disputada no Brasil que ocorreu no ano de 2014. Em Porto Alegre, o Estádio dos Eucaliptos deu lugar ao Beira Rio, em Curitiba, a Vila Capanema deu lugar a Arena da Baixada; em Belo Horizonte, o Independência deu lugar ao Mineirão, em Recife, a Ilha do Retiro deu lugar a Arena Pernambuco – localizada em cidade de São Lourenço da Mata, vizinha da capital pernambucana e em São Paulo, o Pacaembu deu lugar a Arena Corinthians. O único estádio que se manteve sede da Copa do Mundo de 1950 e 2014 foi o Maracanã, no Rio de Janeiro. Na segunda Copa do Mundo disputada em nosso país, outras seis cidades também foram sedes: Fortaleza, Estádio Castelão; Brasília, Estádio Nacional; Salvador, Arena Fonte Nova; Cuiabá, Arena Pantanal; Manaus, Arena Amazônia e Natal, Estádio das Dunas. Ver mais em Mascarenhas (2014).

<sup>55</sup> O campeão desta primeira edição foi o Club Atlético Peñarol, do Uruguai.

Guanabara – Distrito Federal até a fundação de Brasília em 1960 –, São Paulo, Espírito Santo, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Paraíba, Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas, Maranhão, Pará. A última edição da Taça Brasil ocorreu em 1968, com um total de 23 equipes participantes. Em relação à primeira edição, se deu o acréscimo de equipes de Goiás, Amazonas, Mato Grosso, Piauí, Brasília e Sergipe.

Até o ano de 1968, a Taça Brasil continuou a ser a competição que selecionava o clube brasileiro que disputaria a Taça Libertadores da América (ver Quadro 3). Estas edições da Taça Brasil tiveram a hegemonia de clubes paulistas, o Santos Futebol Clube ganhou cinco vezes (1961, 1962, 1963, 1964 e 1965) e a Sociedade Esportiva Palmeiras duas vezes (1960 e 1967). Além do Bahia em 1959, outro clube de fora das metrópoles do sudeste a ter sido campeão foi o Esporte Clube Cruzeiro, de Belo Horizonte, em 1966.

Concomitante a Taça Brasil dos anos 1967 e 1968, foi disputado o Torneio Roberto Gomes Pedrosa, sendo este realizado até o ano de 1970, quando foi substituído pelo Campeonato Brasileiro. Este torneio, que ficou conhecido como “Robertão”, também foi dominado por clubes do Eixo Rio-São Paulo, sendo o Palmeiras campeão em duas oportunidades (1967 e 1969), o Santos em 1968 e o Fluminense em 1970 (UNZELTE, 2002).

Quadro 3: Campeões e vice-campeões da Taça Brasil de Futebol (1959-1968) e do Torneio Roberto Gomes Pedrosa (1967-1970).

EDIÇÃO	CAMPEÃO	VICE-CAMPEÃO	CIDADE DO CLUBE CAMPEÃO	CIDADE DO CLUBE VICE-CAMPEÃO
<b>1959 – Taça Brasil de Futebol (TB)</b>	Esporte Clube Bahia	Santos Futebol Clube	Salvador (BA)	Santos (SP)
<b>1960- (TB)</b>	Sociedade Esportiva Palmeiras	Fluminense Football Club	São Paulo (SP)	Rio de Janeiro (RJ)
<b>1961- (TB)</b>	Santos Futebol Clube	Esporte Clube Bahia	Santos (SP)	Salvador (BA)
<b>1962- (TB)</b>	Santos Futebol Clube	Botafogo de Futebol e Regatas	Santos (SP)	Rio de Janeiro (RJ)
<b>1963- (TB)</b>	Santos Futebol Clube	Esporte Clube Bahia	Santos (SP)	Salvador (BA)
<b>1964</b>	Santos Futebol Clube	Clube de Regatas do Flamengo	Santos (SP)	Rio de Janeiro (RJ)
<b>1965 - (TB)</b>	Santos Futebol Clube	Clube de Regatas Vasco da Gama	Santos (SP)	Rio de Janeiro (RJ)
<b>1966 - (TB)</b>	Cruzeiro Esporte Clube	Santos Futebol Clube	Belo Horizonte (MG)	Santos (SP)
<b>1967 - (TB)</b>	Sociedade Esportiva Palmeiras	Clube Náutico Capibaribe	São Paulo (SP)	Recife (PE)
<b>1967 - Torneio Roberto Gomes Pedrosa (TRGP)</b>	Sociedade Esportiva Palmeiras	Sport Club Internacional	São Paulo (SP)	Porto Alegre (RS)
<b>1968 - (TB)</b>	Botafogo de Futebol e Regatas	Fortaleza Esporte Clube	Rio de Janeiro (RJ)	Fortaleza (CE)
<b>1968 - (TRGP)</b>	Santos Futebol Clube	Sport Club Internacional	Santos (SP)	Porto Alegre (RS)
<b>1969 – (TRGP)</b>	Sociedade Esportiva Palmeiras	Cruzeiro Esporte Clube	São Paulo (SP)	Belo Horizonte (MG)
<b>1970 – (TRGP)</b>	Fluminense Football Club	Sociedade Esportiva Palmeiras	Rio de Janeiro (RJ)	São Paulo (SP)

Fonte: Unzelte (2002).

No contexto da década de 1970, conforme Marcos Guterman, em seu livro *O futebol explica o Brasil: Uma história da maior expressão popular do país*, a Copa do Mundo de 1970 foi um momento paradoxal na história brasileira (GUTERMAN, 2014), pois parte da intelectualidade brasileira que se encontrava em resistência armada ou em exílio, não compactuava com o ato de torcer para a Seleção mas, por outro lado, a Seleção Brasileira de 1970 tinha jogadores como Pelé e Jairzinho, o que, nas palavras do autor “era irresistível”.

Neste momento, soma-se ainda uma característica da política brasileira: Emílio Garrastazu Médici, o então presidente do Brasil, foi jogador no Grêmio Bagé, do Rio Grande do Sul, além de ser um entusiasta do futebol. Além disso, Couto (2010) destaca a dicotomia entre a direita e a esquerda durante os anos de chumbo da ditadura militar brasileira:

A memória do período da ditadura militar no Brasil (1964-1984) é constantemente recuperada por narrativas que revelam a dicotomia entre o autoritarismo da direita e a efervescência cultural conduzida por diversos grupos ligados à esquerda. Uma dupla motivação, aglutinadora dos desejos de liberdade e das atitudes de protesto contra o regime militar, alimentou as manifestações políticas cuja maior expressão pôde ser percebida no campo da cultura. (COUTO, 2010, p. 2).

Sobre o aspecto político às vésperas do Campeonato Brasileiro de 1971, é necessário citar que o então presidente da Confederação Brasileira de Desportos, João Havelange, que também foi presidente da Federação Internacional de Futebol (FIFA) de 1974 até 1998 e que seu nome batizou a edição do Campeonato Brasileiro de 2000, tinha interesse em presidir a FIFA, como comenta Santos (2012):

A política de bastidores envolvida na elaboração do novo torneio apresenta alguns elementos-chave. O primeiro deles, o desejo de João Havelange de candidatar-se à presidência da FIFA, declarado já naquele momento. Havelange, que já contava com os votos das federações sul-americanas, não poderia enfrentar problemas políticos dentro de seu próprio país, especialmente com um governo que, na preparação para a Copa de 1970, interveio de maneira brusca na preparação do selecionado nacional. (SANTOS, 2012, p. 84)

Inicialmente disputado por 20 equipes, o novo campeonato nacional rapidamente passou a acumular diversos clubes de todas as regiões do Brasil, efeito gerado não por mérito esportivo destas equipes estreantes, mas por motivações políticas, conforme Mascarenhas (2014):

A ampliação exagerada do campeonato se explica pelo contexto político. Por meio de manobras político-partidárias, facilitadas pelo regime de exceção. Muitas cidades e clubes de menor expressão ingressaram na competição sem qualquer mérito técnico. [...] O critério para a inclusão de novos clubes a cada ano era basicamente de cunho político-partidário: por meio do futebol, buscar apoio popular para o governo. Tornou-se notório, na época, o ditado: "*Onde a ARENA vai mal, mais um clube no nacional*". (MASCARENHAS, 2014, p.155). [Grifos do autor]

Corroborando com Mascarenhas (2014), Ferreira (2013) também percebe o Regime Militar como um potencializador de mudanças gestadas no âmbito futebolístico durante a década de 1970. Especificamente sobre a criação do Campeonato Brasileiro de 1971, Ferreira afirma que:

Parece-nos claro que o surgimento do Campeonato Brasileiro não se deu como uma expressão mais autônoma da figuração esportiva dos clubes na década de 1970. Mas sim como uma aliança inicial entre clubes de grande expressão, CBD e o próprio Estado com a anuência do restante dos agentes que compunham o futebol brasileiro. Ao longo desse processo ainda, certamente que o gradual crescimento do mercado esportivo como produto midiático, a própria entrada da televisão, e ainda, a modificação da estrutura governativa dos clubes foram fatores importantes e que interagiriam futuramente naquele movimento de consolidação do torneio. (FERREIRA, 2013, p. 21)

Em demonstração da irregularidade da competição, seja de regulamentos, número de clubes participantes ou critérios diversos, notamos que após a Taça Brasil e o Torneio Roberto Gomes Pedrosa, o Campeonato Brasileiro passou também por denominações oficiais das mais diversas.

Foi Campeonato Nacional até 1974; depois Copa Brasil, de 1975 a 1980; e Campeonato Brasileiro, de 1981 em diante, dividido em Taça Ouro (1ª Divisão) e Prata (2ª), entre 1981 e 1984. Aliás, a segunda (Série B) e a terceira (Série C) divisões nacionais têm uma longa história irregular, deixando de ser disputadas e depois ressurgindo várias vezes ao longo dos anos. (UNZELTE, 2002, p. 422)

Como se nota, Taça de Ouro, foi o nome oficial do campeonato da primeira divisão do Campeonato Brasileiro de 1985, que aqui será estudada com maior afinco. Para fins de escrita, foi escolhido manter, nesta dissertação, o termo “Campeonato Brasileiro”, tendo em vista o caráter de organização dos jogos e a distribuição nacional da competição criada no ano de 1971, com clubes representantes dos mais diferentes estados brasileiros – não mais apenas de grandes metrópoles ou de capitais estaduais. Nesta primeira edição, os clubes participantes foram: América (MG), América (RJ), Atlético (MG), Bahia (BA), Botafogo(RJ), Ceará (CE), Corinthians (SP), Coritiba (PR), Cruzeiro (MG), Flamengo (RJ), Fluminense (RS), Grêmio (RS), Internacional (RS), Palmeiras (SP), Portuguesa (SP), Santa Cruz (PE), Santos (SP), São Paulo (SP), Sport (PE) e Vasco da Gama (RJ). A partir da análise das localidades dessas equipes (ver tabela 03), nota-se que apenas um clube não era de uma capital, o tradicional Santos Futebol Clube, da cidade homônima do litoral paulista. Geograficamente, verifica-se que, tal qual ocorreu nas cidades sedes da Copa do Mundo de 1950, disputada no Brasil, a cidade de Belo Horizonte é a mais distante da costa brasileira.

Quadro 4: Campeões e vice-campeões do Campeonato Brasileiro de Futebol de 1971 a 1985 e suas cidades sedes.

<b>EDIÇÃO</b>	<b>CAMPEÃO</b>	<b>VICE-CAMPEÃO</b>	<b>CIDADE DO CLUBE CAMPEÃO</b>	<b>CIDADE DO CLUBE VICE-CAMPEÃO</b>
<b>1971</b>	Clube Atlético Mineiro	São Paulo Futebol Clube	Belo Horizonte (MG)	São Paulo (SP)
<b>1972</b>	Sociedade Esportiva Palmeiras	Botafogo de Futebol e Regatas	São Paulo (SP)	Rio de Janeiro (RJ)
<b>1973</b>	Sociedade Esportiva Palmeiras	São Paulo Futebol Clube	São Paulo (SP)	São Paulo (SP)
<b>1974</b>	Clube de Regatas Vasco da Gama	Cruzeiro Esporte Clube	Rio de Janeiro (RJ)	Belo Horizonte (MG)
<b>1975</b>	Sport Club Internacional	Cruzeiro Esporte Clube	Porto Alegre (RS)	Belo Horizonte (MG)
<b>1976</b>	Sport Club Internacional	Sport Club Corinthians Paulista	Porto Alegre (RS)	São Paulo (SP)
<b>1977</b>	São Paulo Futebol Clube	Clube Atlético Mineiro	São Paulo (SP)	Belo Horizonte (MG)
<b>1978</b>	Guarani Futebol Clube	Sociedade Esportiva Palmeiras	Campinas (SP)	São Paulo (SP)
<b>1979</b>	Sport Club Internacional	Clube de Regatas Vasco da Gama	Porto Alegre (RS)	Rio de Janeiro (RJ)
<b>1980</b>	Clube de Regatas do Flamengo	Clube Atlético Mineiro	Rio de Janeiro (RJ)	Belo Horizonte (MG)
<b>1981</b>	Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense	São Paulo Futebol Clube	Porto Alegre (RS)	São Paulo (SP)
<b>1982</b>	Clube de Regatas do Flamengo	Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense	Rio de Janeiro (RJ)	Porto Alegre (RS)
<b>1983</b>	Clube de Regatas do Flamengo	Santos Futebol Clube	Rio de Janeiro (RJ)	Santos (SP)
<b>1984</b>	Fluminense Football Club	Clube de Regatas Vasco da Gama	Rio de Janeiro (RJ)	Rio de Janeiro (RJ)
<b>1985</b>	Coritiba Foot Ball Club	Bangu Atlético Clube	Curitiba (PR)	Rio de Janeiro (RJ)

Fonte: Unzelte (2002).

A conjuntura de criação do Campeonato Brasileiro de 1971 uniu a prática governamental do Regime Militar de intervenção no futebol e a necessidade de uma maior arrecadação financeira dos clubes tradicionais que disputariam esta primeira edição, visto que, segundo Ferreira (2013), os campeonatos estaduais de anos anteriores mostravam-se menos atrativos para o público, em um contexto de consumo de massa e indústria do espetáculo.

Não pode-se deixar de destacar que, também na década de 1970, mas em um contexto de desgaste do Regime Militar, no ano de 1979 a Confederação Brasileira de Futebol foi fundada por decreto governamental, substituindo a antiga

Confederação Brasileira de Desportos, sendo que, seu primeiro presidente, Giulite Coutinho<sup>56</sup>, já havia sido indicado pelo presidente João Baptista de Oliveira Figueiredo para assumir o posto. “A configuração política mais ampla do país revelava uma forte crise econômica, e nesse momento viver-se-ia o chamado período de distensão do regime autoritário, com a entrada de Figueiredo na presidência do país.” (FERREIRA, 2013, p. 27). Ou seja, a crise econômica causava impopularidade ao regime militar, e este tentava compensar com uma maior manipulação do futebol, o esporte com o maior apelo popular do país. A criação da CBF e a indicação de seu primeiro presidente foi uma maneira de utilizar o futebol em consonância com os objetivos do regime.

Sobre o final da década de 1970 e o desgaste do Regime Militar enquanto um dos promotores do Campeonato Brasileiro, Ferreira (2018) aponta que:

Em fins da década de 1970 a estratégia do governo no futebol declinaria em face da derrocada do projeto econômico levado a cabo (o milagre econômico chegaria ao fim tal como o projeto de integração), e também pelo próprio inchamento do campeonato ao longo dos anos, de forma descompromissada aos interesses do futebol. Vale lembrar que entre 1971 e 1979, o campeonato aumentara de 20 até 94 clubes participantes, e este inchamento passara a simbolizar cada vez mais (para vários atores imersos no campo esportivo) sua falência financeira. (FERREIRA, 2018, p. 98)

O referido autor também comenta que os grandes clubes eram os que pressionavam a organização do Campeonato por mudanças, justamente devido ao citado problema financeiro.

A edição do Campeonato Brasileiro de Futebol do ano de 1979 ficou marcado como o de maior número de clubes participantes. Sobre esta edição, Mascarenhas (2014) comenta que:

A edição deveras “inchada” do Campeonato Brasileiro de 1979 registrou, como não poderia ser diferente, a menor média histórica de público nos estádios. Críticas diversas e pressões dos grandes clubes, conjugados ao processo de distensão e abertura política (era o ano da anistia), compunham o contexto de fundação da CBF em setembro de 1979. No ano seguinte, como resultado das pressões, o campeonato foi reduzido a quarenta clubes em sua divisão principal, sendo criadas outras duas divisões inferiores. (MASCARENHAS, 2014, p. 155)

Em demonstração da politização das escolhas de vagas para os clubes classificados para o Campeonato Brasileiro de Futebol durante o mandato do

---

<sup>56</sup> Giulite Coutinho, além de ex-presidente da CBF, foi também presidente do America Football Club, do Rio de Janeiro – clube o qual o estádio leva seu nome.

Almirante Heleno Nunes na CBD, e tomando a edição de 1979 como exemplo, Santos (2012) comenta que:

Em suas visitas a federações e clubes nos primeiros meses de 1978, o almirante-dirigente anunciava o aumento do número de clubes para a próxima edição do Nacional. E os critérios políticos continuavam. Por exemplo, o Mossoró foi incluído na edição seguinte, depois que o presidente da CBD descobriu que o governador arenista escolhido pelo presidente Geisel era daquela cidade. (SANTOS, 2012, p. 134)

Existia o incômodo por parte dos clubes tradicionais com esta forma de escolha de vagas que a CBD impunha. No ano de 1977, duas equipes do interior brasileiro chegaram a semifinal da competição. Conforme Santos (2012) para o Almirante Heleno Nunes esse feito era uma prova do sucesso das escolhas da CBD.

A classificação de dois clubes de menor expressão para as semi-finais do Campeonato de 1977 fizeram Heleno Nunes acreditar que seu projeto de interiorização tão criticado pelos times e pela imprensa era, na verdade, um sucesso. Este previa até mesmo que dentro de cinco anos o interior estaria mandando no futebol brasileiro. (SANTOS, 2012, p. 134)

O Campeonato Brasileiro na década de 1980 começava a perder seus melhores jogadores, isso devido ao fato que o futebol europeu passou a importar os maiores talentos do país. A diferença econômica entre Brasil e Europa promoveu este êxodo (MASCARENHAS, 2014). O Brasil vivia uma crise econômica durante o Governo de João Figueiredo (1979-1985). Além da economia, o Brasil mudava com relação ao apoio popular aos militares, pois já não era mais o mesmo da época do “milagre econômico” do Emílio Garrastazu Médici. Acerca das mudanças econômicas que o país estava passando, Gutterman (2014) cita que:

[...] o PIB brasileiro recuou 5% em 1983, um tombo espetacular e inédito na história nacional. A renda *per capita* do Brasil caiu 7,3%. A capacidade ociosa da indústria nacional – isto é, a diferença entre o que é produzido e o que poderia ser produzido – chegava a 50%. O desemprego subiu 15%, comparado a 1978. Finalmente, a inflação em 1983 chegou a espantosos 211% ao ano, e os salários perdiam seu valor cinco vezes mais rápido do que em 1978. (GUTERMAN, 2014, p. 214)

Os grandes clubes das capitais brasileiras durante os anos 1980 desejavam, expressando através de seus dirigentes, uma nova configuração da competição, com maior apelo ao público e, conseqüentemente, com um menor número de clubes participantes. Vale lembrar que a edição disputada por 94 clubes em 1979, contou com uma média de público de apenas 9.136 pessoas, o que ocorreu por conta da presença de clubes de pouca expressão (MASCARENHAS, 2014).

Fator importante a ser considerado para a criação da primeira edição do Campeonato Brasileiro foi, também, a mídia brasileira – seja a televisão, o rádio, jornais e revistas. Existia um esporte com potencial lucrativo para estes veículos de informação durante a década de 1970, a destacar a televisão, cujo consumo por parte dos brasileiros estava se popularizando, anos após a sua introdução durante a década de 1950. Também é impossível não destacar a importância da Revista Placar, fundada no ano de 1970, sendo esta uma publicação semanal, em seus anos iniciais. A Placar cooperou com seu fotojornalismo e com sua crônica. Acerca desta temática, Ferreira (2018), comenta que:

No bojo dessa trajetória, que expressava disputas de diferentes atores e rupturas, revelou-se cada vez mais o futebol também como um tema de preocupação econômica: assim, o Campeonato Brasileiro como uma instância que monopolizava (ou cartelizava) a excelência do desporto no país, fomentaria discussões de como (afinal) poderia ser melhor representado e desenvolvido, e como uma possível alegoria da sociedade brasileira em seus dilemas econômicos. É neste cenário que emergem leituras sobre a transformação do torneio (entre eles a da Revista Placar, ator de referência do campo esportivo, no período), a qual se destaca a narrativa da “modernização”. (FERREIRA, 2018, p. 79). [Grifos do autor]

No mesmo texto, o autor citado disserta sobre a relação que a mídia brasileira, através de um discurso de “modernização do futebol”, teve, posteriormente na criação do Clube dos 13. As ideias de progresso, evolução e avanço, mesmo que postas por dirigentes e mídia de maneira nebulosa e superficial, culminaram para a consolidação do futebol mais voltado ao mercado e menos voltado para a política (FERREIRA, 2018, p. 80). O desgarramento de clubes e campeonatos ao governo militar estava ocorrendo em um momento ao qual o país passava, seja com a abertura política gradual rumo à democracia representativa e, também, com ações diretivas em prol de campeonatos mais fáceis de serem ofertados enquanto um produto ao grande público. Com a paulatina saída do Regime Militar de cena, novos atores surgem, como Santos (2012) comenta:

A CBD desaparece e o principal órgão gestor do futebol brasileiro a partir de setembro de 1979 passa a ser a CBF. Por fim, Heleno Nunes deixa de ser o mandatário máximo do futebol brasileiro. Neste novo contexto, o fortalecimento dos pequenos times do interior perdem seu sentido. Era o fim melancólico do projeto político e desportivo organizado pelo almirante-dirigente que comandara os rumos do desporto nacional por quase cinco anos. (SANTOS, 2012, p. 135).

O Campeonato Brasileiro quando adentrava a década de 1980 enfrentava questionamentos sobre a sua organização, tendo como pano de fundo a crise econômica que o país enfrentava e sua falta de atratividade para o público –

conforme a média de torcedores nos estádios no ano de 1979. Ou seja, a nova década exigia mudanças em prol de um campeonato com um menor número de clubes e mais vendável. Com a diminuição de clubes do interior e de estados longes das metrópoles participando do Campeonato Brasileiro, os clubes pequenos – mesmo que tradicionais –, entraram em crise a partir da década de 1970.

A ideia de “modernização do futebol” citada na página acima e expressa na criação posterior do Clube dos 13, promoveria no final da década de 1980 uma nova forma de integrar as diferentes cidades do interior das mais diferentes regiões do país através da criação da Copa do Brasil em 1989. Sendo assim, criou-se um torneio secundário, haja vista que a principal competição nacional de clubes não suportava mais um número grande e irregular de equipes participantes.

O Grêmio Esportivo Brasil participou de quatro edições do Campeonato Brasileiro de Futebol da primeira divisão, em 1978, 1979, 1984 e 1985. O caráter organizativo destes campeonatos, ao qual o Brasil de Pelotas esteve presente, se mostra nas falas dos narradores e, também, notamos nuances próprias da época em que o futebol nacional estava envolto em um contexto de mandos e desmandos políticos, com edições da competição em que os critérios para a disputa não eram necessariamente o mérito desportivo, mas, sim, as relações políticas regionais e a capacidade de certas cidades atraírem públicos para os estádios.

A primeira participação do Brasil de Pelotas em um Campeonato Brasileiro de Futebol ocorreu no ano de 1978, quando 74 equipes o disputaram. Destas, cinco eram do Rio Grande do Sul, incluindo a Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul e o Esporte Clube Juventude, da cidade de Caxias do Sul, na região da serra gaúcha; o Sport Club Internacional e Grêmio Foot-Ball Porto Alegre, ambas da capital do estado, além do Grêmio Esportivo Brasil de Pelotas, representante da região sul do Rio Grande do Sul. Cabe lembrar que em 1920, como já mencionado, o Brasil de Pelotas disputou uma competição considerada, à época pela CBD como um “torneio nacional”, em que o Club Athletico Paulistano/SP se consagrou o “primeiro campeão brasileiro” de acordo com a Confederação Brasileira de Desportos. Porém, vale destacar que essa experiência de 1920 contou com apenas três equipes, representantes do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo, não sendo, então, de fato um Campeonato em si, pois sua estrutura foi de uma breve disputa, com poucos jogos.

Em 1977, o Campeonato Brasileiro contou com um total de 62 equipes participantes, já na primeira experiência do Brasil de Pelotas no campeonato (1978), vemos uma competição ainda mais inflada em número de participantes, pois, em relação ao ano anterior, foram acrescentadas 12 novas vagas, sendo que, uma delas, seria destinada para a cidade de Pelotas, com dois clubes destacando-se como potenciais concorrentes como participantes.

Conforme a política nacional da CBD de optar pela escolha de cidades que iriam participar da disputa do Campeonato Brasileiro, ao invés de ceder vagas por mérito desportivo, a cidade de Pelotas foi escolhida já em 1976 (ANDREA, 2019), pelo almirante Heleno Nunes - presidente da Confederação Brasileira de Desportos de 1975 até 1979 - para uma futura vaga no campeonato. Observa-se, que, com um campeonato inflado, a CBD alcançava as diferentes regiões do país e, também influenciava politicamente a conjuntura nacional a partir das potencialidades socioeconômicas que o futebol oferecia através dos regramentos por ela organizados.

No ano de 1977, a Federação Gaúcha de Futebol (FGF) teve uma nova vaga ofertada para entrar na disputa do Campeonato Brasileiro de 1978 – edição que contou com um total de 74 equipes, originárias de 20 Estados diferentes e mais o Distrito Federal. Neste ano em que o Xavante participou pela primeira vez de um Campeonato Brasileiro, se teve um acréscimo de 12 novas equipes em relação ao ano anterior, em que, dentre as 62 equipes participantes, figuravam a Dupla Grenal, de Porto Alegre e a Dupla Caju, de Caxias do Sul como os representantes do estado do Rio Grande do Sul.

Já no início dos anos 1980, o Campeonato Brasileiro de Futebol, após a criação da CBF, apresentou uma média de pouco mais de 40 clubes. Entre as edições de 1980 à 1984, foram 44 equipes participando. Já no ano de 1984, foram 41 as equipes, enquanto em 1985, voltou a ser disputado por um total de 44 times.

A partir da escolha de Pelotas, motivada pela política de expansão de clubes de diferentes estados, como uma nova cidade participante do campeonato, era necessário definir qual equipe representaria a cidade nacionalmente. À época, e ainda hoje, além de contar com o Grêmio Esportivo Brasil e o Esporte Clube Pelotas,

a cidade também tinha outra equipe profissional, o Grêmio Atlético Farroupilha<sup>57</sup>. Dentre as três equipes pelotenses, foi definido que Pelotas e Brasil iriam disputar uma seletiva para, então, definir qual seria o representante pelotense. Assim foi disputado o Torneio Seletivo de 1977. Esta competição, que contou com a Dupla Bra-Pel, teve a disputa em três partidas, sendo a última, um jogo com o critério de desempate, pois os resultados dos primeiros jogos terminaram com uma vitória para cada equipe. Em 25 de setembro de 1977, em jogo disputado no Estádio Bento Freitas, o placar ficou em Grêmio Esportivo Brasil 0 x 1 Esporte Clube Pelotas; na segunda partida, disputada em 2 de outubro de 1977, no Estádio Boca do Lobo, o placar ficou em Pelotas 0 x 1 Brasil e, por fim, em partida decisiva para a vaga, em 9 de outubro de 1977, no Estádio Bento Freitas, o Brasil venceu o clássico pelo placar de 1 x 0 (ANDREA, 2011).

Com relação ao contexto da participação política nas definições do campeonato, o dirigente da época, Claudio Andrea (2019) destaca que uma das motivações da escolha de quem seria o clube agraciado com a vaga estava relacionada às suas estruturas. Isto é, Heleno Nunes estava inclinado a conceder a vaga para clubes que detinham estádios. O Rubro Negro estava em processo adiantado de construção de novas arquibancadas, o Pelotas e o Farroupilha estavam em situação distinta, pois ainda não haviam conseguido atender a esta demanda.

Sobre a estreia xavante neste ano de 1978 e o contexto da participação política nas definições do campeonato, o dirigente na época, Claudio Andrea (2019), comentou em entrevista, que, inclusive o prefeito de Pelotas na época, Irajá Andara Rodrigues, sugeriu que o Grêmio Esportivo Brasil e o Esporte Clube Pelotas se unissem para formar uma só equipe para representar a cidade de Pelotas no certame nacional, como forma de resolver a problemática local, possibilidade que foi de pronto afastada, conforme a fala do narrador.

Faziam parte do elenco do time vencedor do Torneio Seletivo de 1977 os jogadores Gilberto, Pontes, Somer, Joel, Tino, Sílvio Soares, Ceceu, Mickey, Tadeu Silva, Osmar, Jaci e Astronauta, agachados, como se observa na figura abaixo:

---

<sup>57</sup> Na temporada 2019 disputou o Campeonato Gaúcho da Terceira Divisão, a sua última aparição na elite do Campeonato Gaúcho ocorreu no ano de 2005.

Figura 13 Equipe do Brasil de Pelotas campeã do Torneio Seletivo de 1977.



Fonte: Acervo Sílvia Soares. (ANDREA, 2011, p. 109).

Jogando seu primeiro Campeonato Brasileiro no ano de 1978, a equipe ficou em 13º e último lugar de seu grupo durante a disputa da primeira fase, em um grupo composto por equipes do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, em jogos contra Internacional, Grêmio, Caxias e Juventude, equipes gaúchas; Coritiba Foot Ball Club, Clube Athletico Paranaense, Maringá Futebol Clube, Londrina Esporte Clube, além do extinto Colorado Esporte Clube, estas equipes do estado do Paraná; já as de Santa Catarina foram Joinville Esporte Clube, Associação Chapecoense de Futebol e o Figueirense Futebol Clube.

Após disputa da repescagem, não obtendo sucesso, o Xavante findou em 72º colocado dentre as 74 equipes que participaram desta edição, obtendo em números finais, uma vitória, dois empates e nove derrotas. Sobre esta primeira participação, Claudio Andrea (2019) comentou que em 1978 o Rubro Negro havia realizado um mau campeonato, contudo ganhou experiência. No ano de 1979 o clube, em suas palavras, fez uma boa campanha, o que deu corpo para a atuação no campeonato de 1985, em que o Grêmio Esportivo Brasil figurou entre um dos quatro finalistas:

*Em 78! O Brasil fez um péssimo campeonato em 78, mas o Brasil começou a conviver com os grandes clubes do Nacional. Ai, em 79, já fez uma campanha boa e culminou com a campanha muito boa em 1985!! Quando nós fomos, então, um dos quatro finalistas do campeonato brasileiro. (ANDREA, 2019)*

Observa-se que, no livro do Centenário do Brasil de Pelotas, o Campeonato Brasileiro de 1978 não é representado em nenhuma fotografia. Nessa obra, consta o

foco no Torneio Seletivo de 1977, que é tratado em tom comemorativo (ANDREA, 2011, p. 108-109). Ainda, além de não constar imagens sobre o Brasileiro de 1978, também não consta nenhum texto que discorra acerca dessa edição.

Em 1979 (Figuras 14 e 15), o Brasil de Pelotas também disputou a competição – oficialmente intitulada Taça Ouro –, após ficar entre os oito melhores colocados do Campeonato Gaúcho. No fim desta edição do Campeonato Brasileiro, alcançou o 32º posto na classificação geral, dentre os 94 clubes postulantes ao título. Na primeira fase, fazendo parte da Chave B (ANDREA, 2011), o Xavante acabou na terceira colocação, disputado por dez equipes, sendo estas Operário Ferroviário Esporte Clube, da cidade de Ponta Grossa (PR); Grêmio de Esportes Maringá (PR), de cidade homônima; Associação Chapecoense de Futebol (SC), de cidade homônima; Associação Atlética Caldense, de Poços de Caldas (MG); Associação Atlética Colatina (ES), de cidade homônima; Criciúma Esporte Clube (SC), de cidade homônima; Associação Desportiva Ferroviária, de Vitória (ES), além dos clubes gaúchos Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul, de cidade homônima e o Sport Club São Paulo, da cidade vizinha, Rio Grande.

Classificando-se para a segunda fase, o Brasil de Pelotas foi eliminado, ficando em 6º lugar dentre os oito clubes do grupo intitulado “Chave I” que era composto por Mixto (MT), da cidade mato-grossense, Cuiabá; América Futebol Clube (RJ), da capital carioca; Clube Atlético Mineiro (MG), da cidade de Belo Horizonte; Colorado Esporte Clube (PR), de Curitiba; Clube Campinense (PB), de João Pessoa; Coritiba (PR), da capital paranaense e a Associação Atlética Francana (SP), da cidade de Franca. Nota-se que, na primeira fase do campeonato, as equipes que compunham o grupo não podiam ser consideradas grandes equipes em nível nacional, apesar de suas tradições em disputas regionais. Nesta edição, o Xavante obteve um total de quatro vitórias, nove empates e três derrotas.

Figura 14: Público presente na partida entre Brasil de Pelotas x Grêmio, válida pelo Campeonato Brasileiro de 1979.



Fonte: Acervo Diário Popular. In: ANDREA, 2011, p. 115.

Figura 15 Brigada Militar<sup>58</sup> contem o público junto ao alambrado do Estádio Bento Freitas durante a partida entre Brasil de Pelotas e Grêmio.



Fonte: Acervo Diário Popular. In: ANDREA, 2011, p. 115.

Nas imagens acima pode-se observar que o estádio do Brasil de Pelotas estava em obras, fato que será visto em narrativas do capítulo final. Outro ponto que se vê é a presença de um público capaz de lotar setores do Estádio Bento Freitas, sendo a Torcida Xavante algo citado por todos os depoentes.

Após 1979, o Brasil de Pelotas voltou a disputar um Campeonato Brasileiro apenas em 1984. Após a edição de 1979, a então fundada CBF decidiu, por pressão de clubes maiores, reduzir o número de equipes participantes, o que teve por

<sup>58</sup> No estado do Rio Grande de Sul, a Polícia Militar é conhecida como Brigada Militar.

resultado, a exclusão de equipes interioranas, entre elas, o Brasil de Pelotas. No ano de 1980, o campeonato contou com menos 50 equipes em relação ao ano anterior.

Os critérios para a seleção de equipes que disputariam o Campeonato Brasileiro no início da década de 1980 mudaram em relação aos critérios anteriores. Conforme Mascarenhas (2014):

[...] surgiu um critério objetivo ou “técnico” para enfim substituir decisões políticas de convidar este ou aquele clube: os campeonatos estaduais passaram a definir os participantes. Ainda que com pesos distintos: seis vagas para clubes paulistas; cinco para cariocas; dois para gaúchos, paranaenses, mineiros, goianos, pernambucanos, cearenses e baianos; e uma para o campeão dos demais estados da federação. (MASCARENHAS, 2014, p. 155).

Em 1983 o Xavante terminou o Campeonato Gaúcho como vice-campeão, o que possibilitou a sua participação na edição do Campeonato Brasileiro do ano seguinte, pois a CBF passou a considerar que um dos melhores critérios para um clube participar do Campeonato Brasileiro da Primeira Divisão era sua colocação no campeonato estadual do ano anterior. Necessário pontuar que, apenas no ano de 2003, o campeonato passou a ter uma estabilidade/padrão consensual e, neste ano, a disputa passou a ser realizada através do sistema de pontos corridos, ou seja, dentre todas as equipes, após jogos de ida e volta, define-se o campeão através da maior soma final de pontos (cada vitória três pontos, empate um ponto e derrota não pontua).

No Campeonato Brasileiro de 1984, vencido pelo Fluminense Football Club, o Rubro Negro pelotense (Figura 16) terminou em 23º colocado, de um total de 41 clubes. Pela nona em um total de 15 edições, uma equipe dos Estados Rio-São Paulo sagrou-se campeã.

Figura 16: Equipe do Brasil de Pelotas em 1984.



Em pé: Valdoir, Doraci, Hélio Vieira, Bastos, Noslen e Amauri. Agachados: Bira, Lívio, Roberlei, Márcio e Zezinho.

Fonte: Acervo Rogerio Moreira

Na primeira fase do Campeonato Brasileiro desta edição, o Xavante ficou em um grupo intitulado Grupo F (ANDREA, 2011), com as seguintes equipes: América Futebol Clube, da cidade do Rio de Janeiro (RJ); Club Athletico Paranaense, de Curitiba (PR); Cruzeiro Esporte Clube, de Belo Horizonte (MG) e Rio Branco Atlético Clube, de Vitória (ES). Neste grupo, conforme o regulamento da CBF, as três equipes melhores colocadas dentre as cinco do grupo se classificavam para a próxima fase da disputa. Ao fim da primeira fase, o Brasil de Pelotas ficou em terceiro lugar, o que o qualificou para seguir adiante no Campeonato Brasileiro de 1984.

Na próxima fase, o Rubro Negro pelotense integrou o Grupo M, que contava com as seguintes equipes: Associação Portuguesa de Desportos, da cidade de São Paulo (SP); Clube de Regatas do Flamengo, do Rio de Janeiro (RJ) e Sport Club Internacional, de Porto Alegre (RS). Ao final dos enfrentamentos entre clubes em jogos apenas de ida e volta, as duas melhores equipes avançavam para a fase final do campeonato, à esta altura, o Brasil de Pelotas findou em terceiro colocado no grupo, assim, não obteve sucesso e acabou eliminado da edição do Campeonato Brasileiro de 1984.

Dentre os atletas que integravam o elenco xavante deste ano, alguns permaneceram jogando no time no ano seguinte. Rogério Moreira, que em 1984 ocupava o cargo de diretor de futebol, é eleito presidente para o próximo ano – vale

lembrar que Moreira foi entrevistado para este estudo. Da equipe que integrou o time de 1984 estavam presentes Amauri, Silva, Doraci, Andrezinho, Júnior Brasília, Lívio, Zezinho, Hélio, Bira e Bastos – estes três últimos ex-jogadores foram também entrevistados e suas narrativas estarão presentes no próximo capítulo, que versa sobre as memórias de ex jogadores, ex dirigentes, torcedores e um jornalista.

A participação do Grêmio Esportivo Brasil de Pelotas no Campeonato Brasileiro de Futebol de 1985 – chamado oficialmente pela CBF por “Taça Ouro” –, foi a última participação do clube no topo da pirâmide do futebol brasileiro. Ou seja, no total, o Xavante disputou quatro edições da primeira divisão do Campeonato Brasileiro.

Em sua quarta e última participação até então, o clube fez parte de um campeonato disputado por um total de 44 equipes – três a mais em relação ao ano de 1983. Conforme o regulamento deste ano, os 20 clubes que lideravam o Ranking Brasileiro das últimas 14 edições ficariam divididos em quatro chaves, sendo denominadas como “Chave A” e “Chave B”, com 10 clubes participando em cada uma; e “Chave C” e “Chave D”, com 12 clubes em cada (ANDREA, 2011). Sobre a formulação deste regulamento, em edição de 25 de janeiro de 1985, a revista Placar teceu críticas para a organização desta edição, tendo um destaque para a final que, diferentes de edições anteriores, seria disputada em uma única partida *“como este é mesmo um campeonato de esquisitices, o campeão brasileiro sairá num único jogo”* (REVISTA PLACAR, 25/01/1985, p.4)

Na primeira fase da competição, o Brasil de Pelotas ficou na Chave D, que, além do Xavante, era composta por clubes como: Associação Atlética Ponte Preta, de Campinas (SP); Associação Desportiva Ferroviária, de Vitória (ES); Associação Esportiva Leônico, de Itabuna (BA); Bangu Atlético Clube, do Rio de Janeiro (RJ); Brasília Esporte Clube, da capital brasileira; Corumbaense Futebol Clube, de Corumbá (MT); Esporte Clube Pinheiros, de Curitiba (PR); Joinville Esporte Clube, de cidade homônima (SC); Uberlândia Esporte Clube, de cidade homônima (MG); Vila Nova Futebol Clube, de Goiânia (GO) e Villa Nova Atlético Clube, de Nova Lima (MG).

Conforme o regulamento da competição, os jogos eram disputados em dois turnos, com partidas no estádio da equipe adversária e partidas em casa. No primeiro turno da chave a qual participava, o Brasil de Pelotas ficou em 6º colocado

dentre os 12 participantes, somando um total de 4 vitórias, 3 empates e 4 derrotas (Quadro 5) somando um total de 11 pontos<sup>59</sup>.

Quadro 5: Jogos do Brasil de Pelotas válidos pelo primeiro turno da primeira fase do Campeonato Brasileiro de 1985.

RODADA	DATA	EQUIPE LOCAL	EQUIPE VISITANTE	PLACAR
1ª	27/01/1985 - Domingo	BRASIL	UBERLÂNDIA	1x1
2ª	30/01/1985 - Quarta-feira	BRASIL	CORUMBAENSE	1x0
3ª	30/01/1985 - Quarta-feira	VILLA NOVA (MG)	BRASIL	1x3
4ª	06/02/1985 - Quarta-feira	LEÔNICO	BRASIL	2x1
5ª	10/02/1985 - Domingo	JOINVILLE	BRASIL	1x2
6ª	13/02/1985 - Quarta-feira	BRASIL	PONTE PRETA	2x0
7ª	24/02/1985 - Domingo	PINHEIROS	BRASIL	2x2
8ª	27/02/1985 - Quarta-feira	BRASIL	BANGU	0x1
9ª	03/03/1985 - Domingo	DESSPORTIVA	BRASIL	3x0
10ª	06/03/1985 - Quarta-feira	BRASIL	VILA NOVA (GO)	2x2
11ª	10/03/1985 - Domingo	BRASÍLIA	BRASIL	3x2

Fonte: Acervo Rogério Moreira.

Para o segundo turno desta primeira fase, o Brasil de Pelotas contratou o técnico Valmir Louruz (ANDREA, 2011, p. 126), que se manteve no cargo até o fim da competição. Nos novos enfrentamentos, o Xavante obteve um total de 6 vitórias, 4 empates e uma derrota (Quadro 6), totalizando 16 pontos conquistados.

---

59 À época, a vitória valia dois pontos e o empate, um. Hoje uma vitória equivale a três pontos, enquanto o empate mantém o valor de outrora.

Quadro 6: Jogos do Brasil de Pelotas válidos pelo segundo turno da primeira fase do Campeonato Brasileiro de 1985.

RODADA	DATA	EQUIPE LOCAL	EQUIPE VISITANTE	PLACAR
1ª	16/03/1985 – Sábado	UBERLÂNDIA	BRASIL	1x2
2ª	20/03/1985 - Quarta-feira	CORUMBAENSE	BRASIL	1x2
3ª	24/03/1985 - Domingo	BRASIL	VILLA NOVA (MG)	0x0
4ª	27/03/1985 - Quarta-feira	BRASIL	LEÔNICO	4x1
5ª	31/03/1985 - Domingo	BRASIL	JOINVILLE	1x1
6ª	03/04/1985 - Quarta-feira	PONTE PRETA	BRASIL	2x2
7ª	07/04/1985 - Domingo	BRASIL	PINHEIROS	1x0
8ª	10/04/1985 - Quarta-feira	BANGU	BRASIL	3x1
9ª	14/04/1985 - Domingo	BRASIL	DESPORTIVA	5x0
10ª	17/04/1985 - Quarta-feira	VILA NOVA (GO)	BRASIL	0x0
11ª	21/04/1985 – Domingo	BRASIL	BRASÍLIA	2x0

Fonte: Acervo Rogério Moreira.

Conforme os resultados acima, o Brasil de Pelotas alcançou o 4º lugar dentre os 12 times de sua chave, somando um total de 27 pontos, classificando-se junto ao Bangu (RJ), Ponte Preta (SP) e Joinville (SC), primeiro, segundo e terceiro colocados, respectivamente.

Após a classificação para a “fase final” da competição, o Brasil passou a fazer parte do chamado Grupo F, que contava com um total de quatro equipes, sendo estas o Bahia (BA), o Ceará (CE) e o Flamengo (RJ). Assim sendo, o Brasil de Pelotas, nesta fase, enfrentou equipes com tradição em competições nacionais, haja vista que até o ano de 1985 o Bahia havia conquistado a Taça Brasil de 1959 e o Flamengo conquistado o Campeonato Brasileiro nos anos de 1980, 1982 e 1983, além de, a nível continental, ter sido campeão da Copa Libertadores da América de 1981 e, em nível intercontinental, ter sido campeão da Copa Europeia/Sul-Americana de 1981.

A fase final da edição do Campeonato Brasileiro de 1985 era composta por quatro grupos, cada qual com quatro equipes, em que a melhor colocada representaria o seu grupo nas semifinais da competição. Fazendo parte do Grupo F, o Brasil de Pelotas alcançou o primeiro lugar, após realizar um total de seis jogos, nos quais obteve 4 vitórias, 1 empate e uma derrota. Os resultados finais foram os seguintes, conforme Quadro 7:

Quadro 7: Jogos do Brasil de Pelotas válidos pela fase final do Campeonato Brasileiro de 1985.

RODADA	DATA	EQUIPE LOCAL	EQUIPE VISITANTE	PLACAR
1ª	03/07/1985 - Quarta-feira	BRASIL	BAHIA	2X1
2º	07/07/1985 - Domingo	CEARÁ	BRASIL	0X0
3º	10/07/1985 - Quarta-feira	FLAMENGO	BRASIL	1X0
4º	14/07/1985 - Domingo	BRASIL	CEARÁ	4X0
5º	18/07/1985 - Quinta-feira	BRASIL	FLAMENGO	2X0
6º	21/07/1985 - Domingo	BAHIA	BRASIL	2X3

Fonte: Acervo Rogério Moreira.

A penúltima partida do Grupo F, na qual o Brasil jogou contra o Flamengo do Rio de Janeiro, vencendo o jogo, é a mais destacada. Rasch (2013), no seu trabalho de conclusão de curso, aborda a memória especificamente deste jogo, com destaque para a imprensa como fonte. Sobre os dias que antecederam o jogo entre Brasil e Flamengo, comenta sobre o entusiasmo da torcida e a reação da imprensa carioca sobre o Flamengo vir jogar no Estádio Bento Freitas.

[a torcida era] uma importante aliada do Brasil, que utilizava a seu favor para vencer os jogos. Porém, esta intensidade poderia ser vista como amedrontadora ou mesmo perigosa pelos adversários, reflexo disso pode ser observado em relação à imprensa carioca nos dias que antecederam a partida. (RASCH, 2013, p. 64)

Esta partida é a mais destacada dentre os 30 jogos disputados, seja na mídia de massa (televisão e jornal impresso)<sup>60</sup> e é também referenciada pelo próprio clube que, a partir do jogo disputado em 18 de julho de 1985, utiliza-se da memória da vitória do “Brasil de Bira”<sup>61</sup> por 2x0 contra o “Flamengo de Zico” com fins de marketing e arrecadação de renda, como será visto no capítulo 3, o clube faz usos institucionais do passado.

Esta partida tomou parte dos jornais da cidade de Pelotas antes, durante o dia do confronto e após o confronto. Destacam três exemplos de jornais: Diário da Manhã e Diário Popular, ambos de Pelotas e Zero Hora, da capital gaúcha. No dia da partida entre Brasil e Flamengo (18 de julho de 1985, uma quinta-feira), o Diário da Manhã, citava que o time pelotense “não iria tomar conhecimento” do Rubro

<sup>60</sup> Ver mais em: <https://oglobo.globo.com/esportes/flamengo-reencontra-brasil-de-pelotas-para-dar-troco-apos-eliminacao-em-1985-15432123>. Acesso em 12/05/2020

<sup>61</sup> Bira, atacante do Brasil, fez o primeiro gol desta partida. No fim do Campeonato Brasileiro de 1985, foi o vice artilheiro da competição com 16 gols – mesmo número de Roberto Dinamite, do Vasco da Gama e Marinho, do Bangu. O artilheiro da competição foi Edmar, do Guarani – SP, que fez 20 gols.

Negro Carioca (DIÁRIO DA MANHÃ, 18/07/1985, p. 13). Esta foi a introdução da imprensa para o trecho da entrevista de Júnior Brasília, que atuava como ponteiro<sup>62</sup> no Brasil de Pelotas durante a temporada de 1985:

Já o ponteiro Júnior Brasília salienta que o Brasil não tomará conhecimento do Flamengo e vai impor seu futebol: “já vencemos o Flamengo no ano passado com um toque de bola invejável. Este ano somente perdemos para o time do Zagalo porque fomos roubados no Maracanã. O Brasil vai vencer esta partida eu tenho certeza”. Futuro Xavante será decidido esta noite. (DIÁRIO DA MANHÃ, 18.07.1985, p. 13)

É comum no futebol que, em vésperas de partidas decisivas, surjam polêmicas. Por parte das equipes, polêmicas podem ser usadas como um recurso extra campo para minar o ambiente do vestiário adversário tentando, assim, prejudicar o rival nas vésperas de uma partida e, por parte da imprensa, polêmicas, sejam elas políticas, policiais e também esportivas, servem para chamar a atenção de seu público e assim otimizar sua vendagem de cópias. E assim ocorreu, conforme observa-se.

Vale lembrar que Brasil e Flamengo já haviam se enfrentado em 1985, no dia 10 de julho, em jogo válido pelo grupo F da competição, com um placar de 1x0 para a equipe carioca e um episódio curioso que desencadeou uma confusão de versões entre jogadores do Brasil e Adílio, jogador flamenguista, além de ter incluído, também, o árbitro da partida.

A mídia impressa Porto-alegrense também dedicou espaço para o Brasil de Pelotas vencedor, como nota-se em uma das reportagens abaixo (Figura 18), que versam sobre o pós jogo:

---

<sup>62</sup> Nome usado à época para se referir ao atacante que jogava pelos lados do campo.

Figura 17: Capa do jornal pelotense Diário Popular um dia após o jogo Brasil 2 x 0 Flamengo.



Fonte: Diário Popular, 19/07/1985, p. 1. In: Acervo Rogério Moreira.

Figura 18: Jornal de Porto Alegre, Zero Hora, comenta a vitória do Brasil contra o Flamengo.



Fonte: Jornal Zero Hora, 19/07/1985, p. 38. In: Acervo Rogério Moreira.

Em ambas reportagens vemos a ênfase a vitória contra o time de um craque, no caso do adversário do Xavante. Conforme o jornal Zero Hora, de Porto Alegre, a equipe carioca foi “humilhada”; comenta ainda que houve “dois golaços”, porém, o gol que abriu o placar para o Brasil de Pelotas ocorreu mais em função de uma falha defensiva da zaga e o goleiro da equipe adversária, restando a meta livre para o marcador Bira. No jornal pelotense Diário Popular, a reportagem sobre o jogo recebeu espaço na capa – o lugar mais nobre de um jornal -, e destacou, assim como o Zero Hora, a “equipe de Zico” sendo derrotada e, em letras menores, cita Bira como “matador”, que na linguagem do futebol é sinônimo de um jogador artilheiro, que faz muitos gols.

Com adjetivos em tom de comemoração, a imprensa local - neste exemplo, o Diário Popular - destacou esta partida em um espaço de 26,5 cm de largura por 28 cm de altura, em um jornal cujo espaço de folha se apresentava em 29 cm de largura e 38 cm de altura, ou seja, quase toda a capa do dia 19 de julho de 1985 foi para a divulgação de material jornalístico que versava sobre a vitória de um clube local contra o Flamengo foi destinada. Para Chartier (1992), os textos em jornais “foram escritos por autores com diferentes intenções e estratégias (CHARTIER, 1992, p. 18). O mesmo autor considera o jornal como uma “representação” de quem o produz – vale destacar que o jornal Diário Popular é, ainda hoje, o jornal de maior circulação na zona sul do Estado do Rio Grande do Sul.

Acerca das questões organizativas de um periódico e sua distribuição objetivando um maior alcance de público, com consequente maior rentabilidade durante a era contemporânea, De Luca (2005) comenta que:

Os novos métodos de impressão permitiram expressivo aumento das tiragens, melhora da qualidade e barateamento dos exemplares, que atingiam regiões cada vez mais distantes graças ao avanço dos sistemas de transportes, que agilizam o processo de distribuição. Aos imperativos ditados pela busca de produtividade e lucro aliava-se a intenção de oferecer aos consumidores uma mercadoria atraente. (DE LUCA, 2005, p. 137).

As informações que constam nos jornais impressos na era contemporânea podem ser consideradas como um instrumento regulador da sociedade. Se tomarmos dois jornais gaúchos utilizados nesse capítulo como exemplo de publicações diárias, eles existem em uma função social com o dever de noticiar – não somente atendendo aos interesses de mercados -, como atingir determinado número de assinantes e definir um público-alvo. Porém, mais que isso, em um amplo

contexto, estes impressos acabam por estabelecer o que deve ser lembrado, rememorado, ocultado e esquecido no decorrer do tempo. Conforme comenta Lohn (2014):

A memória social passa a ser composta pelo “discurso da informação”, que apresenta a sucessão de acontecimentos narrados na imprensa como parte de uma história vivida, imediatamente memorizada e escrita, formando conjuntos de crenças e símbolos, regras e práticas, os quais são combinados para significar o real e estabelecer normas sociais, de modo a homogeneizar os imaginários sociais.” (LOHN, 2014, p. 259).

Pode-se interpretar que, a partir da exploração de um tema popular como o futebol, não apenas um jornal, mas qualquer outro meio de informação impresso, radiofônico ou televisivo, busca explorar o assunto como meio de atingir as massas. O pós jogo de futebol hoje em dia pode ser observado facilmente na televisão – em canais abertos ou fechados -, em que temas e minúcias acerca de uma partida são comentadas e discutidas à exaustão, não visando necessariamente a qualidade do debate esportivo. Como escreveu Cahn (1994), “A melhor coisa sobre o baseball hoje é o ontem”<sup>63</sup> (CAHN, 1994, p. 595), pode-se refletir sobre esta citação mudando o esporte, do baseball, popular nos Estados Unidos para o futebol, esporte de maior apreço no Brasil.

Classificando-se para a semifinal, o Brasil deveria jogar duas partidas eliminatórias para a final do Campeonato Brasileiro de 1985. A equipe classificada como adversária do Xavante foi o Bangu, da capital carioca. O primeiro jogo disputado foi no Estádio Olímpico, em Porto Alegre<sup>64</sup>, no dia 24 de julho de 1985, e o resultado terminou com a vitória do Bangu pelo placar mínimo. No último jogo decisivo, realizado no Estádio Maracanã (Figura 19), no dia 28 de julho do mesmo ano, outra vez, a equipe carioca venceu o Brasil, desta vez pelo placar de 3x1.

---

<sup>63</sup> No original: The Best Thing about Baseball Today Is Its Yesterdays. (CAHN, 1994, p. 595).

<sup>64</sup> O Estádio Bento Freitas foi vetado para receber o jogo por não atender o regulamento que a CBF elaborou para a competição.

Figura 19: Brasil de Pelotas no Maracanã (1985).



Em pé: Nei Dias, João Luís, Hélio, Almir, Jorge Batata e Silva. Agachados: Júnior Brasília, Lívio, Bira, Zezinho e Canhotinho.

Fonte: Acervo Rogério Moreira

Acerca da partida que ocorreu após a tomada da fotografia acima, se observará no próximo capítulo um misto de revolta pela derrota e de reconhecimento sobre a superioridade da equipe do subúrbio carioca que se tornou vice campeã. O capítulo que segue tratará sobre as memórias dos depoentes sobre a campanha do Brasil de Pelotas no Campeonato Brasileiro de 1985, que acima foi referenciado.

### **CAPÍTULO 3:**

#### **MEMÓRIA XAVANTE: O CAMPEONATO BRASILEIRO DE FUTEBOL DE 1985**

O processo de coleta de dados para compor este estudo teve, como fonte primária principal, os depoimentos obtidos a partir da gravação e transcrição de entrevistas com depoentes que acompanharam o Grêmio Esportivo Brasil durante o Campeonato Brasileiro de 1985.

Revisando a escolha do método na pesquisa histórica, Alberti (2005) confere um renascimento à insatisfação dos pesquisadores com os métodos quantitativos do pós-guerra e indica existir duas singularidades que se firmaram com a história oral. A primeira diz respeito ao uso do gravador, que congela o depoimento, expressa sua consulta e avaliação em qualquer tempo, podendo ser fonte de múltiplas pesquisas. Nesse sentido, o depoimento pode ter o estatuto de documento, desde que haja procedimentos técnicos de gravação e de tratamento da entrevista, o que passou a ocorrer nesse período. A segunda esclarece que não é o fato de que o depoimento se torna um “documento” e que a história oral passa a ter o *status* de “ciência positiva”, mas sim o deslocamento do objeto documentado para uma versão de um fato, ou seja, uma “versão do passado”.

Somando, no total, nove entrevistas, que foram realizadas com Rogério Moreira – presidente do clube em 1985 –, Claudio Andrea – dirigente à época de 1985 –, Sergio Cabral – jornalista pelotense –, Antonio Munhoso e Nilton Pinheiro – torcedores –, Hélio Vieira, Argeu Bastos e Ubiraci Souza – ex-jogadores que compunham o elenco do Brasil durante o campeonato de 1985.

O jogador Ubiraci Souza, conhecido pelo apelido de Bira, foi o primeiro contatado e entrevistado em duas oportunidades. O contato inicial se mostrou de valia para a criação de uma rede de contatos com possíveis depoentes, os quais foram entrevistados posteriormente. Desse modo, os jogadores e dirigentes foram indicados por Bira. A escolha também recaiu sobre depoentes que ainda mantêm ligação com a cidade de Pelotas, onde possuem residência e laços familiares; para além de seus vínculos com o clube, *in loco*, durante o Campeonato Brasileiro de 1985.

A primeira entrevista com Bira foi agendada pessoalmente no seu ambiente de trabalho. A segunda entrevista, também realizada com Bira, foi previamente agendada através de aplicativo de mensagens, haja vista que, no primeiro encontro, salvou-se o contato telefônico do depoente; neste momento e, em conversa com o narrador, conseguiu-se os contatos de Claudio Andrea e Rogério Moreira – ambos ex-dirigentes do clube, além do número de telefone de Hélio Vieira, ex-companheiro de Bira no elenco do Brasil de Pelotas de 1985.

As entrevistas realizadas são de história oral temática, pois as perguntas que constam no roteiro de entrevistas tratam de temas específicos sobre determinado episódio vivido pelo depoente. Neste caso, a interferência do entrevistador é mais direta – orientado pelo roteiro pré-estabelecido –, diferentemente da história oral de vida, por exemplo, onde as perguntas são mais amplas e a interferência do entrevistador não é tão necessária na condução da narrativa, já que o objetivo é deixar o depoente contar sobre sua vida de modo geral, não valorizando necessariamente um episódio que demande perguntas direcionadas sobre o mesmo.

As nove entrevistas realizadas foram previamente agendadas por contato telefônico e por mensagens, seguindo a seguinte ordem: Bira, em 2018; segunda entrevista com Bira, 2019; Claudio Andrea e Rogério Moreira em 2019; Antonio Munhoso, Sérgio Cabral, Hélio Vieira, Argeu Bastos e Nilton Pinheiro em 2020. O primeiro entrevistado foi escolhido devido ao prévio conhecimento do pesquisador sobre sua história no Brasil de Pelotas como atleta.

No decorrer das nove entrevistas realizadas, foi possível observar uma constância de temas relatados pelos depoentes, como, por exemplo: dificuldades financeiras, o papel da torcida durante o campeonato, o relacionamento dentro os diferentes estratos do clube no ano de 1985, entre outros. Dessa forma, foi possível compreender que suas narrativas fazem parte de uma memória coletiva, que vem sendo construída por diferentes suportes – materiais e imateriais –, constituindo as recordações de um passado de 35 anos. Vale destacar que, conforme a opção metodológica utilizada, as entrevistas não foram realizadas em grupo; ou seja, durante as gravações encontravam-se apenas o pesquisador e o depoente. Considerando a memória coletiva como um fenômeno detectado durante o estudo, pontua-se, conforme Halbwachs (1990):

Consideremos agora a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta aos pontos de referência que existem fora dele e que são fixados pela sociedade. (HALBWACHS, 1990, p. 54).

Através das entrevistas, fez-se um trabalho de rememorar por parte dos depoentes. A consciência do passado e a formulação de narrativas estão baseadas na memória. Acerca desta temática, Delgado (2010) afirma que:

É a memória fluxo de duração pessoal que possibilita a lembrança de fatos, lugares, músicas. Relaciona-se à memória social ou histórica, que é focada por uma comunidade, mediante referências coletivas, tais como museus, monumentos, celebrações. Na verdade, estão imbricadas, uma vez que o indivíduo é um ser social por natureza. (DELGADO, 2010, p. 61)

Com as narrativas individuais pode-se observar ligações entre as memórias do depoente e o coletivo. Porém, este processo de recordar pode apresentar lapsos e esquecimentos, podendo ocorrer em função de fatores como o tempo de distanciamento entre a entrevista e o período/tema narrado (DELGADO, 2010) – no presente estudo, o passado remorado está localizado há 35 anos.

Durante os depoimentos, as narrativas foram trazidas de maneira em que, ao analisá-las, percebe-se que existem tópicos recorrentes dentre os diferentes entrevistados e sobre estes, não constatou-se maiores discordâncias, podendo-se interpretar, então, como pessoas que possuem o costume de manter lembranças sobre o passado em comum, de acontecimentos rememorados em outros momentos. Aqui, deve-se considerar que o intercâmbio de informações entre os depoentes não se findou em 1985, valendo lembrar que a memória é sempre atual, sendo ela atualizada no decorrer do tempo. Acerca das trocas entre os depoentes existe o que Halbwachs (2013) descreve como uma “noção comum”:

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. (HALBWACHS, 2013, p. 39).

Com a pesquisa empírica relacionando o passado com questionamentos do presente comum ao entrevistador e depoente, se almeja compreender um certo passado, sendo impossível uma reconstrução tal qual ocorreu com o período

estudado. É na memória dos entrevistados que é possível vislumbrar versões do passado por eles vivido.

Estabelecida a categoria de “memória coletiva”, através dela se percebe que o fenômeno de recordação e localização das lembranças não pode ser analisado sem levar em conta os contextos sociais que atuam como base para o trabalho de reconstrução da memória. Mediante a categoria de “memória coletiva” de Halbwachs (1990), a memória deixa de ter só uma dimensão individual, observando que as memórias de um sujeito nunca são apenas suas à medida que nenhuma lembrança pode coexistir afastada de um grupo social. A lembrança carece de uma comunidade afetiva, desse modo a construção ocorre em razão do convívio social que os indivíduos estabelecem com outras pessoas ou grupos sociais. Nesse sentido, a lembrança individual tem por base lembranças dos grupos em que esses indivíduos estiveram inseridos.

O indivíduo que lembra está dentro de uma sociedade em que ele sempre tem um ou mais grupos de referência, assim sendo, a memória é sempre construída em grupo, bem como “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”. E o indivíduo dentro do processo de rememoração não é desconsiderado, haja vista, como indica Halbwachs (2013, p. 30) que as “lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos” - isto considerando que os depoentes, no decorrer no ano de 1985 viveram, também, momentos isolados.

Mesmo que um indivíduo tenha a percepção de ter vivenciado certas situações e contemplado objetos, entre outros elementos, em que apenas ele presenciou, as lembranças sobre determinado momento vivido seguem sendo coletivas e podem ser evocadas por outros que não presenciaram tais acontecimentos. Conforme o decorrer dos anos, após determinado momento findar, este acaba sendo contado e recontado, onde elementos são acrescentados ou, também, esquecidos, apagados, negligenciados etc.

Importante destacar que para recordar um evento passado, não é preciso que ele seja evocado por outros. Necessita-se que o indivíduo apresente algum “resquício” da rememoração para que os conjuntos de testemunhos exteriores se estabeleçam em lembranças.

A partir das leituras bibliográficas realizadas, de reportagens e a análise das entrevistas que constituem parte deste capítulo, foi possível constatar que a participação do Brasil de Pelotas no Campeonato Brasileiro de 1985 recebeu estatuto de acontecimento histórico. Este momento em particular é constantemente mobilizado pela imprensa e pelo próprio clube à medida que são escritas séries de reportagens na imprensa sobre a campanha do Brasil de Pelotas no Campeonato Brasileiro de 1985 ou o Clube lança produtos comemorativos como camisetas que fazem referências a este ano, em estilo retrô (Figura 20).

Figura 20: Camisa lançada em comemoração aos 35 anos da partida entre Brasil de Pelotas e Flamengo.



Foto: Divulgação / Assessoria de imprensa do Brasil de Pelotas, 2020. (TAVARES, 2020)

Conforme consta em reportagem de 2020, o lançamento da camisa que consta na Figura 20, está envolvido em um plano de marca esportiva própria do clube. Nas palavras do diretor da empresa que desenvolveu a camisa retrô de 1985:

Dentro do projeto de marca própria um dos objetivos é desenvolver produtos que se identifiquem com o torcedor, que sejam marcantes para eles. Quando surgiu a ideia do aniversário de 35 anos dessa vitória épica, no jogo contra o Flamengo em 85, quanto mais a gente foi conhecendo os detalhes, mais encantados ficamos. Não tivemos nenhuma dúvida de que teríamos que materializar através de uma peça, de uma camisa, essa história. Os novos torcedores do Brasil tem que ter esse conhecimento, tem que saber o que aconteceu porque realmente foi algo muito especial e essa camisa tem esse objetivo. (TAVARES, 2020, n.p)

A partir da citação acima, pode-se observar uma preocupação em manter a memória do que, nas palavras de um diretor de empresas de material esportivo, foi uma “vitória épica”. Cabe notar que na Figura 20, está destacado na parte superior, próximo a gola, o seguinte: “GE. Brasil 2 x 0 Flamengo” – placar de uma partida já referenciada no capítulo 2 – e, abaixo, a impressão do termo “Duelo épico”. Além

disso, o número presente é o número 9, que durante o Campeonato Brasileiro de 1985 pertenceu ao atacante Bira.

Sobre os usos possíveis do passado, Le Goff (2005) considera que a memória, inclusive através do uso da “moda retrô”, é consumida e objetificada pela sociedade:

Pesquisa, salvamento, exaltação da memória coletiva não mais nos acontecimentos mas ao longo do tempo, busca dessa memória menos nos textos do que nas palavras, nas imagens, nos gestos, nos ritos e nas festas; é uma conversão do olhar histórico. Conversão partilhada pelo grande público, obcecado pelo medo de uma perda de memória, de uma amnésia coletiva, que se exprime desajeitadamente na moda retro, explorada sem vergonha pelos mercadores de memória desde que a memória se tornou um dos objetos da sociedade de consumo que se vendem bem. (LE GOFF, 1990, p. 407)

Santos e Granja (2016), em um exemplo de caso concreto da utilização da memória de torcedores e estratégias mercadológicas por parte de uma instituição desportiva, comentam sobre o Sport Club Corinthians Paulista e sua proximidade com uma identificação de “clube do povo”<sup>65</sup>:

No caso do Corinthians, membros de sua torcida e ações mercadológicas do clube o colocam como “o time do povo”. Apenas para citar exemplos simples, a escola de futebol para crianças do clube é conhecida como “Escolinha do Povo” e o patrocinador oficial do clube, a Caixa Econômica Federal, usa a expressão “time do povo” em suas peças publicitárias em alusão ao Corinthians. A alusão a esta expressão, bem como a outras como “República Popular do Corinthians”, nome de seu centro de treinamento na periferia de São Paulo, busca resgatar as origens populares do clube, uma história oficial presente nos principais livros escritos por memorialistas e torcedores do clube, bem como na seção de história de sua página oficial na internet. Tais rótulos que imprimem uma identidade aos clubes de futebol estão calcados em elementos de seu passado, por exemplo, no caso do Corinthians, sua origem popular. (SANTOS; GRANJA, 2016, p. 6)

Para Santos e Granja (2016), a identidade de um clube “pensada como constituidora da memória pode ser trabalhada de acordo com a perspectiva do conceito de identidade organizacional” (SANTOS; GRANJA, 2016, p. 5). Estes autores demarcam a identidade organizacional como as características que diferem uma organização da outra, fazendo com que seus membros se sintam diferentes em relação aos membros de outras organizações.

Além de estratégias advindas do próprio clube para manter a memória do que deseja, pelo que é entendido pela instituição como algo “memorável”, a imprensa também vem contribuindo para que essa memória não seja apagada. O jornal, na

---

<sup>65</sup> Sobre o Brasil de Pelotas e o termo “clube do povo”, ver mais no capítulo 1.

contemporaneidade, apresenta importância como um suporte para a memória, além de seu predefinido papel de informar o público leitor – isso sem deixar de considerar os agentes que atuam em uma determinada edição e suas escolhas na hora de promover notícias, momento em que não há neutralidade, por mais que uma “notícia neutra” conste como premissa em diversos veículos do meio jornalístico, e não apenas nos periódicos impressos, mas, também, em portais na internet e programas de notícias diárias na televisão, por exemplo.

Ao se analisar as reportagens de jornais impressos pelotenses sobre o Xavante do ano de 1985, se vê uma constante: a comemoração de um feito. Dessa forma, em um discurso que vem sendo construído desde o ano de 1985 (Figuras 17 e 18), além das reportagens desse ano, pode-se ver menções na imprensa em 2000 (Figura 27), 2005 (Figura 28) e 2020 (Figura 29). Acerca destas reportagens anexadas, espaçadas em 20 anos em relação a primeira e última citada, e 15 e 35 anos em relação à campanha do Brasil de Pelotas no Campeonato Brasileiro de 1985, respectivamente; se vê um tom de reverência ao feito considerado histórico na existência do clube.

O primeiro entrevistado, Bira, é morador de Pelotas, e atuou como jogador do Brasil de Pelotas no início dos anos 1980 nas categorias de base e, em 1984, se tornou profissional pelo clube, atuando como atacante durante o Campeonato Brasileiro de 1985. Ele é popularmente conhecido pelo gol que fez no jogo contra o Flamengo<sup>66</sup>, em partida que encaminhou o Brasil de Pelotas para a semifinal da competição. Após o Campeonato Brasileiro de 1985, foi vendido ao Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Teve passagem pelo futebol português entre o fim dos anos 1980 e início da década de 1990, em clubes como Sport Clube Beira-Mar, Recreio Desportivo de Águeda, Leixões Sport Club e Caldas Sport Clube.

Bira voltou a atuar no Brasil de Pelotas em 1995 e, após encerrar a carreira como jogador, assumiu a função de treinador das categorias de base do Rubro Negro pelotense em 1999. Atualmente, aos 55 anos de idade, Bira trabalha na Prefeitura Municipal de Pelotas. Hoje torcedor, Bira não tem vínculo empregatício com o Brasil de Pelotas, porém, participa de programas esportivos em diversos

---

<sup>66</sup> Para mais detalhes sobre essa partida, ver “*O nosso sangue e a nossa raça: história, memória e identidade “Xavantes”*”: (Estudo de caso da partida entre G. E. Brasil e C. R. Flamengo, Taça de Ouro 1985)”, escrito por Rafael Andrioli Rasch.

momentos, além de conceder entrevistas para a mídia esportiva, como, por exemplo, as que foram realizadas no ano de 2015, devido à disputa de partida válida pela Copa do Brasil deste ano. Fator motivador para que a imprensa esportiva dos estados de Rio de Janeiro e São Paulo se deslocassem à Pelotas para entrevistá-lo foi justamente o adversário do Brasil de Pelotas ser o Flamengo<sup>67</sup>. Novamente o Rubro Negro Pelotense e o Carioca se encontraram, 30 anos após o Campeonato Brasileiro de 1985, em uma partida de primeira fase da Copa do Brasil de 2015.

Argeu Bastos (Figura 22) e (Figura 23) foi outro ex-jogador entrevistado. Ex-lateral esquerdo, atualmente é aposentado e morador de Pelotas. Jogou no Brasil de Pelotas de 1982 até o ano de 1986. Foi também atleta de clubes gaúchos como São Paulo, de Rio Grande e Farroupilha, de Pelotas; além de ter uma passagem pelo Internacional, da cidade de Lages, em Santa Catarina.

Entre o estrato de ex-jogadores analisados, também consta o nome de Hélio Vieira, que jogava como zagueiro. Atualmente treinador de futebol, Hélio começou a jogar nas categorias de base do Brasil de Pelotas no fim dos anos 1970, estreando como profissional em 1980. Somados os anos jogados pelo clube, Hélio, entre idas e vindas, acumula, aproximadamente, doze anos dentro de campo, tendo sua última passagem, como jogador, no ano de 1995. Além disso, treinou o clube em diversas oportunidades, estreando como treinador em 1997, voltando em 1999 e sendo, inclusive, treinador em 2011, ano do centenário do Brasil de Pelotas.

Dentre os dirigentes que tiveram contato estabelecido, está presente o nome de Claudio Andrea. Atualmente residindo na cidade de Pelotas, onde trabalha em seu consultório odontológico. Sobre Andrea, é de se salientar sua trajetória atuante dentro do clube, em que participa há mais de cinquenta anos nos bastidores. Claudio Andrea, que foi presidente do Conselho Deliberativo do Brasil de Pelotas no ano de 1985, atuou no clube pela primeira vez no ano de 1959, como responsável pelo Departamento de Propaganda e na época da entrevista, atuava como Presidente do Conselho Deliberativo na Gestão 2019.

---

<sup>67</sup> Ver mais em: [http://www.espn.com.br/video/487156\\_bira-relembra-gol-que-ajudou-o-brasil-de-pelotas-a-eliminar-o-flamengo-em-1985](http://www.espn.com.br/video/487156_bira-relembra-gol-que-ajudou-o-brasil-de-pelotas-a-eliminar-o-flamengo-em-1985) e <https://oglobo.globo.com/esportes/as-memorias-de-bira-um-algoz-do-flamengo-15430864>. Acesso: 01/05/2020.

Rogério Moreira, outro dirigente entrevistado – presidente do Brasil de Pelotas no ano de 1985 – que, assim como Cláudio Andréa, também apresenta uma história longa com o clube, pois começou em 1974 no Departamento de Futebol de Salão e, após dezenove anos afastado, voltou em 2015 para assumir o cargo de 2º Secretário do Conselho Deliberativo.

Entre os torcedores entrevistados, está Antonio Luiz Munhoso, conhecido pelo pesquisador através da página que o torcedor possui na internet. Munhoso reside na cidade de Pelotas, aposentado e com 66 anos, conhecido como “Xavante Munhoso”. Ele é fundador, em 1977, da Torcida Organizada Paixão Rubro Negra e autor de um blog dedicado a registrar textos referentes aos jogos, história e o dia a dia do clube.

O segundo torcedor entrevistado, que acompanhou partidas da campanha xavante de 1985, foi Nilton Pinheiro, residente na cidade de Pelotas, aposentado e com 66 anos, acompanha o clube indo ao Estádio Bento Freitas desde o ano de 1971 e que, conforme comentou ao pesquisador, tem o intuito de tornar-se presidente do clube após a gestão que termina no início de 2021.

O representante da imprensa, Sergio Cabral, foi um jornalista que acompanhou a trajetória do Brasil em 1985, estando trabalhando em coberturas de jogos na cidade de Pelotas e também em partidas fora do Estado. Pelotense, com 60 anos à época da entrevista, Cabral relatou que se aproximou das práticas esportivas, em especial do futebol, a partir da infância, em sua vida escolar. O mesmo atuou em mais de uma área no jornalismo esportivo cidadão, trabalhou no jornal Diário Popular, e foi também organizador do Troféu Multiesportes, evento que premiou atletas e personalidades de esportes diversos em Pelotas.

Comum a três de quatro entrevistados foi o fato de a proximidade nascer, primeiramente, como torcedor em ambiente familiar – exceção de Nilton Pinheiro (2020), que não mencionou sua família como determinante para sua formação como torcedor do Brasil de Pelotas. Os dois ex-jogadores e o jornalista entrevistado também não relataram sua inserção no Xavante a partir da infância e da interferência da família. Mas, nestes três últimos, é necessário citar que seus vínculos diferenciam-se, pois são derivados da natureza de seus diferentes ofícios.

Conforme rememorou Claudio Andrea (2019), acerca de como se deu a sua proximidade com o Brasil de Pelotas, disse: “*Tudo, tudo, tudo foi o meu pai. O início*

*da minha..., e o meu pai não pôde me ver como presidente, quer dizer, das coisas, em determinada... O meu pai morreu em 71, 63 anos.” (ANDREA, 2019).*

Sobre a relação entre a família do depoente e o clube, Rogério Moreira (2019), contou que:

*Eu nasci em um ambiente totalmente Xavante, né?! E, junto com os Andreas e, enfim, o meu avô, Justino Moreira, que foi um dos que participou desde a fundação do clube e um dos sócios desde os primeiros anos do clube, enfim. O meu pai, Paulo Moreira, e o sócio dele Nicolino Andrea, o pai do Cláudio e do Sérgio Andrea... Então, é nesse ambiente que nasci e, costumo dizer que esse ambiente me fez pensar que o Brasil era o maior clube do mundo. (MOREIRA, 2019)*

O torcedor Antonio Munhoso (2020), nascido em 1954, citou a influência exercida por seu pai quando perguntado sobre suas primeiras aproximações com o clube, conforme conta:

*Praticamente lá por sessenta e três, em mil novecentos e sessenta e três. Eu devia ter em torno de nove anos e é quando eu começo ter consciência do Brasil. É muito possível que eu tenha vindo antes. Eu tenho uma memória de um jogo, que uma vez eu vi com meu pai, mas eu vi pela fresta, uma fresta, assim, eu não cheguei a entrar no estádio só vi que um dos clubes era vermelho e preto; talvez, de ali que surgiu isso. Mas de sessenta e três para cá: com certeza!! (MUNHOSO, 2020)*

Nestes três recortes de entrevistas nota-se que a família é um núcleo promotor da vida torcedora. O ser humano não se constitui torcedor de maneira racional – ao menos no caso dos três depoentes referenciados. Sobre este aspecto, Toledo (2010) escreve que:

No mínimo, outras dimensões menos tangíveis entrariam no cálculo da soma dos fatores que levam à identidade torcedora. Em tese, ela estaria associada menos aos marcadores sociais de classe e ideológicos e mais às relações societárias primárias, frequentemente manifestadas no interior das famílias, das parentelas, dos círculos de amizade (bairros, escolas, clubes etc.), ao estatuto de pessoa em jogo, até no exercício contínuo das relações contrastivas de gênero, enfim, lugares privilegiados em que nascem as disposições para torcer. Tais disposições não viriam somente de algum cálculo interesseiro, instrumental ou fruto de inquietações solitárias do “eu”. (TOLEDO, 2010, p. 184)

Nilton Pinheiro (2020), que também desde criança tornou-se torcedor, mas comentou que sua proximidade ao Brasil de Pelotas se deu pelo fato de morar próximo ao estádio. Toledo (2010), acima, também destacou que os círculos de amizade presentes nos bairros podem interferir no ato de torcer para um ou outro time e, a moradia no mesmo bairro do time estabelece um vínculo maior.

*Porque como eu sou do tempo em que a gente ia para beira do..., quando era criança, né?, que era o meu caso 10 anos, 11 anos, chegar na frente do estádio e ficar esperando alguém dar a mão para a gente poder entrar dentro do campo. Algumas pessoas adultas davam a mão, outras não davam a mão. (PINHEIRO, 2020)*

O que Pinheiro (2020) se refere como o ato de “esperar alguém dar a mão”, seria entrar de graça, pois era criança e, devido à isso, não lhe era cobrado ingresso, porém, somente era possível entrar no Estádio Bento Freitas na companhia de um adulto.

Essencial para este estudo é observar quais são as principais memórias dos depoentes acerca do Brasil de Pelotas no Campeonato Brasileiro de 1985, e os entrevistados destacam que, para falar sobre a campanha do Clube neste campeonato, é importante retroceder um pouco no tempo. Tanto Rogério Moreira, Claudio Andrea e Antonio Munhoso fizeram menção ao passado, estando demarcado no final da década de 1970, sendo este período da história do Brasil de Pelotas como “algo novo”, uma ruptura com as experiências que o clube viveu até a mencionada época, isto devido à sua inserção no pós Torneio Seletivo de 1977 – disputado em um Clássico Bra-Pel –, no cenário de competições nacionais. Munhoso (2020) citou a decisão de 1977 como “o maior lance de sua vida como torcedor”, conforme rememora:

*[...] Eu costumo dizer que o Bra-Pel do Torino é nosso! Quando nós estávamos ganhando o jogo aqui, nós tínhamos perdido o primeiro Bra-Pel, depois ganhamos o segundo lá na casa do Pelotas, depois, àquele, era o terceiro aqui. Se o Pelotas empatasse, haveria mais um Bra-Pel. Nós estávamos ganhando de um a um e, ali, naquele instante de pênalti que houve contra o Brasil, que o Torino ia marcar, ali, sim, ali, pelo menos no meu caso — e de muuuuita gente! —, eu quase desmaiei, porque tomar um gol do Torino naquela época ali, naquele horário de jogo, para nós ia ser uma coisa muito mais... tragédia porque o Torino, na verdade, era cria do Xavante. O Torino se criou aqui, no barro do Bento Freitas, no tempo em que o estádio era puro barro, né, era aquela negrada guerreira e ele era origem daquilo ali. E, justamente, poderia nos tirar fora, mas, graças a Deus, ele errou o pênalti e eu considero isso de..., esse jogo de o “Torino é nosso, Torino é nosso!!!”, porque na hora em que ele ia bater o pênalti alguém na arquibancada gritou “O Torino é nosso!”, foi uma pessoa só! Aí um outro já repetiu “O Torino é nosso!”, aí outro... Tchê, aquilo ali ficou uma multidão, ali, aquela torcida toda da arquibancada lá, a gritar “O Torino é nosso, o Torino é nosso!!!” bem na hora de ele bater o pênalti, né?! E, felizmente, ele errou. Então, esse Bra-Pel, esse lance, esse... Esse é o maior lance da minha vida como torcedor. Esse aí eu nunca vou esquecer. (MUNHOSO, 2020)*

A partir da memória do torcedor, pode-se notar a importância que o Torneio Seletivo de 1977 teve para sua vida enquanto um apoiador do clube, foi um momento que o cativou e, mesmo após transcorridos 43 anos, citou com entusiasmo a minúcia de um pênalti perdido pelo Esporte Clube Pelotas, principal rival do

Xavante. Nota-se, nesta passagem da fala do depoente a importância de um clássico, inclusive, para nortear a sua memória enquanto torcedor de longa data.

Nos capítulos anteriores mostrou-se que foi neste momento que o Brasil de Pelotas teve a oportunidade de disputar um campeonato em nível nacional, distanciando-se em 59 anos do Triangular de Campeões, um torneio organizado pelo Fluminense Foot-ball Club no ano de 1920, em que apenas três equipes disputaram partidas em sede única na cidade do Rio de Janeiro. Deve-se atentar neste ponto para as diferenças entre torneios e campeonatos, além dos contextos diferentes na década das disputas esportivas na década de 1920 e na década 1970, que já foram citadas nos capítulos 1 e 2.

O mesmo episódio lembrado pelo torcedor Antonio Munhoso foi citado por Claudio Andrea que destacou o Torneio Seletivo de 1977 como relacionado diretamente com a campanha do Brasil em 1985. Durante a sua narrativa, apontou para uma fotografia (Figura 21) presente em seu escritório, ao citá-lo.

*“É! Em 1977. Está aí. Ali, aquele quadro branco, conta a história. 1977. O Brasil se habilitou e teve, então, a partir de outubro, até janeiro quando iniciou o campeonato nacional [Campeonato Brasileiro de 1978, primeiro disputado pelo clube], nós ampliamos o estádio e o deixamos assim, como está naquela fotografia ali.” (ANDREA, 2019). [grifos do autor]*

Figura 21: Estádio Bento Freitas no final da década de 1970 e quadro em comemoração ao Torneio Seletivo de 1977.



Fonte: Foto do autor, 2020.

O presidente do Brasil de Pelotas de 1985, Rogério Moreira, também apontou o ano de 1977 como um momento importante para o clube, justamente por ser o

momento em que o Clube passa a ter o direito de disputar a primeira divisão do futebol nacional. Para Moreira (2019):

*Eu que acompanhei o início disso tudo em 77, quando o campeonato seletivo que dava uma vaga para a cidade de Pelotas disputar o Campeonato Brasileiro. Aquilo era um sonho que se viveu e, posteriormente, quando vitorioso naqueles Bra-Pel do Seletivo que garantiu a nossa vaga para jogar em 78; aquilo era um sonho de ver o Brasil em um campeonato em que estava o Flamengo, Palmeiras, São Paulo, enfim, todos os clubes grandes. (MOREIRA, 2019)*

Como se observa no capítulo 2, desde 1971, ano de início da competição, até o ano que antecedeu a participação do Brasil de Pelotas em 1985, todos os clubes campeões foram de grandes centros urbanos, como Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro, Campinas e Porto Alegre, ou seja, em realidades urbanas diferentes da que o Xavante convivia na década de 1980 enquanto um clube do interior gaúcho. Acerca das equipes que o ex-presidente Xavante citou, até o ano de 1984, o Flamengo havia sido Campeão Brasileiro de Futebol em 1980, 1982 e 1983; o Palmeiras havia conquistado as edições do Campeonato Brasileiro de 1972 e 1973, enquanto o também paulista, São Paulo, foi campeão desta competição em 1977.

O Torneio Seletivo para o Campeonato Brasileiro de 1978 foi lembrado, também, na escrita do livro *Identidade Xavante* (ANDREA, 2011). Neste livro, lançado no centenário do Brasil de Pelotas, o Torneio Seletivo do ano de 1977 recebe atenção em um breve capítulo intitulado “*História do Seletivo*” (ANDREA, 2011, p. 108-109). Como foi mencionado no segundo capítulo desta pesquisa, o final dos anos 1970 foi um momento importante para o clube, se for levado em conta que neste momento a cidade de Pelotas, pela primeira vez, tem um representante na elite do futebol brasileiro, ou seja, disputando o Campeonato Brasileiro da Primeira Divisão.

Como relembrou o torcedor Antonio Munhoso, mais uma vez a figura do jogador Torino, atleta do Esporte Clube Pelotas em 1977, se fez presente na memória sobre a história do Brasil de Pelotas, desta vez, observa-se a memória que foi escrita no livro do centenário do clube:

*Torino, jogador criado nas categorias de base e no Futebol de Salão do G. E. Brasil, foi o escolhido para a cobrança de pênalti. Nervoso com a “catimba” de Jaci, chutou fora para a alegria dos rubro-negros que, ao final do apito, promoveram um carnaval até altas horas da noite. (ANDREA, 2011, p. 109)*

Pode-se observar a construção de uma narrativa em comum nos depoentes. E, de mesma forma, o livro autorizado e promovido pelo clube no ano de seu

centenário, faz uma rememoração aproximada as narrativas presentes nas gravações realizadas para este estudo. Para além do teor do conteúdo escrito em livro, bem como a análise sobre este episódio feita por ex-dirigentes e por um torcedor, em que também se nota a presença da memória comemorativa (ver Figura 21), é necessário ressaltar as diferentes formas em que este fato antecessor ao Campeonato Brasileiro de 1985 chegou ao autor, através de imagens, história oral e história escrita/bibliografia – isto demonstra os diferentes suportes de memórias e os usos do passado, em que, tanto torcedores, como o próprio clube busca a promoção de determinada memória.

Mesmo analisando as memórias do Campeonato Brasileiro de 1985 em específico, foi comum a citação de anos anteriores além de 1977. Isto demonstra que, para o depoente estabelecer uma narrativa, é necessário rememorar uma teia de fatos situados no passado anterior ao período exato de determinada pergunta, pois, é assim que torna-se possível dar “lógica” a uma narrativa, não necessariamente em uma rígida linha do tempo, mas o passado/anterior ao objeto faz parte da construção de um argumento. Fenômeno observado quando mais de um depoente cita os anos de 1982, 1983 e 1984 como anos que, também, foram essenciais para a “existência” do Brasil de Pelotas de 1985. Forma-se, assim, conforme Le Goff (1990) uma “História com tempos e ritmos diferentes, ora linear ora repetitiva, que volta a ser do nosso tempo.” (LE GOFF, 1990, p. 454)

Tendo os anos anteriores próximos de 1985 como categoria analisada, nota-se que, sobre isso, dois ex-jogadores – o zagueiro Hélio Vieira e atacante Bira – foram pontualmente nos anos antecessores a campanha de 1985. Conforme comentou Hélio Vieira:

*Na verdade, aquela campanha de 85 ela foi uma sequência do trabalho de 84. Já tinha sido uma boa campanha, já pela sequência de 83 que também tinha sido [boa]. O começo de tudo foi em 83! Manutenção da base do time, manutenção da base do jogo, né? Os dois técnicos que trabalharam parecidos, o Felipe e o Valdir, né? Eram, apesar de serem, ao menos, assim, a distância diferente, se tinha uma condução de grupo muito, muito bacana, assim, uma relação de confiança que eles passavam para nós. (VIEIRA, 2020). [grifos do autor]*

De forma similar, Bira também fez menção ao passado para justificar sua resposta sobre 1985 e suas memórias sobre este ano específico. Aproximando-se de Hélio Vieira, citou que:

*Eu sou uma das pessoas que sou muito procurado para contar algumas dessas coisas que aconteceram nessa época – e foram coisas boas! A gente recorda muito o ano de 85 e eu sempre sugiro que a gente fale um pouco de*

*84 também. Porque, na verdade, aquele feito de 85 e, até pela passagem daquele jogo com o Flamengo, já havia acontecido em 84, com aquela equipe que tinha sido formada em 83. Então, é uma história que junta três anos consecutivos de uma formação, de uma equipe em 83, que foi vencedora em 85. Então, a recordação é muito mais ampla do que só falar do jogo da vitória sobre o Flamengo. (BIRA, 2019)*

Argeu Bastos, ex-lateral esquerdo do Brasil de Pelotas de 1982 a 1985, quando questionado sobre quais foram as memórias mais marcantes sobre o ano de 1985, citou outros aspectos, não datou os anos que antecederam o Campeonato Brasileiro de 1985 como fizera Bira e Hélio Vieira. Conforme rememorou o ex-jogador Bastos:

*[...] no meu caso, que eu já estou desligado do futebol já há alguns anos, eu mantenho contato até hoje, a gente criou um laço, uma amizade. Porque, naquele período do Brasil, sabe, a coisa deu tão certo, tão certo, deu uma liga — que é uma gíria usada no futebol — deu uma liga que está aí para quem quiser ver, o Brasil do nada, na década de 80, foi conhecido como o terceiro melhor do Brasil, pô! Quando se fala em futebol no Brasil, pô, nós somos (sic) tetracampeões! O Brasil, um time do interior, onde tudo começou, assim, desde o presidente até o pessoal que trabalhava na manutenção do campo, aquela liga foi o que nos levou a fazer o que a gente fez... o que a gente fez. Porque todos puxavam, todos estavam imbuídos... é... no mesmo objetivo, então foi por isso que nós chegamos à terceira, até poderíamos ter ido para a final, mas, infelizmente, apenas um é campeão. (BASTOS, 2020)*

Dentre o estrato dos ex-jogadores, Argeu Bastos foi o que mais citou detalhes ligados ao que se pode chamar de uma memória afetiva, ou mesmo de nostalgia. Bastos contou detalhes durante a entrevista e, durante o áudio, pode-se observar sua fala, por vezes, alterada em um tom de emoção – principalmente ao tratar de assuntos referentes à torcida e seu fim de carreira precoce, aos 27 anos de idade, após um acidente fatal em sua família. Em um momento pós gravação, o ex-atleta fez questão de mostrar sua coleção de camisas, em que uma delas, lhe foi ofertada pelo Clube em sua homenagem por atuar no ano de 1985, nela se vê gravado o número 6 da camisa que ele vestia em 1985 (Figura 22) – tradicionalmente utilizado no futebol brasileiro por laterais esquerdos, enquanto o lateral direito tradicionalmente utilizava o número 2, antes do hábito da adoção de numeração fixa que os clubes passaram a adotar na década de 2010. Além da camisa em sua homenagem, Bastos fez questão de mostrar uma camisa (Figura 23) de seu filho, Michel Bastos – que também é ex-jogador de futebol - utilizada na sua primeira convocação pela Seleção Brasileira, em um amistoso contra a Seleção Inglesa<sup>68</sup>.

---

<sup>68</sup> Ver mais em:

Figura 22: Argeu Bastos expõe camisa do Brasil de Pelotas, ofertada em sua homenagem.



Fonte: Foto do Autor, 2020.

Figura 23: Argeu Bastos expõe camisa da Seleção Brasileira utilizada pelo seu filho.



Fonte: Foto do Autor, 2020.

Da mesma forma que o lateral esquerdo do time de 1985, Claudio Andrea também expôs ao pesquisador um item em seu acervo que considera importante em sua vida, ao lembrar do tempo em que foi Presidente do Conselho Deliberativo, quando viveu os bastidores do futebol no Brasil de Pelotas durante a disputada do

---

[http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Times/Selecao\\_Brasileira/0,,MUL1379334-15071,00-A+SOMBRA+DE+ROBINHO+NILMAR+BRILHA+E+DA+VITORIA+AO+BRASIL+SOBRE+A+INGLATERRA.html](http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Times/Selecao_Brasileira/0,,MUL1379334-15071,00-A+SOMBRA+DE+ROBINHO+NILMAR+BRILHA+E+DA+VITORIA+AO+BRASIL+SOBRE+A+INGLATERRA.html)

Campeonato Brasileiro de 1985. Trata-se de um troféu (Figura 24) que lhe foi ofertado em comemoração à passagem de 20 anos da disputa do Brasil de Pelotas no Campeonato.

Figura 24: Troféu ofertado à Claudio Andrea em homenagem a campanha do Brasil de Pelotas em 1985.



Fonte: Acervo Claudio Andrea

A história oral possibilita ao ofício do historiador que novas fontes – materiais e imateriais – sejam descobertas. Isso ocorre em função de a metodologia de história oral ser necessariamente praticada através do diálogo entre entrevistador/pesquisador e entrevistado/depoente. Não há história oral sem um intercâmbio de narrativas. Conforme escreve Delgado (2010):

Também é usual que depoentes, estimulados pelas entrevistas, recorram a velhas relíquias ou a antigos guardados, encobertos pela pátina do tempo, como fotos, objetos, jornais, discos, cartas, poemas, entre outros recursos, que possam contribuir para tornar o ato de lembrar mais vivo. Os entrevistadores podem também incentivar com estímulos externos para que a memória flua com maior facilidade, ou mesmo seja ativada, já que é um processo vivo, atual, renovável e dinâmico. Constitui-se no diálogo do presente com o passado. Um diálogo vivo e enriquecido por estímulos que podem se fazer presentes no próprio decorrer do processo de gravação do depoimento oral. (DELGADO, 2010, p. 17)

Justamente por ser a memória “viva, atual, renovável e dinâmica” é que, durante a entrevista utilizando o método de história oral, esta não pode ser guiada de maneira engessada por um rígido questionário, pois, se feita assim, restringe o processo de ação participava do narrador. Um roteiro de perguntas deve ser um

guia, não um limitador de narrativas que podem apresentar novas fontes possíveis de serem trabalhadas e enriquecer a pesquisa.

A partir da constatação que os narradores selecionados para a pesquisa organizam em seus acervos pessoais peças materiais que fazem menção ao Campeonato Brasileiro de 1985, observa-se que estas são heranças diretas do passado, acerca disso, Le Goff (1990) comenta que:

[...] o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores. Estes materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador. (LE GOFF, 1990, p. 462)

Tendo o entendimento de que os documentos são, assim como os monumentos, uma herança do passado, porém, selecionados no ofício dos historiadores e historiadoras para construir uma narrativa da memória, ou seja, escrever a história. É, em parte, experiência presente na construção de toda essa pesquisa, em que diversos suportes documentais foram escolhidos, conforme o critério do historiador, como forma de busca em sustentar a escrita acerca dos objetivos pretendidos na pesquisa.

Os narradores selecionados e que possuem arquivos, os tem de maneira pessoais – não são arquivos catalogados em uma instituição, um museu, por exemplo. Acerca da criação de arquivos e sua concepção deste como um espaço de memória, Venturini (2008), comenta que:

Na construção de arquivo, enquanto memória estabilizada, os sujeitos falam dos lugares institucionais e realizam gestos interpretativos. Por esse gesto, buscam a estabilização do discurso na ilusão constitutiva de ser a origem do dizer. Com isso, esquecem que o discurso relaciona-se com a língua na história e se constitui pela opacidade, pelo equívoco e pela falha. (VENTURINI, 2008, p. 59)

O ex-atacante Bira narrou que um evento realizado pelo jornalista Sergio Cabral, 25 anos após o campeonato, foi importante para dar continuidade a construção da memória sobre o Campeonato Brasileiro depois no ano de 1985, pois foi o momento em que foi possível rever o maior número de ex-companheiros de equipe.

*Depois que tu para de jogar ou que essa equipe se desfaz [...] é muito difícil tu reunir esse pessoal para uma resenha, um bate-papo. Tanto é que teve um ano que o Cabral [jornalista pelotense] conseguiu essa façanha de homenagear os 25 anos – se não me falha a memória – dessa competição. Era uma comemoração do Grêmio Esportivo Brasil da época da disputa*

*desse campeonato, do 3º lugar, e ele conseguiu trazer toda essa galera aí para participar dessa festa e foi aí que a gente conseguiu se reencontrar, dar muitas risadas, contar histórias a respeito dessa competição.” (BIRA, 2018) [grifo do autor]*

O mesmo citou que em 2018, ano em que a primeira entrevista com o ex-jogador foi realizada, era um momento “muito mais fácil” para manter contato com os outros ex-jogadores que compunham o elenco Xavante de 1985, conforme comentou:

*Hoje está muito fácil, né?!, através das redes sociais, a gente consegue conversar, encontrar com alguns jogadores. Outro dia mesmo eu estava conversando com Lívio, contando histórias como a gente está hoje e, lembrando. Eu lembro desse cara porque ele foi o meu alicerce, o apoio que eu tinha para qualquer dúvida nos jogos, nos treinos e na amizade que a gente construiu juntos, eu e Lívio. Outro dia eu estava conversando com ele que me disse assim: olha, eu tenho muita saudade da nossa época, porque a gente podia ir à rua, a gente podia ir para o treino andando (nós morávamos no Fragata), a gente ia conversando, trocando ideias, as pessoas nos cumprimentavam não nos atacavam, nos respeitavam. Ele lembra muito bem que eu parecia o pai de vocês e ao mesmo tempo vocês se pareciam meu irmão mais velhos, ele dizia, porque era muito legal pela diferença de idade, e não só. E, hoje, nós ficamos conversando e mostrando as fotos dos nossos netos. Essa química existe porque a gente se emociona muito quando fala um com o outro, quando conta histórias para o outro, conta da nossa vida como a gente está agora, a nossa família; fotos da minha família, ele manda fotos da família dele. Ou seja, é uma conexão que nunca acabou, né?! A gente ficou distante? Ficou. Mas a amizade nunca está longe. Amizade está sempre perto de ti, ela está dentro da gente, no nosso coração. O Lívio era uma cara assim... O Hélio eu falo muito. Seguido estamos juntos; ele mora em Pelotas é bem mais fácil. O Bastos também! (BIRA, 2018)*

Conforme a narrativa acima, se nota que a memória de um acontecimento é construída repleta de subjetividades, inclusive no que diz respeito a manutenção de uma amizade, ou seja, sobre as relações interpessoais.

Aqui se observa o papel da comemoração no processo de construção da memória sobre determinado evento, constitui-se como um suporte de memória, assim como os jornais, fotografias e camisetas, porém, possui natureza imaterial. Ao comemorar, a pessoa necessariamente o faz tendo em vista uma ação executada no passado. Venturini (2008), define a relação entre o ato de rememorar e comemorar da seguinte forma:

*A rememoração, de um lado, como o discurso de, que funciona como interdiscurso e que pelo funcionamento do pré-construído, legitima e sustenta a comemoração. E de outro, a comemoração como o discurso sobre – a atualidade. A rememoração/comemoração, juntas, constituem o intradiscurso – fio do discurso do sujeito – como efeito do interdiscurso sobre si mesmo. A rememoração – eixo vertical – tem dois funcionamentos: como memória e como texto fundante. (VENTURINI, 2008, p. 7)*

Sendo assim, as homenagens, como as que se observa nos suportes de memórias apresentados pelos depoentes, são efeitos de um discurso – de uma narrativa construída sobre si.

Acerca dos suportes materiais de memória e a sua relação direta com a rememoração/comemoração, Le Goff (1990) considera variadas as espécies de homenagens materiais como elementos presentes nas comemorações, conforme comenta:

A comemoração apropria-se de novos instrumentos de suporte: moedas, medalhas, selos de correio multiplicam-se. A partir de meados do século XIX, aproximadamente, uma nova vaga de estatuária, uma nova civilização da inscrição (monumentos, placas de paredes, placas comemorativas nas casas de mortos ilustres) submerge as nações europeias. (LE GOFF, 1990, p. 400)

O ex-meio campista Lívio, citado com expressões de carinho e respeito por Bira, – ao dizer “como um pai”, por exemplo –, hoje morando na cidade de Londrina, no Estado do Paraná, à época tinha 30 anos, enquanto Bira tinha 20 anos (anexo 4). Lívio também é lembrado pelo ex zagueiro Hélio Vieira, que à época tinha 22 anos, como um dos jogadores que ele qualificou como acima da média: *“Lívio, o Zé, o André: eram jogadores de qualidade técnica bem acima da média. E tinha o pessoal do serviço pesado que também resolvia, né o pessoal...”* (VIEIRA, 2020). Vieira também lembrou do ex-volante Doraci, ao se referir aos jogadores que faziam “o serviço pesado”, que, na linguagem do futebol, pode ser considerado como a tarefa de marcação, ou mesmo a ação de um jogador mais limitado tecnicamente, mas que, ainda assim, possui características de marcação que são bem executadas. Conforme definiu:

*O Doraci, que eu sempre digo, né?, o Doraci não era o melhor jogador do time, mas era o mais importante, né? Ele era o equilíbrio, era o ponto de equilíbrio, tanto..., tanto para... para dar sustentação na marcação do meio-campo, como — não só isso! —, Doraci quando... de vez em quando eu me soltava lá de trás, me mandava..., gostava de dar umas arrancadas, e ele cobria, ele tinha uma noção de posicionamento fora de série. Um volante... O Doraci era um volante que jogava sem correr, né? De tão, tão esperto que ele era. (VIEIRA, 2020)*

Nota-se que estas memórias se referem aos seus ex-colegas de profissão, além de versar sobre as características de cada um para a construção dos resultados conquistados no decorrer do Campeonato Brasileiro de 1985.

A partir dos depoimentos dos ex atletas, pode-se observar que a constância em uma equipe de futebol pode ser um fator importante para a vitória ou a derrota.

Além de um trabalho continuado pelo clube no início da década de 1980, Vieira (2020) fez questão de lembrar que, apesar da mudança entre treinadores de diferentes características, a relação entre treinadores e atletas era “muito bacana”, de “confiança” - essa característica citada, no linguajar popular do futebol é comumente chamada de “ser bom de grupo”, “ser bom de vestiário” e, também, “ter o grupo na mão”.

Rogério Moreira, cita que o período de 1982 até 1985 foi de importância para formar o grupo que veio a ser terceiro colocado no Campeonato Brasileiro de 1985, conforme mencionou:

*A base do grupo já vinha desde 82, 83, vinha sendo formado, né?! Permaneceram alguns jogadores conosco a mais tempo, que era o caso do Lívio, do Júnior Brasília, do Doraci, do Andrezinho; o Hélio e o Silva já estavam despontando, Bastos, enfim, uma série de jogadores. O Bira já desde 84 já estava se afirmando, já era uma realidade em 85, né?! (MOREIRA, 2019)*

De modo similar à fala de dois jogadores na página anterior, também quem esteve fora de campo observou características similares às citadas por atletas que compunham o elenco que jogou o campeonato. Conforme o jornalista Sergio Cabral (2020):

*O Brasil chegou onde chegou eu acho, assim, tem alguns aspectos que tem de salientar: primeiro, tinha um grupo de jogadores muito envolvido, com a liderança das pessoas que comandavam o clube. Isso, foi o que me despertou muito a atenção. Aquilo que era pregado, aquilo que era prometido, aquilo encaminhado em reunião de vestiário, de direção, de comissão técnica era cumprido. Aquilo que os jogadores esperavam do clube eles colocavam em prática dentro de campo. Existia, assim, uma intimidade do Valmir Louruz [treinador do Brasil de Pelotas durante o Campeonato Brasileiro de 1985], um exemplo do período do Louruz, que era uma coisa de respeito, de amizade. Se o time perdia, perdiam todos; se o time ganhava, ganhavam todos, mas existia um espírito tão forte, um comprometimento tão bacana dos jogadores. Te digo porque eu viajava junto! Eu não ia no voo tal e esperava o Brasil chegar; eu pegava o ônibus junto com o grupo, eu pegava o avião junto com o grupo, eu ficava no hotel junto com o grupo. (CABRAL, 2020) [grifos do autor]*

Claudio Andrea (2019) vê nos anos que antecedem 1985 o motivo para a campanha de destaque no Campeonato Brasileiro. Através de sua memória, relembra e sente saudade – termo utilizado pelo depoente – dos times das décadas de 1980, cita jogadores já destacados no Capítulo 2, em anexos.

*Em 83 começou o Brasil a fazer um bom time. Em 83 quando o Marino Louzada era o presidente do Brasil e nós contratamos o Luiz Felipe. O Luiz Felipe vinha do Juventude, era preparador físico e ele foi, então, o nosso treinador. Aí começamos a montar o time. Em 85, já era o amigo, grande amigo dele, o... Louruz o treinador. Aí começamos, então, a qualificar. Quer dizer, trouxemos o Andrezinho, o meia-esquerda, o Doraci que acabou de*

*falecer<sup>69</sup>, ele já jogava em 83; então, tínhamos o Zezinho; o Zezinho era um grande ponta-esquerda, um jogador de gabarito mesmo, então, nós tínhamos jogadores fabulosos. Hoje dá, dá saudades de quando a gente se lembra desse time. (ANDREA, 2019)*

Tendo, aqui, por foco de análise as memórias sobre os anos iniciais da década de 1980 e finais de 1970, observa-se que na narrativa de todos os depoentes estão presentes características que podem ser consideradas como condicionantes para que o Brasil de Pelotas alcançasse o terceiro lugar em um Campeonato Brasileiro de Primeira Divisão. Para fins desta pesquisa, não interessa buscar respostas para possíveis perguntas, como, por exemplo “por que o Brasil foi “tão longe?””, mas, a partir das falas acima expostas, constata-se que o passado próximo que antecedeu o Campeonato Brasileiro de 1985 foi essencial, pois a partir destes anos o Clube manteve certa constância – manter atletas no elenco, por exemplo. Todos depoentes relembram o ano objetivado em roteiro de entrevista, mas o fazem tendo por base eventos anteriores.

Acima se vê que relembrar é uma ação humana que gera sentimentos intrinsecamente ligados ao passado como a saudade – um sentimento nostálgico pode-se notar visualmente durante as entrevistas. Uma das possibilidades que o historiador e a historiadora podem constatar é a presença de uma memória afetiva, é justamente pelos adjetivos citados pelos depoentes. Inclusive, na interpretação de Nora (1993), a memória é sempre afetiva.

No trecho de entrevista observado acima, se vê a exaltação de um passado, com orgulho. Não cabe ao pesquisador, durante a execução da metodologia de história oral interromper o narrador em prol de uma maior “objetividade dos fatos”, ou até mesmo fazer um julgamento de valor, pois este não é o interesse em premissa no método, mas, sim, através da transcrição, observar que a memória é sempre subjetiva e que pode ser rememorada como um exercício prazeroso pelo depoente. Tendo por base o conceito de memória afetiva, para Nora (1993):

[a memória] é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. (NORA, 1993, p. 9) [grifos do autor]

---

<sup>69</sup> O ex-jogador Doraci, que atuava como volante, faleceu no dia 25/04/2019. Sobre este atleta, ver mais em: <https://www.redeesportiva.com.br/gremio-esportivo-brasil/morre-doraci-craque-com-a-camisa-5-do-xavante/>.

Delgado (2010), em relação ao sentimento de saudade, comenta que este pode ser experimentado, inclusive por pessoas que não viveram no tempo em que determinado acontecimento ocorreu, ou seja, o sente, pois, uma narrativa positiva é passado em frente no decorrer dos anos.

É muito comum escutar pessoas referindo-se à saudade de um tempo no qual ainda nem viviam, mas que nos registros legados de geração para geração lhes foi apresentado como uma boa época, como um tempo de esperanças. Trata-se de imagens disseminadas e registradas pelo senso comum, por livros, por amigos, por familiares e, também, muitas vezes, pela própria história institucional. (DELGADO, 2010, p.17)

Outro tema que, durante diferentes narrativas de mais de um depoente, apresentou similaridades, diz respeito às dificuldades financeiras enfrentadas pelo clube no ano da disputa do Campeonato Brasileiro de 1985. A questão financeira, por motivos da tarefa as quais exerciam à época, foi mais narrada nas falas dos ex-dirigentes. Conforme Claudio Andrea (2019) comentou:

*O Brasil jogou até campeonatos nacionais nos anos 79, 80..., claro, teve nesse período crises financeiras, quer dizer, problemas quase que insanáveis, mas como sempre, né?! O Brasil cresceu sempre... O Brasil sempre andou..., nunca pegou asfalto liso, né?! Sempre estrada esburacada, quer dizer, isso faz parte do nosso DNA, é dificuldade! Nós somos, como dizem, que nem fênix, né? Das cinzas a gente ressurgiu, né?! (ANDREA, 2019)*

Segundo o mesmo narrador, uma das justificativas para as crises de longa data, que, conforme sua fala “fazem parte do DNA do clube”, foi e, segundo pode-se observar, continua sendo, a falta de uma regularidade de pagamentos nos programas de sócios do clube. Sobre isso, cita a existência dos “sócios safristas” - aqueles que só pagam mensalidades em meses com partidas, ou escolhem quais os melhores jogos para marcar presença nas arquibancadas.

*Mas nessa época..., é que eu não sei mais, mas nessa época era nessa base [cinco mil sócios], assim. Mas era safrista: é sócio que faz as contas. Bom, se eu sou sócio, eu vou assistir a tantos jogos, quer dizer, compensa para mim. Então, eu vou... É essa a mentalidade! E essa mentalidade não pode existir. (ANDREA, 2019) [grifos do autor]*

Para explicar a realidade financeira de 1985, também citou como exemplo a distância entre a realidade dos programas de sócios do nosso país com países europeus, nos quais são vendidos carnês com jogos para toda uma temporada.

*Tu vês os campeonatos Europeus estão sempre com os estádios completos. As pessoas compram carnê todo ano, quer dizer, comparecem; quer dizer, é uma ca..., é muito triste de ver um clube com a torcida que o Brasil tem nesse campeonato brasileiro da série B e ver metade da população, quer dizer, o estádio, vários espaços da arquibancada vazios! E se diz: “ahhh, vamos baixar o preço!” Mas se baixa o preço, mas daí o que*

*que acontece, quer dizer, a nossa televisão que nos dá o dinheiro também nos tira, porque o pessoal vai para os bares aí, o pessoal faz “gato”<sup>70</sup>, quer dizer, da Net<sup>71</sup>, enfim, aí bota o jogo ao vivo e o pessoal não vai ao estádio.*  
(ANDREA, 2019)

O Campeonato Brasileiro de 1985 apresentou uma média de público de 11.625, uma diferença de apenas 2.489 pessoas em relação ao Campeonato Brasileiro de 1979, que obteve uma média de público de 9.136 (ver mais sobre esta edição do Campeonato Brasileiro de Futebol no capítulo 2). Vale lembrar que a baixa presença de torcedores nos estádios no ano de 1979 era citada pelos clubes das capitais e de maior tradição, como uma situação derivada das políticas de escolhas das equipes que participavam do Campeonato, o que levou o Campeonato Brasileiro de 1979 a ser disputado por um total de 94 equipes (o de 1985 foi disputado por 44). A crítica presente no final da década de 1970 estava fundamentada na ideia de que os jogos eram menos atrativos ao público.

Os três últimos excertos das narrativas de Claudio Andrea apresentam uma mescla entre o passado – não somente 1985, mas, mais recuado, pois, como citou “[O Brasil] nunca pegou asfalto liso, né?! Sempre estrada esburacada, quer dizer, isso faz parte do nosso DNA [...]” (ANDREA, 2019) e uma realidade atual – a ausência de um público maior devido às comodidades oferecidas pelos canais televisivos, além de citar os campeonatos nacionais da Europa.<sup>72</sup> Em 2019, ano da entrevista concedida por Claudio Andrea, o Brasil de Pelotas obteve uma média de público de 2.658 torcedores (FREIRE, 2019) – vale destacar que, desde o ano de 2015, o Estádio Bento Freitas encontra-se em obras de ampliação e melhorias estruturais (PELEIAFC, 2020), o que faz com que parte do estádio esteja inutilizado para receber público.

O presidente do clube no ano de 1985, Rogerio Moreira, destacou que, a partir de 1984, o clube teve o seu primeiro patrocinador no material esportivo, uma empresa de fertilizantes e, durante o Campeonato Brasileiro, contou com um patrocínio que foi intermediado por um atual patrono do clube, o empresário Érico Ribeiro, conforme comentou:

---

<sup>70</sup> Termo utilizado para se referir a uma ligação irregular de televisão por assinatura.

<sup>71</sup> A Net é uma empresa de canais por assinatura.

<sup>72</sup> Na temporada 2018/2019, os dez clubes europeus que mais somaram público ao final da temporada tiveram uma média de 65.859 torcedores presente em seus estádios. Ver mais em: <https://blogdorafaelreis.blogosfera.uol.com.br/2019/04/24/dortmund-supera-80-mil-de-media-de-publico-barcelona-cresce-16-em-um-ano/>. Acesso em: 28/08/2020.

*Era muito complicado como sempre foi a vida do Brasil, foi muito difícil a parte financeira como da grande maioria dos clubes do futebol brasileiro. Na época, estava começando, estava engatinhando ainda o patrocínio nas camisas, né?! Nós tivemos, em 84, o patrocínio da STAM, que era um grupo de..., uma multinacional no ramo de fertilizantes. Em seguida, depois, Dr. Érico Ribeiro – hoje patrono do clube! – através de as suas empresas do extremo sul e Beef Shop, os quais foram, pode-se dizer assim, os primeiros grandes patrocinadores que nós tivemos. E colaborava bastante, ajudava bastante, mas era muito difícil. O próprio fardamento, as condições do gramado, enfim, tudo era do caixa do clube que, basicamente, 70%, 80% dessa arrecadação era da bilheteria, né?! O quadro social era muito tímido, muito pequeno. (MOREIRA, 2019)*

Conforme o fechamento anual de contas da gestão de Rogerio Moreira em 1985, realizado em 16 de dezembro de mesmo ano (ver Anexo 5) de um total Cr\$ 2.872.236.134,00 arrecadados durante o ano, o valor de Cr\$164.842.000,00 foi atribuído à categoria de “mensalidade de sócios e legionário”, enquanto as cadeiras cativas deram retorno de Cr\$ 3.890.000,00. A maior fonte de renda do clube neste ano foram as bilheterias em dias de jogos, que somaram um total de Cr\$ 1.417.751.922,00. Conforme comentou:

*Seguia o clube vivendo praticamente da bilheteria, da contribuição de alguns abnegados, de algumas promoções realizadas pelo clube com a finalidade de buscar auxílio financeiro, né?! Basicamente isso. Um quadro social bastante reduzido, mas a bilheteria..., o torcedor do Brasil sempre foi muito presente, não é?! Na época, bem diferente do que é hoje em que os jogos são mostrados na televisão, então, o torcedor hoje se divide muito entre a presença no estádio e ficar em casa assistindo pela televisão. Naquela época, não! Então, a bilheteria era significativa! O Bento Freitas apanhava um bom público normalmente; tinha aquele torcedor tradicional de ir ao estádio, enfim, e viver de alguma venda de cadeira cativa; algumas coisas extras que pudessem acrescentar e se manter a folha de pagamento. (MOREIRA, 2019)*

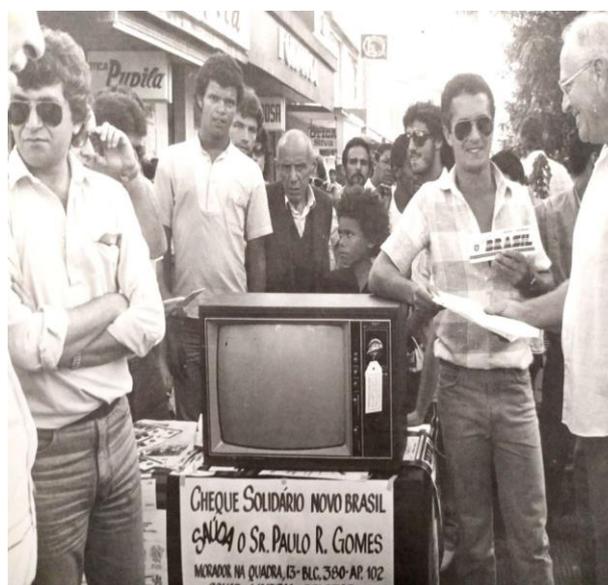
A exemplo de Andrea (2019), Moreira comenta as diferentes formas de arrecadação do clube; bem como estabelece uma divisão atual entre os torcedores que acompanham com regularidade o clube no estádio e os que assistem os jogos pela televisão. Rogerio Moreira (2019), cita que o clube tinha “*um quadro social bastante reduzido*”, enquanto a presença nas bilheterias eram o fator mais positivo para manter as finanças do clube. O ex presidente comenta que “*algumas coisas extras*” (MOREIRA, 2019) eram feitas para poder acrescentar e manter a folha de pagamento em dia. Dentre as ações extras para atrair receita, o clube promovia diversos sorteios, como de televisores (Figura 25), carros, dentre outros. Um exemplo é o que vemos em uma fotografia realizada no centro comercial de Pelotas, em que o ganhador de um televisor sorteado recebe o prêmio das mãos do presidente do clube (Figura 26).

Figura 25: Cartela referente ao sorteio de um televisor, promovido pelo clube



Fonte: Acervo Rogerio Moreira

Figura 26: Prêmio sendo entrega ao ganhador de um sorteio de televisor promovido pelo clube



Fonte: Acervo Rogerio Moreira

O apelo aos torcedores foi determinante para equilibrar as finanças do clube, conforme os ex-dirigentes rememoraram, não sendo a forma de captação de recurso ideal, mas sendo a possível e explorada de diferentes formas. Bira e Bastos teceram comentários acerca da participação da Torcida Xavante durante o Campeonato Brasileiro de 1985. Bira comentou que:

*O Brasil, um clube do interior do Rio Grande do Sul, incrível, por incrível que pareça, onde ia sempre tinha um torcedor. Não estou dizendo que nós vamos jogar lá em Recife e nós vamos ter dez mil torcedores do Brasil, não, fora disso, mas sempre tem um Xavante, sempre tem um Rubro-Negro à espera da delegação. Eu comecei a conhecer esse torcedor, realmente, em 84 quando eu comecei a entrar na equipe, eu era escolhido pelo técnico para ser o primeiro a substituir. Então, eu era aplaudido toda vez que eu entrava, porque, na verdade, eu sempre fui um finalizador, e as coisas aconteciam para mim. Então, esse carinho é de longo tempo. Quando culminou, no ano de 85, de eu ser o vice artilheiro daquela competição,*

*ajudando aquela equipe e o clube a chegar naquela posição que chegou, que é lembrada até hoje. Esse torcedor, desde então, nunca deixou de me dar um “bom dia”, uma “boa tarde”, de me abraçar, de tirar foto, de me cumprimentar, de relembrar esse tempo. Isso me envaidece, e é uma coisa que carrego comigo, carreguei sempre comigo. (BIRA, 2019)*

Para Bastos, um fator que repercute em sua memória é a proximidade de torcedores em dias de treinamentos. Relembrou, especificamente de um senhor que tinha por costume acompanhar os treinos do Brasil de Pelotas quando ocorriam fora o Estádio Bento Freitas.

*Eu me lembro de uma passagem de um senhor que, quando nós jogávamos aqui em Pelotas, nós nos concentrávamos na Cascata ou então, depois, no hotel da barragem — que agora não me lembro o nome ali<sup>73</sup>... Tinha um senhor que todos os dias, [ali, no caso], ele ia de bicicleta lá, principalmente, na Cascata — olha, que daqui da cidade até a Cascata é um trajeto —; ele cedo estava lá para nos dar apoio, para dizer que estava confiando em nós, sabe? Que a gente poderia contar com ele e com eles na arquibancada, que eles estariam presentes. E eu me lembro como se fosse hoje, como eu estou conversando contigo. Era um senhor, ele chegava com uma bicicleta preta, tinha distintivo do Brasil nos paralamas, o banco tinha distintivo do Brasil e a bicicleta era vermelha e preta. Então era uma coisa assim que nós, todos os jogadores, a gente “lá vem o senhor!!!”, eu só não me lembro do nome dele agora, né, “ele já está aí”. Ele conversava com todos os jogadores que estavam concentrados. Então aquilo ali nos dava um up! Uma coisa que era brincadeira! Quando nós vínhamos chegando lá no estádio, pô, a torcida! Enlouquecida! Então, nós estávamos grandões, com diz, como tem na gíria do futebol (BASTOS, 2020)*

A proximidade que o ex-lateral xavante comentou acima também foi citada por Bira, conforme comentou sobre a relação entre torcida e elenco “*Era muito próximo. Não tinha essa história de fechar portão pra treino [...] Os torcedores vinham conversar, a gente podia conversar com eles. As vezes vinham nos visitar no vestiário.*” (BIRA, 2018)

Bira também rememorou sobre o jogo contra o Bahia o torcedor rival “torceu pelo Brasil” (BIRA, 2018). Relembrando a ação que a torcida do Bahia fez em jogo realizado na Fonte Nova, em Salvador, em que, em jogo disputado no dia 21 de julho de 1985, como o Bahia não tinha mais chances de avançar para as semifinais (ver mais no Quadro 7), os torcedores apoiaram o time pelotense, em detrimento ao próprio clube, pois naquela contexto, uma vitória do Brasil de Pelotas levaria o Xavante à semifinal do Campeonato, eliminando o Flamengo, já que teria melhor campanha. O jogo terminou com vitória da equipe visitante por 3x2. Esse episódio foi anunciado um dia antes pelo jornal Diário Popular como um cenário provável. Na

---

<sup>73</sup> O Hotel ao qual Bastos se refere trata-se do Tourist Parque Hotel, localizado na BR-116, na cidade de Pelotas, estando distante do Estádio Bento Freitas em um total de 9 km.

capa do dia 20 de julho de 1985, constava: “*Torcedor do Bahia quer perder este jogo para o Brasil. E quer ver a caveira do Flamengo*” (Diário Popular, 20/07/1985, p. 1).

No mesmo dia, no caderno de esporte, continha a reportagem que segue:

Torcida do Bahia quer o Brasil classificado. A torcida do Bahia torce pelo Brasil, amanhã, em Salvador. Pelo menos foi o resultado de uma enquete feita praticamente pelas quatro emissoras de rádio de Salvador, que entrevistaram 3.000 torcedores. Eles preferem o Brasil ao Flamengo, nas finais da Taça Ouro. (DIÁRIO POPULAR, 20/07/1985, p. 19)

A matéria acima pode mostrar uma predileção de torcedores por equipes consideradas de menor expressão quando estas confrontam as equipes grandes do futebol nacional – grandeza, de maneira menos subjetiva, podendo ser demarcada pelo chamado G12 do futebol brasileiro – grupos dos 12 maiores times do país -, sendo este composto pelos seguintes clubes: Clube Atlético Mineiro, Botafogo de Futebol e Regatas, Sport Club Corinthians Paulista, Cruzeiro Esporte Clube, Clube de Regatas do Flamengo, Fluminense Football Club, Grêmio Foot-Ball Portoalegrense, Sport Club Internacional, Sociedade Esportiva Palmeiras, Santos Futebol Clube, São Paulo Futebol Clube e Clube de Regatas Vasco da Gama. Juntos, as equipes que compõem o G12 conquistam um total de 44 títulos disputados entre 1971 e 2019; as exceções foram Guarani Futebol Clube campeão em 1978, Coritiba Foot Ball Club em 1985, Sport Club do Recife em 1987, Esporte Clube Bahia em 1988 e o mais recente Club Athletico Paranaense em 2001. Vale ressaltar que nunca uma equipe do interior gaúcho havia chegado tão longe na disputa de um Campeonato Brasileiro como o Brasil de Pelotas em 1985, feito que se mantém até o ano de 2020.

Acerca deste jogo em específico, Hélio Vieira destacou a qualidade da equipe do Bahia, fazendo questão de citar a autoria de um gol seu em uma vitória do Brasil de Pelotas contra o clube soteropolitano.

*[...] os jogos com o Bahia foram dois grandes jogos. Nós ganhamos aqui de virada, 2 x 1; o Bahia, a 26 jogos invictos, veio a Pelotas, saiu ganhando 1 x 0 — um baita time, baita time, o Bahia era muito bom — e nós viramos. Virou..., terminou o primeiro tempo 1 x 0 Bahia e, nós no segundo tempo, viramos o jogo com a dupla de zaga marcando gol, eu marquei um gol e o Silva<sup>74</sup> marcou o segundo; eu empatei e o Silva marcou o segundo gol. O último jogo com o Bahia lá também, 3 x 2, a vitória de 3 x 2 na Fonte Nova também foi outra. (VIEIRA, 2020)*

---

<sup>74</sup> Silva foi companheiro de zaga de Hélio durante o Campeonato Brasileiro de 1985. Ver lista de jogadores que consta em anexo.

Ainda sobre a partida disputada em Salvador, Bira relatou o encontro entre a delegação Xavante e parte do elenco do time adversário:

*Depois do jogo a gente acabou encontrando alguns jogadores do Bahia no restaurante onde nós estávamos, e aí eles disseram “a surpresa maior é a equipe de vocês, do interior do Rio Grande do Sul, estar ocupando a posição que ocupa hoje no campeonato, esse campeonato tão difícil. (BIRA, 2018)*

O presidente do Brasil de Pelotas de 1985 utilizou o termo “surpresa” dentre os adversários. Argumentando sobre a passagem do Xavante contra clubes de capitais, tradicionais no futebol nacional. Conforme citou Rogerio Moreira:

*As equipes não imaginaram que tivesse no interior do Rio Grande do Sul uma equipe pequena, uma equipe que estava começando a participar mais ativamente; já tinha tido uma boa campanha no ano anterior. Que fez com que a gente perdesse aquele medo, não o respeito, mas o medo de fazer um enfrentamento com grandes equipes como o Flamengo, que nós já tínhamos enfrentado e vencido em 84<sup>75</sup>, voltamos a enfrentar e vencemos em 85, né?! O Flamengo ainda mais reforçado; tinha trazido o Zico de seu retorno à Itália para o futebol brasileiro. Quando viram, nós estávamos ali, disputando, vencendo e derrotando essas equipes mais tradicionais; equipes grandes no futebol brasileiro. Eu acredito que tenha sido isso: a surpresa, que eles não imaginavam e, o nosso grupo de jogadores que percebeu que podíamos ter um enfrentamento de igual para igual com essas equipes. (MOREIRA, 2019)*

O confronto em casa contra o Flamengo, disputado no dia 18 de julho de 1985, válido pela fase final do Campeonato Brasileiro daquele ano (ver mais no capítulo 2) pode ser descrito como o momento mais rememorado dentre os quatro diferentes extratos dos depoentes. Como já citado na introdução, um reencontro entre ambas as equipes no ano de 2015, em jogo válido pela Copa do Brasil repercutiu na mídia, em que, foi constatado que o jogo entre Brasil de Pelotas e Flamengo de 1985 foi lembrado pela imprensa esportiva das metrópoles brasileiras, tendo as equipes de filmagens da ESPN, por exemplo, se deslocado à cidade de Pelotas e entrevistado o ex-atacante Bira.

Sobre esta partida, o jornal pelotense Diário Popular, além do exposto na Figura 17, em reportagem um dia após a vitória contra o Flamengo, destacou, logo de início, em manchetes de seu caderno de esportes o seguinte: *“Brasil mata Flamengo e com vitória se classifica” “Um grande jogo, cheio de emoções fortes”*

---

<sup>75</sup> O jogo ao qual o ex-presidente do Brasil de Pelotas se refere foi disputada no dia 21/03/1984, no estádio Bento Freitas, válido pela segunda fase do Campeonato Brasileiro de 1984. O placar final foi Brasil de Pelotas 1 x 0 Flamengo.

(DIÁRIO POPULAR, 19/17/1985, p. 19) e *“Fillol<sup>76</sup> desesperado, depois da segunda falha”* DIÁRIO POPULAR, 19/17/1985, p. 20) . Em mesma página, descreve:

A vitória do Brasil sobre o Flamengo ontem à noite no estádio Bento Freitas fez nascer no torcedor uma certeza. Se o Brasil não classificar, é por detalhe. O adversário de domingo é o Bahia – de “sangue doce” na Fonte Nova. A torcida promete ir à Bahia e até um avião já foi colocado à disposição dos torcedores. Domingo vitória classifica. (DIÁRIO POPULAR, 19/17/1985, p. 20)

O termo “sangue doce” utilizado na matéria jornalística diz respeito ao fato de o Bahia, naquela altura do Campeonato, já estar eliminado (ver Quadro 7). Este foi um dos motivos para o torcedor do Esporte Clube Bahia ter torcido para o Brasil de Pelotas em jogo do dia 21/07/1985, conforme comentou Bira.

As qualificações, que estão presentes em textos jornalísticos como os acima mencionados, auxiliam na criação da memória sobre determinado acontecimento. Em apenas três exemplos, nota-se os termos “grandes jogos”, “Brasil mata Flamengo” e, conforme Figura 18 – esta do jornal Zero Hora – “Brasil humilha o Flamengo”. Tendo por base a linguagem, Motter (1990) comenta que a “história e imprensa, enquanto produtos do fazer humano, mediados pela linguagem, interferem de modos diversos na constituição da consciência e na visão que o homem tem do mundo e de si.” (MOTTER, 1990, p. 55).

Em todas as narrativas de depoentes selecionadas, vemos o que Candau (2012) qualifica como uma “memória de alto nível”, “[...] que é essencialmente uma memória de recordação ou reconhecimento: evocação deliberada ou invocação involuntária de lembranças.” (CANDAU, 2012, p. 23). Parte dessa memória que é rememorada no decorrer dos anos se confunde entre diferentes narradores, pois tem uma base em comum.

Cabe destacar que os exemplos de rememoração presentes na mídia impressa dão ênfase, assim como o marketing do clube, a partida em que o Brasil venceu o Flamengo pelo placar de 2x0. Conforme se observa, 15 anos após a partida, em matéria publicada no dia 16 de julho de 2000 no jornal Diário Popular, com título *“A campanha inesquecível”* e subtítulo *“Brasil recorda sua maior glória em nível nacional no mês que volta a disputar o Brasileiro<sup>77</sup>”* (DIÁRIO POPULAR, 16/07/2000, p. 28):

---

<sup>76</sup> Ubaldo Fillol, goleiro do Flamengo e da Seleção Argentina de Futebol.

<sup>77</sup> Em 2000 o Brasil de Pelotas participou da Copa João Havelange na segunda divisão, nesta edição chamada de “Módulo Amarelo”, enquanto a primeira divisão foi denominada de “Módulo Azul”.

[...] Em 1985, o Brasil apresentou momentos excepcionais para o seu torcedor, afinal, foram adversários de nível técnico infinitamente superior, equipes de tradição com atletas de nível apuradíssimo, com nome no país e no exterior. [...] As bilheteiras tiveram lotadas todo o dia. Às 18h foram abertos os portões e as filas para entrar no estádio formaram quatro quadras. Devido à lotação da Baixada por volta das 20h a Rede Globo anunciou no Jornal Nacional, a transmissão do jogo direto para todo o Brasil, inclusive para Pelotas. (DIÁRIO POPULAR, 16/07/2000, p. 28).

Em parte significativa da folha 28 desta edição de domingo, 16 de julho de 2000, (Figura 27) foi disposta uma imagem dos jogadores do Brasil de Pelotas e membros da direção do clube do ano de 1985.

Figura 27: Reportagem do ano de 2000 no jornal Diário Popular



Fonte: Acervo Rogerio Moreira.

Pode-se considerar a já mencionada superação um dos fatores que justificam o destaque dado pela imprensa em suas reportagens que rememoram, no mês de junho de diferentes anos, a participação do Brasil de Pelotas no Campeonato Brasileiro de 1985. Acerca da disputa entre Brasil e outras equipes, Vieira comentou:

[...] a gente entendia o favoritismo dos clubes em relação a nós. Mas a gente não aceitava o favoritismo dos times em relação a nós. Até porque dentro do campo... Eu lembro que nós perdemos um jogo pro Flamengo, lá no Rio de Janeiro partida de um a zero com pênalti arranjado. Nós jogamos, assim, de igual para igual como time grande com o Flamengo. Com uma maturidade que só uma equipe madura, que é muito confiante daquilo que

pode fazer, mostra em campo, sabes? E nós não... não aceitávamos essa condição de time zebra. O clube, sim, era zebra. (VIEIRA, 2020)

Sobre este aspecto, Bastos comentou “[...] eu não diria que foi uma zebra porque nós trabalhamos para isso e nós, no momento em que as coisas foram evoluindo, nós começamos a acreditar na possibilidade, por que não?, de chegar até o título” (BASTOS, 2020).

No ano de 2005, duas décadas após a participação do Xavante na edição do Campeonato Brasileiro, o jornal Diário Popular, desta vez em 6 setembro – um dia antes do aniversário de fundação do Brasil de Pelotas -, dedicou inteiramente a sua capa para referenciar a campanha do Brasil, com as seguintes frases “O futebol também faz história” e “Brasil, uma campanha inesquecível” (DIÁRIO POPULAR, 06/09/2005).

Figura 28: Capa do jornal Diário Popular em 2005



Fonte: Acervo Rogerio Moreira

Da mesma forma que em 2000, o jornal pelotense Diário Popular, ao mencionar a participação do Brasil de Pelotas no Campeonato Brasileiro de 1985, utilizou a definição “inesquecível”. Também na capa desta edição (Figura 28), pode-se ser observado o seguinte texto: “Passados 20 anos do episódio esportivo que marcou a presença do clube no cenário do futebol brasileiro – e na véspera do dia em que completa 94 anos – uma homenagem a todos que fazem a grandeza Xavante”. (DIÁRIO POPULAR, 06/09/2005). Em um total de oito páginas, essa edição traz, além de um poster que ocupa duas páginas, uma série de textos

comentando sobre a história do clube, sendo feito um apanhado da trajetória do clube desde a sua fundação, dando maior destaque para o ano de 1985.

Os narradores não citaram apenas os jogos finais, seja contra Bahia ou Flamengo, sendo este último, como já demonstrado, a partida que mais recebeu atenção da imprensa. Três décadas após a vitória do Brasil contra o Flamengo, esta partida continua sendo lembrada em matérias jornalísticas e, também, pelo próprio clube em ações de marketing. Bira utilizou a expressão “cereja do bolo” para definir o embate entre Rubro Negro Carioca e o Rubro Negro Pelotense:

*Então, o jogo do Flamengo é a cereja do bolo – vamos dizer, assim!! É a cereja do bolo porque é o jogo que mais a gente fala quando se está entre amigos ou quando encontra amigos no centro, e até torcedores do Brasil, aqueles que não fazem parte do nosso quadro de amizade frequente, mas eles tocam muito nesse jogo do Flamengo; como foi a vitória?; como foi aquela noite que antecedeu o jogo?; aquela coisa toda. Para esse torcedor, eu até brinco: mas tu estavas lá?, Ele diz “sim”!! Mas de onde saiu tanta gente?? Eu não entendo! Todo mundo com quem eu falo diz que estava naquele jogo!!! Então, é uma recordação muito positiva. (BIRA, 2019)*

O ex-zagueiro Hélio Vieira rememorou acerca de duas partidas sobre a Ponte Preta, citando um empate contra a equipe de Campinas como um exemplo de como o time do Brasil era, na sua expressão, uma equipe com “maturidade”.

*O time do Brasil era um time... era..., eu falo em maturidade porque nós não nos intimidavam e, cito, por exemplo, como aconteceu em Campinas, contra a Ponte, que nós perdemos por 2 x 0, buscamos um empate, 2 x 2, dentro do Moisés Lucarelli, com a Ponte Preta vencendo, né?! Á época, uma ótima equipe. (VIEIRA, 2020).*

O jornalista Sergio Cabral lembrou do jogo realizado contra o Corumbaense Futebol Clube, equipe com sede localizada na divisa com a Bolívia (ver Quadro 6). Ele comentou que, para jogos disputados longe de Pelotas, eram realizados diferentes estratégias por parte da rádio em que ele trabalhava; além dele próprio buscar promover a transmissão de partidas em ondas de rádio. Rememora que:

*[...] Mato Grosso, Corumbá. Teve! A gente se..., a rádio se disponibilizava. A rádio vendia comerciais e, a gente, quando podia arrumar parceiros que apoiassem, empresas, para o repórter ter, não a passagem, não a despesa de alimentação e de voo, mas de..., para o repórter ter uma condição melhor de cobertura, ele podia, também, arrumar apoios. (CABRAL, 2020)*

Acerca da última partida do Brasil de Pelotas nesta edição do Campeonato Brasileiro – a última do clube na primeira divisão até o ano de 2020. Bastos comentou que foi um dos momentos mais marcantes para ele, dando ênfase ao ambiente criado no Maracanã para o jogo Brasil e Bangu, que valia vaga para a final

da competição, que seria disputada em único jogo, conforme mandava o regulamento (ver mais no Capítulo 2).

*Eu me lembro que no caso, como se fosse hoje, na época o Castor de Andrade era o dono do Bangu, não é? Botou o ingresso como se fosse hoje dois reais!! Aí juntaram futebol com carnaval. As baterias de todas as escolas de samba do Rio de Janeiro se juntaram e botaram lá, no caso, vinte, trinta ritmistas, cada escola, aí tu imaginas, com mais 80 mil pessoas, lá dentro?! Isso é uma coisa que me marcou. Nós perdemos o jogo, mas ficou marcado, em todos os sentidos, né? Que até então eu nunca tinha jogado no Maracanã. Aí tu vais jogar no Maracanã com uma equipe que, até então — porque naquele ano, também, — no Bangu ninguém acreditava, né? O Bangu acabou indo para a decisão, perdeu o campeonato, mas acabou indo para a decisão. Mas foi uma coisa que me marcou muito, muito, muito foi esse jogo lá no Maracanã com 80 mil pessoas. (BASTOS, 2020)*

O nome comentado por Bastos como dono do Bangu de 1985, é de Castor Gonçalves de Andrade e Silva, antigo financiador e presidente de honra do Bangu, que também era personagem conhecido no Rio de Janeiro por ser envolvido no jogo do bicho. A última partida disputada pelo Xavante na elite do futebol nacional, no dia 28 de julho de 1985, foi assistida *in loco* por aproximadamente 40.000 torcedores.

Vieira comentou, com resignação, a primeira partida da semifinal entre Brasil de Pelotas e Bangu, que foi realizada no Estádio Olímpico, em Porto Alegre, pois, conforme o regulamento, o Estádio Bento Freitas não tinha a capacidade mínima para receber um jogo da semifinal da competição.

*Na verdade, o jogo aqui em Porto Alegre, que nós perdemos de 1 x 0, foi um jogo criminoso e que nós jogamos melhor do que o Bangu. O Bangu teve um gol acidental gol contra do Jorge Batata, e o Gilmar que era o goleiro do Bangu na época, fez várias defesas, assim, muito difíceis. Eu lembro que o primeiro lance de gol do jogo foi com o Lívio, aos 40 segundos, ele, Gilmar fez uma defesa fora de sério poderíamos sair..., poder sair ganhando a 40 segundos de jogo. (VIEIRA, 2020)*

O presidente do clube em 1985, Rogerio Moreira, relembrou que o Brasil foi prejudicado, pois, conforme conta, mesmo com a derrota para o Bangu, o Xavante deveria participar da primeira divisão do Campeonato Brasileiro de 1986, o que não ocorreu. Moreira comenta que:

*Embora o regulamento do campeonato em 85 – o mesmo regulamento que nos tirou do Bento Freitas naqueles jogos finais com Bangu, fez com que nós nos deslocássemos para Porto Alegre – esse mesmo regulamento garantia, para os clubes que chegassem à fase semifinal do campeonato, uma participação direta no campeonato de 86. Mas a CBF não honrou isso. (MOREIRA, 2019)*

Com relação à disputa contra o Bangu, o ex-dirigente Claudio Andrea deu ênfase, também, ao regulamento. O Brasil de Pelotas não pode jogar a semifinal do Campeonato em seu estádio, pois a capacidade do Bento Freitas era inferior aos 40.000 lugares disponíveis para torcida. Comentou que:

*Até nós chegarmos entre os quatro e, aí, sim, aí que foi aquele problema em que nós tivemos de jogar a semifinal, quando o Brasil era mandante, em Porto Alegre, no Olímpico, pelo fato de o Brasil não tinha um espaço para 40 mil expectadores como mandava o regulamento. Até diziam que o presidente do Bangu, o bicheiro, esse Castor de Andrade, quer dizer, tinha comprado os dirigentes do Brasil, quer dizer é..., aquela..., mas não teve nada disso, tchê! Foi cumprido o regulamento que exigia que teria de ser 40 mil pessoas e não tivemos outra alternativa. Quando nós fomos jogar no Rio, nós não fomos jogar também em Moça Bonita que era o estádio do Bangu, nós fomos jogar no Maracanã por causa da capacidade. (ANDREA, 2019)*

Em 28 de julho de 1985 o Brasil de Pelotas perdeu no Maracanã para o Bangu pelo placar de 3x1. Como já mencionado, esta foi a última partida do clube na primeira divisão do Campeonato. Após 1985, o Xavante oscilou entre o segundo, terceiro e quarto escalão do futebol nacional.

Reportagens sobre o Campeonato Brasileiro de 1985 voltaram a estampar páginas da imprensa local no ano de 2020. Entre os dias 14 e 17 de julho – mesmo mês em que o Brasil se despediu do Campeonato – o jornal Diário Popular publicou uma série de textos rememorando a participação do clube pelotense naquela temporada no topo do futebol nacional.

Em matéria do dia 14 de julho de 2020, o título foi “*Um passo de cada vez*”, em um texto que contém elementos citados pelos depoentes deste estudo, tanto em entrevistas de mesmo ano, como as realizadas em 2019. Conforme observa-se, descrevendo como uma “epopeia” a participação do clube no Campeonato Brasileiro de 1985:

*Uma epopeia que começa alguns anos antes. Em 1983, para ser mais preciso. No planejamento de uma direção que sonhava em ver o Rubronegro desbravando o país. Dirigentes cuja única ambição era ver o Brasil consolidado no mapa do futebol nacional e que não mediam esforços para superar as dificuldades financeiras, que talvez fossem até maiores do que as de hoje. Em uma época em que a dupla Gre-Nal começava a dominar o futebol gaúcho, com o tricampeonato brasileiro colorado em 1979 e o título mundial gremista em 1983, o grito da resistência vinha do interior. (DIÁRIO POPULAR, 14/07/2020, p, 18)*

Dentre os pontos abordados nesta série de reportagens, uma das manchetes foi “Análise: como o Brasil venceu o Flamengo?” (DIÁRIO POPULAR, 17/07/2020, p. 18). Neste dia, o jornal pelotense trouxe o seguinte texto:

Em 35 anos, todos já ouviram a seguinte frase: o Brasil parou Zico. Mas afinal, como isso foi feito? A resposta é simples: o Xavante não parou Zico, até por ser impossível parar um jogador de tamanha qualidade. Porém, o técnico Valmir Louruz fez o que se faz com jogadores deste quilate: fez a bola chegar menos e só deu espaço em locais onde ele não trazia risco. (DIÁRIO POPULAR, 17/07/2020, p. 19)

A partir deste trecho, pode-se observar a ideia estabelecida de que o Flamengo era o franco favorito a sair vitorioso na disputa. Assim como observado no Capítulo 2, o jornal, mais uma vez, deu ênfase a participação de Zico no elenco do Flamengo – em uma antítese do Brasil de Pelotas composto por jogadores sem a mesma fama do meio campista do Flamengo e da Seleção Brasileira nos anos 1980. Em busca de uma resposta para essa questão, o Diário Popular elaborou um quadro informativo sobre as ações dos atletas do Xavante durante a partida, conforme consta na Figura 29:

Figura 29: Matéria jornalística de 2020 sobre o jogo entre Brasil x Flamengo

 <p><b>JOÃO LUIZ</b> Deleas: 3 Interceptações: 2 Corte: 2 Passes: 3 Lançamentos: 11 (5)</p>	 <p><b>JORGE BATATA</b> Passes: 16 (12) Desarmes: 10 (9) Duelos: 31 (22) Cortes: 14 Interceptações: 3 Cruzamentos: 2 (0)</p>	 <p><b>JÚNIOR BRASÍLIA</b> Passes: 17 (13) Desarmes: 4 Duelos: 24 (15) Cortes: 3 Cruzamentos: 4 (2)</p>
 <p><b>NEI DIAS</b> Passes: 22 (12) Desarmes: 4 Duelos: 26 (12) Cortes: 9 Interceptações: 2 Cruzamentos: 3 (0)</p>	 <p><b>DORACI</b> Passes: 14 (12) Desarmes: 2 (1) Duelos: 13 (10) Cortes: 19 Interceptações: 5</p>	 <p><b>CANHOTINHO</b> Passes: 16 (8) Desarmes: 6 Duelos: 42 (26) Cortes: 2 Interceptações: 4 Cruzamentos: 7 (1)</p>
 <p><b>SILVA</b> Passes: 18 (16) Desarmes: 2 Duelos: 13 (11) Cortes: 34 Interceptações: 2</p>	 <p><b>ALAMIR</b> Passes: 17 (12) Desarmes: 12 (10) Duelos: 52 (27) Cortes: 9 Interceptações: 3 Cruzamento: 1 (0)</p>	 <p><b>BIRA</b> Passes: 8 (5) Desarmes: 1 Duelos: 34 (12) Cortes: 1</p>
 <p><b>HÉLIO</b> Passes: 15 (10) Desarmes: 4(3) Duelos: 19 (9) Cortes: 13 Interceptações: 2</p>	 <p><b>LÍVIO</b> Passes: 26 (20) Desarmes: 9 Duelos: 34 (19) Cortes: 4 Interceptações: 2 Assistência: 1 Cruzamento: 1 (0)</p>	 <p><b>MÁRCIO</b> Passes: 2 (1) Duelos: 5 (1) Cortes: 2 Interceptações: 1</p>

Fonte: Diário Popular. 17/07/2020, p. 19

Na mesma página, junto às informações das atuações dos jogadores, consta, também, mais uma vez, o foco na disputa contra o atleta Zico – em particular o embate contra o volante Doraci, o zagueiro Alamir e o meio campo Lívio, jogadores do Brasil de Pelotas:

A questão é que, perto da área e por dentro, Zico não conseguiu jogar. Quando ele entrava na intermediária, sempre havia um dos três meias para pressionar. Doraci venceu seis duelos, Alamir três e Lívio outros três. O Galinho regeu o Flamengo, como sempre, porém longe do palco principal. (DIÁRIO POPULAR, 17/07/2020, p. 19)

Em matéria do dia 15 de julho de 2020, o jornal Diário Popular comenta sobre a importância de Valmir Louruz, o treinador da equipe – mencionado anteriormente neste capítulo pelos narradores como um treinador “bom de grupo”, sensível ao que se passava no vestiário entre os atletas -, além de citar que o Brasil de Pelotas se tornou “uma potência no interior”:

Em 1985, o Brasil estava entre os gigantes do futebol brasileiro. O vice-campeonato gaúcho dois anos antes e a boa campanha em 1984 consolidaram o Rubro-negro como uma potência do interior gaúcho. Um time consciente do momento de defender e de atacar. Uma equipe que jogava por música, em uma orquestra regida nas notas mais especiais por um maestro detalhista, que mostrou sua grandeza por onde passou e que hoje deixa saudades: Valmir Louruz, o comandante que vive na memória de quem é apaixonado pelo Grêmio Esportivo Brasil e que tem o seu nome marcado na história. (DIÁRIO POPULAR, 15/07/2020, p. 20)

Conforme consta em texto da edição de sábado e domingo, 18 e 19 de julho de 2020, em matéria intitulada “*A grande herança Xavante*”, a participação do clube em nível nacional no ano de 1985 deixou um legado. Ou seja, uma constância do passado que passou a modelar a forma de como o clube iria se organizar de 1985 em diante. Trazendo relatos de Rogério Zimmermann – treinador do acesso à segunda divisão do Campeonato Brasileiro em 2015 –, Cleber Gaúcho – ex-jogador do Brasil na década de 1990 e anos 2000 – e, também Luizinho Vieira, também ex-jogador que passou pelo clube nos anos 1990:

Em 1985, o Brasil estava entre os gigantes do futebol brasileiro. O vice-campeonato gaúcho dois anos antes e a boa campanha em 1984 consolidaram o Rubro-negro como uma potência do interior gaúcho. Um time consciente do momento de defender e de atacar. Uma equipe que jogava por música, em uma orquestra regida nas notas mais especiais por um maestro detalhista, que mostrou sua grandeza por onde passou e que hoje deixa saudades: Valmir Louruz, o comandante que vive na memória de quem é apaixonado pelo Grêmio Esportivo Brasil e que tem o seu nome marcado na história. (DIÁRIO POPULAR, 18.19/07/2020, p. 28)

Não cabe aqui ter como proposta analisar toda a série de reportagens realizadas no ano de 2020, porém, ao analisar as reportagens de jornais impressos sobre o Xavante no ano de 1985, constata-se uma constante: a comemoração de um feito. Dessa forma, em um discurso que vem sendo construído desde o ano de 1985 (Figuras 17 e 18), além das reportagens desse ano, é possível ver menções na imprensa, em mesmo tom, em 2000 (Figura 27), 2005 (Figura 28) e 2020 (Figura

29). Acerca destas reportagens, espaçadas em 20 anos em relação a primeira e última citada, e em 35 anos em relação à campanha do Brasil de Pelotas no Campeonato Brasileiro de 1985; vemos um tom de reverência ao feito considerado histórico na existência do clube.

Tomando como premissa que é viva e mutável a memória, a Campanha do Brasil de Pelotas no Campeonato Brasileiro de 1985 é identificada como um feito histórico, tanto pela imprensa, como pelos atores sociais envolvidos neste episódio – conforme observado em suas narrativas. Empiricamente, pode ser constatado como um momento de ruptura/mudança na história de um clube de futebol e que traz, ainda hoje, memórias que vem sendo construídas e tendo diferentes usos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo por base as memórias de diferentes narradores entrevistados, através de leituras de textos historiográficos que dissertam acerca de temáticas como o futebol na cidade de Pelotas e, também, sobre o próprio Grêmio Esportivo Brasil, tornou-se possível notar como se construiu um clube de futebol profissional e, também, como se projetou toda uma simbologia e identidade que perpassam a história desta instituição, sendo estas construídas em diferentes momentos e nas mais diversas formas durante os 109 anos de sua existência.

Constatou-se que a cidade de Pelotas desde o início do século XX foi palco da fundação de clubes de futebol das mais variadas origens – à época do futebol amador, foi demonstrado no estudo algumas dezenas de equipes que nasceram e desapareceram em diferentes décadas, levando em conta que, atualmente, a cidade conta com três equipes profissionais remanescentes dos primeiros 30 anos de futebol praticado em Pelotas: o Grêmio Esportivo Brasil, de 1909; o Esporte Clube Pelotas, de 1908 e o Grêmio Atlético Farroupilha, de 1926. No caso do Brasil de Pelotas, como visto durante os três diferentes capítulos, entre as décadas de 1910 até os anos 1980 - do amadorismo ao profissionalismo -, em contextos diferentes na história do futebol brasileiro, formou-se enquanto um clube que participou de competições diversas - torneios, campeonatos em nível estadual e nacional, além de ter disputado amistosos dentro e fora do país.

Com o referencial teórico e metodológico sendo baseado nas orientações da história oral – sendo as narrativas construídas através das entrevistas, cotejadas com outras fontes, como figuras e periódicos impressos, ou seja, de maneira híbrida, foi possível notar que, durante os depoimentos dos atores sociais envolvidos com o Grêmio Esportivo Brasil de Pelotas no ano de 1985 na disputa do Campeonato Brasileiro da primeira divisão de mesmo ano, as narrativas foram trazidas de maneira em que, ao analisá-las, percebe-se que existem tópicos recorrentes dentre os diferentes depoentes e sobre estes, não constatou-se maiores discordâncias, podendo-se interpretar, então, como pessoas que possuem o costume de manter lembranças sobre um passado em comum, de acontecimentos rememoradas em outros momentos.

As principais memórias sobre a participação do clube nessa edição do Campeonato versam, de maneira similar entre os entrevistados, sobre as superações, a torcida, a saudade e a felicidade de terem participado de um momento em que o clube ao qual são, ainda hoje, ligados afetivamente, alcançou lugar entre as melhores equipes de futebol no Brasil, na principal competição nacional – feito este que não foi superado por nenhuma outra equipe do interior do sul do país.

Essas memórias expostas nas narrativas destacadas no estudo demonstram como o passado é importante para pensar o hoje no futebol, haja vista os usos que são feitos desse passado. O ano de 1985 é comemorado no Brasil de Pelotas, tanto como instituição; como, também, entre seus torcedores e, em diálogo com os diferentes suportes de memória, constroem uma memória coletiva e uma identidade em torno do clube.

Materiais esportivos comemorativos, livros e troféus, por exemplo, são produtos de um passado rememorado não apenas no momento em que o pesquisador consultou os depoentes, pois, como pessoas envolvidas em torno de uma equipe profissional, tem a memória sobre o Campeonato Brasileiro de 1985 como uma memória com narrativa estabelecida firmemente em bases comuns, que se constitui a partir de diferentes segmentos – entre torcedores, jornalistas, diretores e atletas.

Tanto os ex-dirigentes, ex-jogadores, torcedores e, em sua medida um jornalista, tratam do ano de 1985 com carinho – demonstrando uma memória afetiva, sendo que, durante as entrevistas, tornou-se possível notar as variadas expressões dos narradores, tais quais os momentos de maior ânimo em suas falas – como quando narram as vitórias -, de reflexão quando olham para o passado estando situados no tempo presente e rememoram com reverência os feitos situados há mais de três décadas atrás.

Foi possível notar que suportes de memórias físicos estão presentes junto à parte dos narradores, isso por si só bastaria para compreender que estas pessoas possuem “apego ao passado”, pois, através da materialidade de camisetas – no caso do ex-jogador Bastos –, quadros, troféus e livro – com o ex-dirigente Claudio Andrea –, além de diversas fotografias, recortes de jornais e documentos que constam no acervo pessoal de Rogerio Moreira – presidente do Clube em 1985.

Todos estes bens materiais, de valor histórico e sentimental para quem os guarda, são bases para levar em frente a narrativa de um feito localizado no passado. Além de peças materiais, a imaterialidade presente no jogo dialético que constrói a memória é observada, pois narrativas similares podem ser aproximadas em matérias jornalísticas em tom próximo da fala dos diferentes depoentes.

Vale dizer que a memória de cada narrador é expressa de diferentes formas, a formação de seu discurso nunca será igual ao de outro narrador. O que pode aproximar diferentes narrativas são as bases comuns que estas possuem, os momentos compartilhados. É importante destacar que, cada narrador possui uma formação de vida diferente em relação ao outro, possuindo visões acerca do passado e sobre o mundo distintas, refletindo como o passado é rememorado na sua lógica narrativa pessoal.

Em memórias que se mostram seletivas, tanto os narradores como a imprensa escrita da cidade – em 1985, 2000, 2005 e 2020 – destacam passagens em comum acerca do Brasil de Pelotas e o Campeonato Brasileiro de 1985.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Orais**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.
- ALVES, Eliseu de Mello. **O Futebol em Pelotas (1901-1941)**. Pelotas: Livraria Mundial, 1984.
- ANDREA, Claudio Milton Cassal de (org.). **Identidade Xavante**. Pelotas: Editora Textos, 2011.
- AQUINO, Rubim Santos Leão de. **Futebol, uma paixão nacional**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- CABO, Alvaro Vicente do. Os primórdios do futebol uruguaio: da English high school à celestial garra charrúa. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, julho, 1-13. 2011
- CAHN, Susan K. Sports Talk: Oral History and Its Uses Problems, and Possibilities for Sport History. In: **The Journal of American History** Vol. 81, n. 2 (Set., 1994), p. 594-609.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira. – 1. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2012.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. **Um Historiador fala de Teoria e Metodologia**. Bauru: EDUSC, 2005.
- CHARTIER, Roger. Textos, impressão e leitura. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- COUTO, Euclides de Ferreira. A esquerda contra-ataca: Rebeldia e contestação política no Futebol Brasileiro (1970-1978). In: **Recorde Revista de História do Esporte**. v. 3. nº. 1. Rio de Janeiro, p. 1-22, 2010,
- CUNHA, Aline Nunes. **Futebol, memória e identidade operária**: uma análise sobre a prática futebolística em Pelotas nas décadas de 1930 a 1960. 2008. 164f. Dissertação em Educação – Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, Rio Grande do Sul.
- DAMATTA, Roberto (Org.). **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Orais**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. 2. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativas: tempo, memória e identidades. In: **Revista História Oral**. v. 6, p. 9-25 (2003).
- ESCHER, Thiago de Aragão; REIS, Heloisa Helena Baldy. **Futebol e sociedade**. Brasília: Liber Livro. 2006.

FERREIRA, Daniel Vinicius. História do Campeonato Brasileiro de Futebol (1971-1987): Para além da narrativa da “modernização” do futebol brasileiro. In: **Revista Hydra**. v. 3, n. 5 (2018).

FERREIRA, Daniel Vinicius. **Visões de um jogo e o jogo das visões: as condicionantes para a vitória do Coritiba Foot Ball Club no Campeonato Brasileiro de 1985**. 2013. 197f. Dissertação em História – Universidade Federal do Paraná. Curitiba.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. **Da Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul – Censos do RS 1303-1950**. FEE: Porto Alegre, 1981.

FRANCISCHINI, Sandro Luis Montanheiro. **Campeonato brasileiro de futebol e a esportificação do futebol profissional (1971-1979)**. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos. 144f. São Carlos, 2006.

GAMBA, Filipe Ferreira. **Relação entre jornalistas esportivos e clubes de futebol**. Artigo para Especialização em Jornalismo Esportivo – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 1-10, 2013.

GILL, Lorena Almeida; SILVA, Eduarda Borges da. Perspectivas para a história oral. In: ROBERTT, Pedro; RECH, Carla; LISDERO, Pedro; FACHINETTO, Rochele Fellini (Orgs). **Metodologia em ciências sociais hoje**. v, 2 Jundiaí: Paco Editorial, p. 107-126, 2016.

GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009), **Revista de História**, n. 163, São Paulo, 2010, p. 293-350.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HALLAL, Dalila. **O Curso de Turismo da PUCRS: A trajetória dos seus 38 anos de existência do Bacharelado (1972) ao Tecnólogo (2010)**. 2010. 61f. Tese em História – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

HARDMAN, Francisco. **Nem pátria, nem patrão**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

HELAL, Ronaldo. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Editora Brasiliense. 1990. Coleção Primeiros Passos, nº. 235.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **A voz da torcida: Biografia, História Oral e Memória nos relatos de antigas lideranças torcedoras**. Aurora, n. 9, p. 27-47, 2010. Disponível em: <www.pucsp.br/revistaaurora>. Acesso em 10 dez. 2018.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **Futebol, memória e relatos orais: a trajetória de ex-jogadores da Seleção Brasileira e as narrativas memorialísticas das Copas do Mundo FIFA, entre 1954 e 1982**. História Oral, v. 20, n. 1, p. 101-123, jan./jun. 2017. Disponível em: <www.revista.historiaoral.org.br>. Acesso em 15 mai. 2020.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: ROMANO, Ruggiero (org.). **Enciclopédia Einaudi**. (Vol. 1 Memória-História). Porto: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1984, p. 95-106

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.

JOHNES, Martin. What's the point of Sports History? In: **The International Journal of the History of Sport**. Vol. 30, n. 1 (Jan. 2013), p. 102-108.

LONER, Beatriz Ana. **Classe Operária: Mobilização e Organização em Pelotas: 1888 – 1937**. Tese de doutorado em Sociologia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p. 727. 1999.

LONER, Beatriz Ana. Negros. In: LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mario Osorio (Orgs.). **Dicionário de História de Pelotas**. 3ª Ed. Pelotas: UFPel, p. 83-84. 2017.

LOHN, Reinaldo. “O tempo passou na janela”: imprensa, sociabilidades urbanas e espaço público durante a ditadura – um tempo presente brasileiro (Florianópolis, SC, 12968-1985). In: DELGADO, Lucília de A. N.; FERREIRA, Marieta de M. **História do Tempo Presente**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

LUCENA, Celia Toledo. **Artes de lembrar e de inventar: (re)lembranças de imigrantes**. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.

MACIEL, Osvaldo Batista Acioly. Estatutos de Sociedades Mutualistas e a História Social do Trabalho: Conjecturas em Torno da Sociedade Beneficente Proteção e Auxílio da Cia. União Mercantil (Fernão Velho, 1876/1879). **Revista Crítica Histórica**. n. 1. Disponível em:

<<https://sites.google.com/site/revistacriticahistorica/numerozero/artigos-fluxo-contnuo/estatutos-de-sociedades-mutualistas-e-a-histria-social-do-trabalho>>. 2010, Acesso: 18 junho. 2020.

MASCARENHAS, Gilmar. **A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul (tese)**. USP, 2001.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol**. Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: Como fazer, compensar**. – 2. Ed. - São Paulo: Contexto, 2011.

MELO, Victor Andrade de. Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo e MELO, Victor de Andrade de. **O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ / 7 LETRAS, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1995.

MORORÓ, Anderson de Carvalho; SOARES, Priscila Gonçalves. Balanço historiográfico sobre o futebol no Brasil. In: MATA, Sérgio Ricardo da; MELLO, Helena Miranda; VARELLA, Flávia Fiorentino (Orgs.). **Anais do Seminário Nacional de História da Historiografia: Aprender com a história?** 3, 2009, Ouro Preto/MG. Anais... Ouro Preto: EDUFOP, 2009, p. 03-17.

MOTTER, Maria Helena. História e imprensa. **Revista Comunicações e Artes**. São Paulo: USP, n. 24, p. 55-61, set.-dez. 1990.

MÜLLER, Dalila. Viagens de recreio: primeiras manifestações do turismo em Pelotas/RS. In: **História do Turismo no Brasil**, 2012, p. 147-164.

NAPOLEÃO, Antonio Carlos; ASSAF, Roberto. **Seleção Brasileira: 1914-2006**. Rio de Janeiro: Mauad X. 2006.

NOGUEIRA, Teresinha de Jesus Araújo Magalhães. Memória, história oral e narrativa: o encontro do possível na multiplicidade de pontos de vista. In: **VII Congresso Brasileiro de História e da Educação**. Cuiabá: Universidade Federal do Mato Grosso. 2013, p. 01-13.

NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. In: **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, PUC**, n. 10, 1993.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. Educação, memória e histórias de vida: usos da história oral. In: **Revista História Oral**. V.8, n.1, jan/jun 2005. São Paulo: Associação Brasileira de História Oral. 2005, p. 91-106.

PEREIRA, Edmílson. **Rubro-Negros, alvinegros e tricolores**. Porto Alegre, Clube de Autores. 2017. EBOOK disponível em: <<https://clubedeautores.com.br/livro/rubronegros-alvinegros-e-tricolores>>. Acesso em: 30 mai. 2020.

PERIN, Gilberto; SCHLEE, Aldyr Garcia. **Camisa Brasileira**. São Paulo: Ardotempo, 2011.

RASCH, Rafael Andreoli. **O nosso sangue e a nossa raça: história, memória e identidade "Xavantes": (Estudo de caso da partida entre G. E. Brasil e C. R. Flamengo, Taça de Ouro 1985)**. 2013. 76f. Monografia em História – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo III. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1997.

RIGO, Luiz Carlos. **Grêmio Esportivo Brasil**. In: Dicionário da História de Pelotas. 3ª Ed. Pelotas: UFPel, p. 150-151. 2017 In: LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mario Osorio (Orgs.). **Dicionário de História de Pelotas**. 3ª Ed. Pelotas: UFPel, p. 150-151. 2017.

RIGO, Luiz Carlos **Memórias de um Futebol de Fronteira**. Coleção História e Etnias de Pelotas, vol. 8. Pelotas: Editora da UFPel, 2004.

SILVA, Everton Lessa da. A historiografia do Carnaval de Pelotas: dialogando com imagens momescas. In: **V Congresso Internacional de História**, p. 1551. Set-2011.

SANTOS, Daniel Araujo dos. **Futebol e política: a criação do campeonato nacional de clubes**. Dissertação em História, Política e Bens Culturais - Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, p. 148. 2012.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. Campeonato Brasileiro de Seleções: economia de um projeto nacional (1922-1932). In: **Revista Heera** - Universidade Federal de Juiz de Fora, v.6 27-47, 2011.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. O monopólio nos esportes: uma comparação da organização dos esportes comercializáveis nos Estados Unidos, na Inglaterra e no Brasil (1870-1920) In: **História econômica & história de empresas**. v. 15. n 2. p. 47-80, 2012.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. GRANJA, Alex Lopes. “Maloqueiro e sofredor”: memórias, identidades e oralidades de uma torcida de futebol. In: **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**. v. 29 n. 2. p. 1-24. 2016.

SOUTO, Sérgio Montero. **Uma revisita à era de ouro do futebol**: quando os títulos do passado têm de ser driblados pelo hegemon do mercado. FuLiA/UFMG, v. 4, n. 2, p. 115-130, 2019.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Torcer: a metafísica do homem comum. **Revista de História**, São Paulo, n. 163, p. 175-189, jul./dez. 2010.

UNZELTE, Celso. **O livro de Ouro do Futebol**. São Paulo: Ediouro, 2002.

VENTURINE, Maria Cleci. **Rememoração/comemoração** : prática discursiva de constituição de um imaginário urbano. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, 235f. 2008.

Zschornack, Luciano Voigt. **Grêmio Atlético Farroupilha**: Memórias de um time imbatível. 2005. 34f. Monografia em História – Fundação Universidade de Rio Grande. Rio Grande.

## PERIÓDICOS:

**Correio Mercantil**, segunda-feira, 07.10.1901, p. 2.

**Diário da Manhã**, quinta-feira, 18.07.1985, p. 13.

**Diário Popular**, domingo, 12.08.1906, p. 2.

**Diário Popular**, terça-feira, 13.11.1906, p. 2.

**Diário Popular**, sexta-feira, 19.07.1985, p. 1.

**Diário Popular**, sábado, 20.07.1985, p. 1; p.19-20.

**Diário Popular**, domingo, 16.07.2000, p. 28.

**Diário Popular**, terça-feira, 06.09.2005, p. 1.

**Diário Popular**, terça-feira, 14.07.2020, p. 18-19.

**Diário Popular**, quarta-feira, 15.07.2020, p. 20.

**Diário Popular**, quinta-feira, 16.07.2020, p. 18-19.

**Diário Popular**, sexta-feira, 17.07.2020, p. 18-19.

**Diário Popular**, sábado e domingo, 18.07.2020/19.07.2020, p. 27-28.

**Do Dia**, quarta-feira, 13.09.1961, n.p.

Revista Placar, dia 24 de fevereiro de 1978. Coluna Meio Tempo. “O Profeta Heleno Nunes”. In: SANTOS, Daniel Araujo dos. **Futebol e política**: a criação do

campeonato nacional de clubes. Dissertação em História, Política e Bens Culturais - Fundação Getúlio Vargas.

**Rio de Janeiro**, p. 134. 2012.

**Revista Placar**, nº 765, p 04. 25/01/1985

**Zero Hora**, 19.07.1985, p. 38.

**Zero Hora**, segunda-feira, 15.07.1985, p. 63.

#### SITES:

ALMEIDA, José Ricardo Caldas e. **CAMPEONATO BRASILEIRO DE SELEÇÕES, 31/05/2020**. Disponível em: <<https://www.rsssfbrasil.com/tablesae/br1922s.htm>>. Acesso em: 10/07/2020.

**BRASIL EM SÍNTESE**. Disponível em: <<https://brasilmsintese.ibge.gov.br/territorio/dados-geograficos.html>>. Acesso: 02 jul. 2019.

GIESBRECHT, Ralph Mennucci. **Estações ferroviárias no Brasil**, s.n.t. Rio Grande. Disponível em: <[http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs\\_bage\\_riogrande/riogrande.htm](http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs_bage_riogrande/riogrande.htm)>. Acesso em 8 jul. 2020.

**CAMPEONATO BRASILEIRO 1979**. Disponível em: <[http://www.bolanaarea.com/brasileirao\\_1979.html](http://www.bolanaarea.com/brasileirao_1979.html)>. Acesso em: 12 mai. 2020.

**CAMPEONATO BRASILEIRO 1985**. Disponível em: <[www.bolanaarea.com/brasileirao\\_1985.htm](http://www.bolanaarea.com/brasileirao_1985.htm)>. Acesso em: 28 ago. 2020.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL (CBF). **Seleção Brasileira jamais perdeu com Garrincha e Pelé**. Disponível em: <<https://selecao.cbf.com.br/noticias/brasil-57/selecao-brasileira-jamais-perdeu-com-garrincha-e-pele#.Wm09uojwblU>>. Acesso: 02 jan. 2018.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL (CBF). **Sobre a CBF**. Disponível em: <[www.cbf.com.br/a-cbf/institucional](http://www.cbf.com.br/a-cbf/institucional)>. Acesso em: 02 jan. 2018.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL (CBF). **Campeonato Brasileiro de Futebol – Série A**. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro>>. Acesso em: 12 mai. 2020.

**Estádio Bento Freitas**: A Baixada. Disponível em: <<http://www.gebrasil.com.br/estadio/>>. Acesso em 12 mai. 2020.

**Feature Film, Released between 1946-01-01 and 1946-12-31**. Disponível em: <[https://www.imdb.com/search/title/?year=1946&title\\_type=feature&](https://www.imdb.com/search/title/?year=1946&title_type=feature&)>. Acesso em 20 ago. 2020.

FREIRE, Fernando. **Coritiba fecha a Série B de 2019 com a melhor média de público; Oeste é o lanterna; veja o ranking**. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/pr/futebol/brasileirao-serie-b/noticia/coritiba-fecha-a-serie-b-de-2019-com-a-melhor-media-de-publico-oeste-e-o-lanterna-veja-o-ranking.ghtml>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

**Historical Results.** Disponível em: <<https://www.rsssfbrazil.com/historics.htm#rs>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

PAIVA, Vinicius. **A pesquisa da vez:** Rio Grande do Sul – EXCLUSIVO. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/blogs/especial-blog/teoria-dos-jogos/post/pesquisa-da-vez-rio-grande-do-sul-exclusivo.html>>. Acesso: 28 dez. 2017.

**Saiba como estão as obras no Bento Freitas:** Disponível em: <https://www.peleiafc.com/post/saiba-como-estao-as-obras-no-bento-freitas>. Acesso em: 05 set. 2020.

**Símbolo.** Disponível em: <<http://www.gebrasil.com.br/simbolos/>>. Acesso em 12 mai. 2020.

**Sobre a CBF.** Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/a-cbf/institucional>>. Acesso: 02 ago. 2020.

TAVARES, Rafaela. **Brasil lança camisa em alusão aos 35 anos da vitória sobre o Flamengo.** Disponível em: <<https://www.redeesportiva.com.br/gremio-esportivo-brasil/brasil-lanca-camisa-em-alusao-aos-35-anos-da-vitoria-sobre-o-flamengo/>>. Acesso em: 01 ago. 2020.

**The History of FA.** Disponível em: <<https://www.thefa.com/about-football-association/what-we-do/history>>. Acesso em: 02 jul. 2020.

**XAVANTE** – O Centenário Rubro-Negro. Direção: Bruno Frantz e Felipe Fabião. Pelotas, Produtor In Cena, 2011. 111 min, Color. Disponível em: <[https://youtube.com/watch?v=Mw6nGr4a17M&ab\\_channel=Xavante7](https://youtube.com/watch?v=Mw6nGr4a17M&ab_channel=Xavante7)>. Acesso em 16 jan. 2018.

#### **ACERVOS:**

Claudio Andrea

CPDOC Nelson Nobre Magalhães – Universidade Católica de Pelotas

Rogério Moreira

#### **ENTREVISTAS:**

**Antonio Luiz Munhoso**, entrevista concedida a Juan Sampaio Neitzke. Pelotas, Brasil, 2020.

**Argeu Bastos**, entrevista concedida a Juan Sampaio Neitzke. Pelotas, Brasil, 2020.

**Claudio Andrea**, entrevista concedida a Juan Sampaio Neitzke. Pelotas, Brasil, 2019.

**Hélio Vieira**, entrevista concedida a Juan Sampaio Neitzke. Pelotas, Brasil, 2020.

**Nilton Pinheiro**, entrevista concedida a Juan Sampaio Neitzke. Pelotas, Brasil, 2020.

**Ubiraci Souza de Souza**, entrevistas concedidas a Juan Sampaio Neitzke. Pelotas, Brasil, 2018 e 2019.

**Rogério Moreira**, entrevista concedida a Juan Sampaio Neitzke. Pelotas, Brasil, 2019.

**Sergio Cabral**, entrevista concedida a Juan Sampaio Neitzke. Pelotas, Brasil, 2020.

## **APÊNDICE**

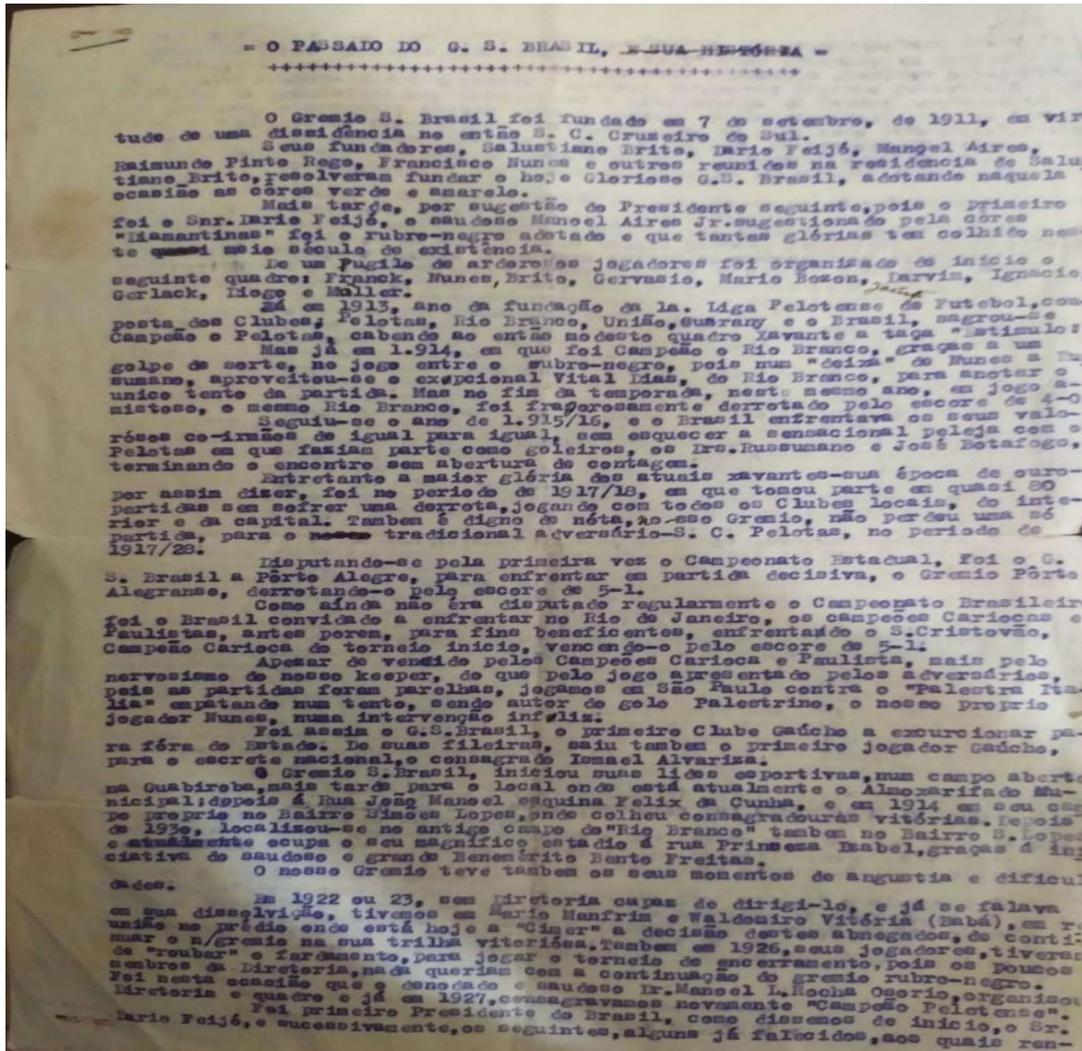
### **Apêndice 1 – Roteiro de entrevista**

1. O senhor autoriza a gravação desta entrevista e a sua posterior transcrição, para uso na pesquisa de mestrado de Juan Neitzke e, também, trabalhos acadêmicos posteriores?
2. Qual seu nome, idade, atividade atual, relação atual com o Brasil de Pelotas? (Dados pessoais gerais).
3. Em sua carreira/vida como jogador/dirigente/jornalista/torcedor, quais suas lembranças e memórias mais significativas?
4. Qual a sua relação com o Brasil de Pelotas? Desde quando? Qual a sua relação atual com o clube?
5. Qual sua memória mais significativa em sua relação com o Brasil de Pelotas? **6.** Que aspectos o senhor poderia destacar da trajetória do Grêmio Esportivo Brasil de Pelotas?
7. Qual considera mais importante? Por quê?
8. Qual a sua relação com a campanha do Brasil de Pelotas de 1985? Descreva a sua participação nesta campanha?
9. Como definirias a participação do Brasil de Pelotas no Campeonato de 1985? Que aspectos da campanha destaca?
10. Que aspectos considera importantes para que o Brasil chegasse no terceiro lugar do Campeonato?
11. Qual memória mais significativa na participação do Brasil de Pelotas?
12. Você rememora as lembranças de 1985 através de reencontros/contatos com colegas de clube da época?

Fonte: Autoria própria

## ANEXOS

## Anexo 1 – Comunicação enviada pelo Brasil de Pelotas à Rádio Pelotense em 1961



nome nossa homenagem e gratidão.

Manoel Aires Junior  
 Marcílio Carvalho  
 Terquatro Garcia  
 Salustiano Brito  
 Dr. Alberto Gigante  
 Dr. Manoel S. Lopes  
 Dr. Augusto S. Lopes  
 Dr. Jaime de Carvalho  
 Dr. João de Silva Silveira  
 Dr. Urbano Garcia  
 Dr. Ildelfonso S. Lopes Filho  
 Maria Manfrim  
 João Zabalata  
 Manoel Farias  
 Dirceu Dias  
 Dr. Flávio de Sousa  
 Júlio de Castilhos  
 Manoel Gerardo  
 Cel. Miran de Lino Machado  
 Dr. Dário Tavares  
 Dr. Vicente Russomano  
 Dr. José Assis  
 João Gomes Tavares  
 Benjamin Gonzales  
 Bento M. de Freitas  
 Dr. Hipólito de Amaral Ribeiro  
 Pedro N. de Azeite  
 Abud Bessi  
 Emil dos Anjos  
 Prof. Juvencio Dias da Costa  
 Saulo Silveira  
 Adir Cunha  
 José F. Dias da Costa  
 Rafael Brandi  
 Dr. Clóvis Russomano  
 Frederico Z. Sequeira  
 Dr. Antonio C. Fernandes  
 Dr. José Bahal.

Ainda devemos a um punhado de valerosos rubre-negros, que em suas  
 trajetórias gloriosas de nosso Grêmio.

São eles, entre outros, os seguintes:

Cel. Alfredo Braga  
 Cel. Manoel S. Lopes  
 Augusto Schmidt  
 João C. Curivos  
 Garibaldi Gentilini  
 João Miranda  
 Alberto Caleiro, alguns já falecidos.

Também aos antigos e devotados players, que sacrificando-se inteiramente, sem outro interesse a não ser a glória do nosso Clube, aqui se registram, e também aos que faleceram, nossas saudades,

Oswaldo Franck Ignácio Gerlack Francisco Nunes Salustiano Brito Irineu Freança Dávis Brum da Silveira Maria Bexon	Geruzaia Pedro Besseli Irineu Zabalata Dirceu e Flávio Lourenço Jorge Farias Waldemiro Vitória (Dadá) João da Cruz
---	--

e o saudosíssimo Gradim.

7 Setembro 1964  
 narrado ao microfone da Rádio  
 Pelotas - em 1964



## Anexo 3 – Folha salarial de jogadores do Brasil de Pelotas em maio de 1985

	MAIO	VALER	SALDO
✓ ALAMIR	200.000	1497.000	1503.000
✓ ALVARO	1.116.384	1.116.384	- 0 -
✓ DORACI	1.898.312	386.688	1.511.624
✓ SILVA	1.267.000	1.481.000	- 0 -
✓ GILBERTO	1.645.656	200.000	1.445.656
✓ HELOÍ	1.873.228	626.772	1.246.456
BASTOS	1.789.948	760.052	1.029.896
ASSIS	730.000	200.000	530.000
RODRIG	320.000	142.000	178.000
STANAR	1.381.656	551.000	830.656
JOAQUIM	1.500.000	1.500.000	- 0 -
ZÉZINHO	2.080.000	2.080.000	- 0 -
JUNIOR	2.016.656	1.365.344	651.312
LIVIO	3.326.656	1.653.312	1.673.344
CONHOZO	4.200.000		4.200.000
MARCIO	1.810.000		1.810.000
NEY DIAS	956.000	956.000	- 0 -
BIRA	1.000.000	802.000	198.000
VALDIR	1.873.328		INDS
WALMIR	3.167.500	332.500	1.335.000
			26.861.492
			24.676.148
			23.564.132
			21.902.944
			17.142.944

Fonte: Acervo Rogério Moreira

## Anexo 4 – Relação dos atletas em agosto de 1985

GRÊMIO ESPORTIVO BRASIL - DEPARTAMENTO DE FUTIBOL - RELAÇÃO DE ATLETAS INSCRITOS P/CAMPEONATO GAUCHO - Agosto/85									
1.	NOSLEN DA COSTA MEHL	- NOSLEN-	20.04.1956	- (29)	GOLEIRO-	91 kg	1,87		Vinculado
2.	GILBERTO PINTO PIRES	- GILBERTO-	16.12.1949	- (35)	GOLEIRO-	82	1,88		Vinculado
3.	L. IS ALFONSO BIELEMANN	- ALFONSO -	29.09.1965	- (20)	GOLEIRO -	78	1,80		Vinculado
4.	VALDIR MARQUES SOUZA	- VALDIR-	26.03.1958-	(27)	LATERAL DIR.	74	1,71		Passo Livre
5.	NEI SEVERINO DIAS	-NEI DIAS -	10.09.1953-	(32)	LATERAL DIR.	69	1,68		Passo Livre
6.	ARCEU MADRUGA BASTOS	- BASTOS-	24.06.1959-	(26)	LATERAL ESQ.	74	1,76		Vinculado
7.	JORGE PEDROSO ARAUJO	- JORGE BATATA-	29.11.62-	(22)	LATERAL ESQ.	80	1,80		Vinculado
8.	MARCIO OUEL NUNES	- MARCIO-	17.09.1958-	(26)	CENTRO MEDIO	73	1,77		Vinculado
9.	DORACI LIMA DOS SANTOS	- DORACI-	22.02.1956-	(29)	CENTRO MEDIO.	75	1,75		Passo Livre
10.	LIVIO DAMIÃO R. VIEIRA	- LIVIO-	01.04.1955-	(30)	MEIA DIREITA.	72	1,75		Vinculado
11.	FRANCISCO FRANÇA SILVA	- MAND-	02.04.1957-	(28)	MEIA DIREITA.	71	1,70		Emprestado
12.	ALAMIR BARRETO BORGES	- ALAMIR-	19.09.1956-	(28)	MEIA ESQUERDA.	78	1,82		Emprestado
13.	GERSON LUIZ GARCIA	- GARCIA-	10.03.1962-	(23)	PONTEIRO DIR.	70	1,76		Passo Livre
14.	ASSIS FERNANDO S. PERCIRA	- ASSIS-	18.11.1964-	(20)	PONTEIRO DIR.	69	1,74		Vinculado
15.	JOSE FCO. SOLANO JR.	- JR. BRASILIA-	10.04.58-	(27)	PONTEIRO DIR.	67	1,69		Vinculado
16.	PAULO RICARDO MASSENA	- PEITINHO-	07.07.1964-	(21)	CENTRO AVANTE	77	1,78		Vinculado
17.	JOSE ELDI LABRES	- ZEZINHO-	03.12.1957-	(27)	PONTEIRO ESQ.	70	1,76		Vinculado
18.	LUIZ ORAR DUARTE APARAL	- CANHOTINHO-	23.03.1956-	(29)	PONTEIRO ESQ.	72	1,76		Passo Livre
19.	EUGENIO CARLOS G.SILVA	- SILVA -	15.10.1962-	(22)	ZAGUEIRO CENTRAL-	82	1,86		Vinculado
20.	HELIO FERNANDO X. VIEIRA	- HELIO -	03.09.1963-	(22)	4º ZAGUEIRO.	74	1,76		Vinculado
21.	ROBALDO BROKTE.	- RONALDO-	23.09.1965-	(19)	4º ZAGUEIRO.	82	1,85		Vinculado
- ATLETAS QUE TREINAM COM FREQUENCIA-									
01.	ALVARO DA SILVA ARRAB	- ALVARO -	19 anos -		Zagueiro/Central				
02.	JOSE CONCEIÇÃO NETTO	- NETTO -	19 anos -		4º zagueiro.				
03.	JOSE CARLOS SOARES	- CASCA-	19 anos -		Lateral Direita				
04.	FERNANDO ROSA PIRES	- FERNANDO-	20 anos -		Lateral Esquerdo				
05.	JAIR ALVES	- JAIR -	20 anos -		Meia Esquerda.				
06.	PAULO SERGIO COMATTI	- PAULO SERGIO-	19		Ponteiro Esquerda.				

Fonte: Acervo Rogerio Moreira

Anexo 5 - Fechamento de contas do ano de 1985

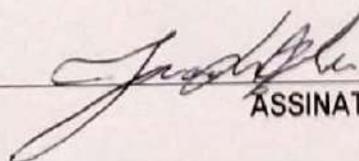
GRÊMIO BRASILEIRO BRASILEIRO	
DEMONSTRATIVO DA CONTA DE RESULTADO EM 16 DE DEZEMBRO DE 1985	
DESPESAS	DÉBITO
<b>DEPT. ADMINISTRATIVO</b>	
COMISSÕES PASSIVAS . . . . .	41.260.392.
CONSUMO DE LUZ E AGUA . . . . .	14.045.814.
DESPESAS DIVERSAS . . . . .	92.603.846.
DESPESAS DE JOGOS E COTAS . . . . .	507.740.332.
DESPESAS DE VIAGENS . . . . .	12.096.255.
JUROS PASSIVO . . . . .	242.052.332.
S A L Á R I O S . . . . .	79.117.932.
13º SALÁRIO . . . . .	3.747.947.
AJUDAS DE CUSTO . . . . .	45.274.300.
DESPESAS DE TELEFONE . . . . .	3.951.424.
ALUGUEIS PASSIVO . . . . .	8.560.596.
C O N D O M Í N I O . . . . .	5.119.182.
S E G U R O S . . . . .	1.205.865.
COMPRAS BOUTIQUE . . . . .	43.568.273.
PAGAMENTOS DE INPS. E FGTS . . . . .	20.152.206.
	<b>1.121.102.396.</b>
<b>DEPT. PROFISSIONAL</b>	
ALUGUEIS PASSIVO . . . . .	40.542.013.
AQUIZIÇÃO ATLETAS . . . . .	3.000.000.
INTERESTIMO DE ATLETAS . . . . .	131.500.000.
HOSPEDAGEM, VIAGENS E CONCENTRAÇÃO . . . . .	265.714.524.
DESPESAS C/FEDER.G. FUTEBOL . . . . .	13.629.286.
MEDICAMENTOS . . . . .	5.366.017.
MATERIAL ESPORTIVO . . . . .	28.851.539.
LAVANDERIA . . . . .	10.736.250.
S A L Á R I O S . . . . .	472.611.679.
13º SALÁRIO . . . . .	52.940.763.
AJUDAS DE CUSTO . . . . .	280.877.043.
L U V A S . . . . .	19.845.000.
G R A T I F I C A Ç Õ E S . . . . .	253.862.000.
	<b>1.759.476.114.</b>
<b>DEPARTAMENTO AMADOR</b>	
De. despesas e ajudas de custo do Dpt. . . . .	125.021.814.
<b>DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO</b>	
De. despesas d/dpt. mant. e reformas . . . . .	95.610.640.
	<b>3.101.210.964.</b>
<b>C R É D I T O</b>	
<b>RECEITAS</b>	
ALUGUEIS ATIVO . . . . .	5.354.350.
COMISSÕES LOTO E LOT. ESPORTIVA . . . . .	70.038.322.
PARTICIPAÇÃO NA LOTERIA ESPORTIVA . . . . .	224.934.964.
MENNALIDADE DE SÓCIOS E LEGIONAR . . . . .	164.842.000.
D O A Ç Õ E S . . . . .	82.422.680.
P R O M O Ç Õ E S . . . . .	176.364.723.
F U B I L I D A D E . . . . .	181.060.000.
RENDA DE JOGOS. E PARTIO . . . . .	1.417.753.922.
RENDAS DIVERSAS . . . . .	7.622.567.
C.B.F. AJUDA DE CUSTO CAMP. NACIONAL . . . . .	33.531.636.
VENDA DE ATESTADOS LIBERATÓRIO ATLET . . . . .	442.100.000.
CADEIRAS CATIVAS. (Taxa Manut.) . . . . .	3.800.000.
BOUTIQUE - VENDAS . . . . .	54.322.970.
DÉFICIT DO EXERCÍCIO . . . . .	2.872.236.134.
	<b>28.974.810.</b>
	<b>3.101.210.964.</b>
Déficit + Total da receita . . . . .	
Presidente	Contador - CRC-RR.

Fonte: Acervo Rogerio Moreira

## TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO

Eu, Juan Sampaio Neitzke, matrícula nº 18103401 declaro para todos os fins que o texto em forma de (X) Dissertação de Mestrado ou ( ) Tese de Doutorado, intitulado "O Campeonato Brasileiro de Futebol de 1985: memórias do Grêmio Esportivo Brasil de Pelotas" é resultado da pesquisa realizada e de minha integral autoria. Assumo inteira e total responsabilidade, sujeitando-me às penas do Código Penal ("Art. 184. Violar direitos de autor e os que lhe são conexos").

Pelotas, 28 de dezembro de 2020.

  
\_\_\_\_\_  
ASSINATURA